

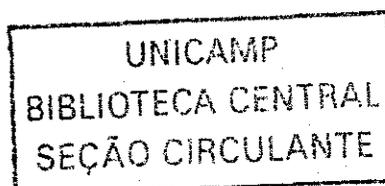
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - IEL
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E TEORIA DA LITERATURA

Entre duas pedras: catolé

(um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos
históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos
na composição de **Pedra do Reino**, de Ariano Suassuna)

Orientadora: Prof. Dr. Márcia Azevedo de Abreu
Mestranda: Débora Cavalcantes de Moura

Campinas - SP
20 de fevereiro de 2002



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - IEL
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E TEORIA DA LITERATURA

Entre duas pedras: catolé

(um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição de **Pedra do Reino**, de Ariano Suassuna)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de História e Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Literatura Brasileira

Orientadora: Prof. Dr. Márcia Azevedo de Abreu
Mestranda: Débora Cavalcantes de Moura

BANCA EXAMINADORA:


Prof.ª Dra. Márcia Azevedo de Abreu - Presidente

Prof.ª Dra. Marisa Philbert Lajolo - Membro

Prof.ª Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos - Membro

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Débora Cavalcantes de Moura.

e aprovada pela Comissão Julgadora em 22/07/2003.

Campinas - SP
20 de fevereiro de 2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP M865e
V	EX
TOMBO BCI	56171
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	11/10/03
Nº CPD	

CM00190392-4

Bib id 302192

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M865e	<p>Moura, Débora Cavalcantes de</p> <p>Entre duas pedras: catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição de Pedra do Reino, de Ariano Suassuna) / Débora Cavalcantes de Moura -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.</p> <p>Orientador: Márcia Azevedo de Abreu</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Suassuna, Ariano, 1927- Pedra do Reino. 2. Literatura de cordel – Brasil – Nordeste. 3. Sebastianismo – Brasil. I. Abreu, Márcia Azevedo de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

200332044

À memória de todos aqueles que
morreram lutando por um mundo
menos injusto, caso dos
sebastianistas de Pedra Bonita e de
tantos outros.

A Antônio e Maria, meus pais;
a Petrônio e Frederico, meus irmãos.

A Júlia, minha filha querida.

A Márcia Abreu, pela generosidade de
jamaís ter deixado de crer em mim e
na minha pesquisa.

Agradecimentos

Externo aqui meus agradecimentos sinceros:

- à FAPESP pela bolsa que me auxiliou a concretizar esta pesquisa;
- ao escritor Ariano Suassuna pela entrevista e pelas vezes que me recebeu em sua belíssima casa, no Recife;
- aos pesquisadores e funcionários das seguintes instituições: Arquivo Edgar Leuenroth e CEDAE- Centro de Documentação Alexandre Eulálio, na UNICAMP; Fundação Biblioteca Nacional e Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro; Instituto de Estudos Brasileiros da USP, em São Paulo; Fundação Joaquim Nabuco e Arquivo Público de Pernambuco, no Recife;
- aos funcionários da biblioteca, da direção, informática e secretarias de pós e de projetos do IEL, pela ajuda que me dispensaram durante o mestrado;
- a minha orientadora Márcia Abreu pela amizade e por ter iluminado as trilhas da dissertação;
- às professoras Orna Messer e Marisa Lajolo pelas contribuições no meu exame de qualificação;
- ao consultor FAPESP pelo incentivo dispensado à pesquisa;
- a Luís Antônio Mousinho, Dr. Assis, Petrônio Cavalcantes, Valdir Nogueira, Josafá, Ana Paz, Éverton Barbosa, ao escritor Carlos Newton, à José Olympio Editora, Helton Cardoso que, estando eu no Tocantins, tiveram a gentileza de me enviar livros e outros materiais imprescindíveis à pesquisa;
- à artista Maria Cavalcantes, minha mãe, pela confecção da capa e por jamais ter medido esforços em favor do meu crescimento pessoal e intelectual;
- a Diran Batista, Meire Cordeiro, Telma Siqueira Campos, Gesiel Almeida que, cada um a seu modo, me auxiliou na conclusão da dissertação;
- a Marcos Edilson, companheiro de inestimável importância na história do meu mestrado;
- a Deus, cuja presença é real em meu viver.
- a Nossa Senhora, mãe de Deus e nossa.

Resumo

Pedra do Reino é uma obra polifônica: no processo de composição do romance, o escritor Ariano Suassuna lançou mão de outros textos. Esta pesquisa tem como objetivo examinar as contribuições trazidas por duas das principais fontes do romance suassuniano: os textos históricos relativos ao movimento messiânico de Pedra Bonita e a literatura de cordel nordestina.

O primeiro capítulo aborda a recepção de **Pedra do Reino** pela crítica e história literárias. Seu objetivo é analisar o itinerário do romance no meio literário. Discute-se as diferentes leituras anotadas por alguns críticos, historiadores e literatos.

O segundo capítulo é um depoimento de Suassuna, elaborado com base numa entrevista que ele nos concedeu em maio de 1998. Com isso, depois de discutir o que os “outros” disseram acerca do romance suassuniano, pretendemos expor o parecer do próprio autor, quase trinta anos depois de sua publicação.

No terceiro capítulo encontra-se um estudo relativo à inserção dos textos históricos relativos ao movimento messiânico de Pedra Bonita, no interior de **Pedra do Reino**. Analisa-se os modos pelos quais Suassuna baseia-se nas crônicas sobre a trágica história da Pedra Bonita e inclui-nas no romance.

O último capítulo investiga os legados dos folhetos de cordel nordestinos no processo de composição do primeiro romance escrito pelo paraibano Ariano Vilar Suassuna. Optou-se, sobremaneira, por pesquisar os elementos que aproximam e distanciam **Pedra do Reino** da literatura de folhetos do Nordeste brasileiro.

Abstract

This research emphasizes the novel "**Pedra do Reino**" written by Ariano Suassuna. It covets to analyze contributions brought by the main dichotomy used on it: historical texts (connected with the messianic movement) and literatura de cordel nordestina.

The first chapter loves the reception of "**Pedra do Reino**" by criticism and historical literatures. The novel's analysis in the midst of literary work come up to be the gist of it. Criticism, historian and literary discussed it in different texts.

The second chapter presents Suassuna's deposition an interview given in May 1998. So that, we want to show an overview about what had been said in Suassuna's novel. Also, expose the author's opinion about it thirty years latter its composition.

There is, in the thirty chapter, a relative study about the historical texts inserted in the messianic movement of "Pedra Bonita", within "**Pedra do Reino**". Many nays that Suassuna's chronicles were included in the novel "Pedra Bonita" are analyzes in this chapter.

The last chapter seeks northeast serial popular poetry in the processes of Suassuna's first composition. It brings elements between "**Pedra do Reino**" and serial stories from the northeast of Brazil.

A PEDRA DO REINO

A Ariano Suassuna

1.

Foi bem saber-se que o sertão
não só fala a língua do *não*.

Para o Brasil, ele é o Nordeste
que quando cada seca desce,

que quando não chove em seu reino
segue o que algum remoto texto:

descer para a beira do mar
(que não se bebe e pouco dá).

2.

Os escritores que do Brejo,
ou que da Mata, têm o sestro

de só dar a vê-lo no pouco,
no quando em que o vê, sertão-osso.

Para o litoral, o esqueleto
é o ser, estilo sertanejo,

que pode dar uma estrutura
ao discurso que se discursa.

3.

Tu que conviveste o Sertão
quando no sim esquece o não,

e sabes seu viver ambíguo,
vestido de sola e de mitos,

a quem só o vê retirante,
vazio do que nele é cante,

nos deste a ver que nele o homem
não é só o capaz de sede e fome.

4.

Sertanejo, nos explicaste
como gente à beira do quase,

que habita as caatingas sem mel
cria romances de cordel:

o espaço mágico e feérico,
sem o imediato e o famélico,

fantástico espaço suassuna
que ensina que o deserto funda.

Sumário

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1: UMA RECEPÇÃO DE PEDRA DO REINO	09
Parte I	
Romance Picaresco	12
Quaderna e Dom Quixote	17
Transrealismo	19
Pedra do Reino X Grande Sertão: Veredas	20
Suassuna: “um pintor de sua aldeia” ou da condição humana?	25
Elementos autobiográficos	26
Discussão ideológica	31
Filiação de Pedra do Reino com a dramaturgia suassuniana	32
Parte II	
Sob o signo do silêncio: a situação de Pedra do Reino nas historiografias literárias	37
CAPÍTULO 2: MEMÓRIAS DE FICÇÃO E DE FAMÍLIA DO IMPERADOR DA PEDRA DO REINO	52
A família literária de Suassuna	59
A intertextualidade em Pedra do Reino	64
Quaderna	69
O castelo literário	72
Pedra do Reino, o teatro e a literatura de cordel	73
La Condessa	76
Eu acho que Pedra do Reino é mais importante do que meu teatro	78
CAPÍTULO 3: A RECRIAÇÃO DE PEDRA BONITA N’O ROMANCE DA PEDRA DO REINO	80
Pedra Bonita: um pouco de história	82
Uma leitura das fontes históricas d’O Romance da Pedra do Reino	87
A apropriação dos textos dos historiadores	100
CAPÍTULO 4: A FILIAÇÃO DE PEDRA DO REINO COM OS FOLHETOS NORDESTINOS	115
Parte I: Em torno à narrativa	116
O título do romance	116
Dedicatória	123
Epígrafes	128
Epítome do enredo	130
Evocação	133
Parte II: No interior do texto	135
Divisão dos capítulos do romance	135
Folheto XLV: “As desaventuras de um corno desambicioso”	143
Folheto XLVI: “O reino da Pedra Fina”	145
Xilogravuras	148
Fragmentos de Cordel	153
Funções dos fragmentos de cordel	159
Pedra do Reino: uma “escola” de folhetos nordestinos	166
Os sete tipos de romance	172
À GUIA DE CONCLUSÃO	188
BIBLIOGRAFIA	194

Introdução

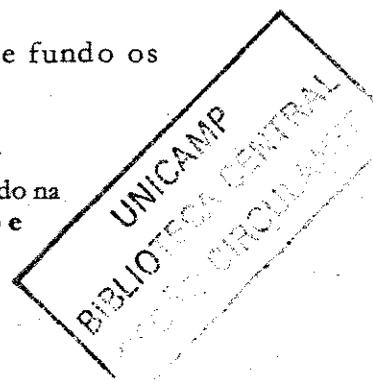
Sertão nordestino 1835-38. No período em que os grandes centros brasileiros conheciam o advento do Romantismo com toda sua efervescência e significação para consolidar a literatura nacional, um lugar distante, na caatinga sertaneja, precisamente o Sítio Pedra Bonita, era palco de trágico episódio messiânico, inspirado nos ideais sebastianistas, vitimando mais de 50 pessoas.

A primeira publicação de que se tem notícia sobre o assunto é o “Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella Província de Pernambuco”, de Áttico, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco.¹ São memórias da visita do autor ao sítio Pedra Bonita em 1874. É uma obra de referência, fonte obrigatória e tem sido a matriz para todos os estudos que se propuseram a analisar o movimento. Nela constam indicações da documentação existente, como autos de processos dos homens sobreviventes, submetidos a julgamento e o ofício do prefeito da Comarca de Flores ao Presidente da Província de Pernambuco.

Verifica-se, no entanto, que os estudos posteriores sobre o fato são colados ao discurso de Áttico e a história de Pedra Bonita é sempre ofuscada pelos sucessos do Arraial de Canudos.

Mas, sem sombra de dúvidas, foi na literatura que a temática encontrou terreno fértil para florescer. Três romances adotaram como pano de fundo os

¹ Cf. SOUSA LEITE, Antônio Áttico. “Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella, Província de Pernambuco.” Em: **Revista do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco**. Nº 60. Recife, 1903.



trágicos episódios de Pedra Bonita: **Reino Encantado**, **Pedra Bonita** e o **Romance da Pedra do Reino**.

Obra pioneira é a de Tristão de Alencar Araripe Júnior cuja publicação data de 1878. Antes de consolidar-se como crítico literário, o cearense nos apresentou com **Reino Encantado** “onde o acontecimento, brilhantemente romanceado, se desdobra com todos os seus aspectos emocionantes.”² Araripe Júnior é uma das fontes citadas por Euclides da Cunha n’**Os Sertões** para análise do mito sebastianista entre os adeptos de Antônio Conselheiro e também, do caso da Pedra do Reino. Se bem que este último de forma superficial. Euclides dedica à Pedra Bonita um pequeno trecho d’ **Os Sertões**, tentando explicar os fatores históricos responsáveis pela “religião mestiça” dos sertanejos. É provável que Euclides tenha se voltado para Pedra Bonita depois de perceber a grande influência de D. Sebastião entre os habitantes de Canudos, conforme consta em suas anotações de campo: “um iluminado, ali congregou toda população dos sítios convizinhos e, engripando-se à pedra, anunciava convicto, o próximo advento do reino encantado do rei D. Sebastião”.³

Duas décadas após a publicação de **Os Sertões**, em 1926, realiza-se o primeiro congresso de Regionalismo por iniciativa de Gilberto Freyre que convocava intelectuais e artistas do Nordeste a exprimir, sem separatismo nem bairrismo, os valores e tradições peculiares a sua terra. Convite aceito sobretudo pelos escritores, prefigurando uma fase na literatura regional nordestina de grande vigor. Destacamos neste contexto José Lins do Rêgo

² CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 27ª ed., 1968, p.110

³ Idem. p. 107

aqui colocado como regionalista e tributário da obra euclidiana. Aliás, se não é possível enquadrar Euclides na ótica regionalista, porque transcende tal perspectiva, é possível, por outro lado, indicá-lo como uma das matrizes da corrente regional. A resposta ao manifesto regionalista viria com vastíssima produção, dentre a qual romance cuja temática é a crença sebastianista no Sertão do Pajeú: **Pedra Bonita**, de José Lins do Rêgo(1938).

A obra **Pedra Bonita** se não era essencialmente memorialista, tinha como lembrança de fundo, cenas de homens na estrada carregando uma cruz, chicoteados. Representa esta obra uma inflexão do autor na temática predominante, o ciclo da cana-de-açúcar, rumo a uma identificação com a literatura oral nordestina. Assim a temática, o ambiente, as personagens do romance **Pedra Bonita** repontavam da gesta dos cangaceiros, das fantásticas explosões de fanatismo religioso e das narrativas belíssimas dos folhetos em verso do cantador nordestino.

A crítica e a historiografia literárias registram a presença de **Pedra Bonita**. A título de exemplo, daremos voz a Antônio Cândido. Ele destaca no romancista “a grandeza e a imaginativa popular que ao mesmo tempo rebate o sentimento e os impulsos da alma coletiva”⁴. Para Cândido, Rêgo é o “aedo popular que se compara aos cantores e cantadores do Nordeste, ao refletir a memória coletiva através de seus processos coletivos e de suas linguagens características.”⁵ Aqui o crítico resgata não apenas a dimensão de memorialista da infância, tão constante nas obras de Rêgo, mas pontua o resgate da memória coletiva. Ao que parece há uma conversão da memória

⁴ CÂNDIDO, Antônio. **Presença da Literatura Brasileira**. SP : Difel. 3ª ed Vol. III., 1968 p. 251

⁵ Idem *Ibidem*

individual do autor, da sua infância, da sua terra - um feixe de lembranças evocadas - em memória coletiva a partir fundamentalmente, de um sentimento de preservação de raízes, um sentimento de "pertencimento" a um universo cultural marcado na memória. Conforme o próprio autor afirma: "(...)quando imagino meus romances, tomo sempre como orientação o dizer das coisas como elas surgem na memória, com o jeito e a maneira simples dos cegos poetas".⁶

Enfim, a partir deste rápido esboço, queremos enfatizar a importância de José Lins do Rêgo em inaugurar, no contexto do Regionalismo de 30, a abordagem do misticismo, tendo a Literatura de Cordel uma fonte significativa para criação literária, estabelecendo um estilo com visíveis influências posteriores.

Exemplo mais ilustrativo é Ariano Villar Suassuna, que publicou em 1971 do **Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta - Romance Armorial Popular Brasileiro**, sobre o qual nos debruçaremos ao longo dessa dissertação. **Pedra do Reino** é um "caso à parte na ficção brasileira contemporânea," visto que "a disposição dos materiais narrativos revela-se tão artificiosa e sabiamente premeditada que esse livro chega a ser(...) uma obra enigmática, composta de vários estratos de significado."⁷ De fato, trata-se de um romance em que o entrecruzamento de textos é muito intenso. **Pedra do Reino** é formado por multiplicidade de vozes que fazem dele uma narrativa polifônica. Lançaremos mão da apreciação crítica de Lind, a fim de indicar as fases temporais da obra suassuniana.

⁶ NICOLA, José. **Literatura Brasileira das Origens aos Nossos dias**. SP: Scipione.1990, p. 285

⁷ LIND, Georg Rudolf. "Ariano Suassuna romancista." Em: **Colóquio/Letras**, nº 17, 1974, p. 29

O romance de Suassuna é um memorial redigido pelo protagonista e narrador Quaderna. Através da obra, a personagem dirige-se ao supremo tribunal brasileiro para se defender das acusações de dois crimes: o assassinato de seu padrinho de batismo e as desavenças ocorridas em Taperoá por ocasião da chegada do Rapaz do Cavalo Branco.

Quatro datas marcam as fases temporais do romance. 9 de outubro de 1938 fixa o dia em que, preso na cadeia, o cronista começa a redigir o memorando. A escrita da obra inicia-se exatamente “seis meses depois do primeiro interrogatório a que o cronista é submetido pelo corregedor, em 13 de abril de 1938- interrogatório muito extenso que acaba, no final do romance, com a convocação de D. Pedro Dinis [Quaderna] para um segundo interrogatório, previsto para o dia seguinte.”⁸

Logo no primeiro capítulo, sabe-se que Quaderna foi considerado culpado pelo corregedor e posto na prisão. No entanto, permanece o enigma. Ao final do romance, não fica claro se o acusado é condenado ou absolvido no julgamento público ao qual foi submetido. Mas, é certo que os “acontecimentos do romance estão condensados em dois dias: as vivências do cronista durante o dia de seu primeiro interrogatório e a reconstrução do dia da cavalgada do Donzel.” A cavalgada chega a Taperoá no dia 1º de junho de 1935. Os acontecimentos desse dia, de tão importantes, são relatados pormenorizadamente no primeiro interrogatório de Quaderna.

Outra data significativa é o dia 24 de agosto de 1930, quando o padrinho de Quaderna foi assassinado. Esse fato motivou o nebuloso desaparecimento

⁸ Idem, p. 30 [Grifo nosso]

do filho mais novo da vítima, que só reapareceu no dia da Cavalgada, de forma igualmente misteriosa.

Embora essas datas sejam relevantes para a compreensão do enredo, interessa dizer que elas não são as únicas aludidas na obra. As arguições do corregedor dirigidas a Quaderna, levam o narrador a fazer digressões temporais muito amplas. Durante o interrogatório, Quaderna narra os principais acontecimentos de sua vida: a infância, a adolescência, a formação intelectual... Informando-nos sempre de como a trajetória pessoal dele interferiu em suas ações no dia da Cavalgada e por ocasião da morte de D. Pedro Sebastião Garcia-Barreto. Conforme atesta o trecho:

“Intercaladas nesta reconstrução do dia da cavalgada e do dia do interrogatório, encontramos referências a acontecimentos temporalmente muito afastados: à Guerra do Reino; à revolta do sertão(1835-1838), um século antes dos acontecimentos do romance; a diversos episódios da História portuguesa e brasileira, por exemplo, à batalha de Alcácer-Quibir e à trágica desventura do rei Zumbi, chefe dos escravos pretos(...) Falta-nos ainda mencionar a atemporalidade das lendas populares, entrelaçadas na ação principal(...) ou os romances de tradição multissecular, como o romance de Carlos Magno e de Roberto do Diabo. A incorporação desses materiais assegura ao romance de Suassuna uma invulgar ampliação temporal: partindo das quatro datas acima mencionadas, percorremos, no decurso da obra, nada menos do que três mil anos, de Homero e os profetas judaicos até a atualidade.”⁹

Tais informações sobre **Pedra do Reino** prenunciam que, ante ao romance suassuniano, há múltiplas possibilidades de leitura. De fato, o espaço

⁹ Idem, p. 31

romanesco de Ariano Suassuna é intertextual por excelência: paralelo ao reboliço que marca a chegada do Rapaz do Cavalo Branco a Taperoá, depois de um longo e inexplicável sumiço, são abordadas questões de crítica e teoria literária, história do Brasil e de Portugal, de ontem e hoje; são inseridos textos de literatura; bem como há visível filiação do romance com os folhetos nordestinos.

Com vistas à viabilização da pesquisa, um recorte se fez necessário. Assim, a dissertação foi presidida por dois objetivos centrais: estudar o papel da literatura de folhetos no interior do romance e pesquisar como os historiadores, sobretudo o texto de Áttico, contribuíram na composição de **Pedra do Reino**. A fim de atingir o nosso propósito, segmentamos a dissertação em quatro capítulos.

O primeiro capítulo é dividido em duas partes: uma análise a recepção do romance pela crítica literária veiculada, sobretudo, em periódicos que circularam no Brasil nas décadas de 70 e 80. A saber, a **Revista Vozes**, **Colóquio/Letras** e jornais de diversas partes do País; na outra, expomos os resultados do estudo que fizemos no que tange ao espaço concedido ao **Romance da Pedra do Reino** nas histórias literárias brasileiras. Debruçamo-nos em compêndios de literatura que integraram obras publicadas depois de 1971.

Para compor o capítulo dois, servimo-nos do privilégio de pesquisar uma obra cujo autor vive. Por isso, transformamos em um depoimento a aprazível entrevista que Suassuna generosamente nos concedeu. Na ocasião, entramos em contato com algumas particularidades interessantíssimas sobre **Pedra do**

Reino: a história do romance, o parecer do autor sobre a apreciação da crítica e história literárias destinadas a **Pedra do Reino**, a relação de Suassuna com a literatura de cordel nordestina, de sua vida. Enfim, informações caras e essenciais à dissertação.

O terceiro capítulo examina o modo que Ariano Suassuna apropria-se dos textos que abordam a história Pedra Bonita na tessitura de **Pedra do Reino**. Interessa-nos fazer um paralelo entre o ponto de vista dos historiadores e do romancista, frente a um mesmo fato histórico.

O último capítulo analisa a presença de elementos oriundos dos folhetos de cordel e das cantorias nordestinas no romance de Ariano Suassuna. Almejamos discutir em que situações e com quais objetivos o romancista lança mão de uma literatura genuinamente brasileira, que em sua origem, foi criada e consumida por homens e mulheres simples do sertão nordestino. Cumpre-nos informar que nesse capítulo aparecem as siglas FCRB e IEB-USP que são referências à Fundação Casa de Rui Barbosa e Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, respectivamente.

Finalmente, convém ressaltar que do ponto de vista pessoal a compreensão de **Pedra do Reino** ganha um relevo especial na medida que, desde a minha infância, convivi com as imagens da Pedra Bonita, por ela ter sido apropriada como “símbolo armorial” do município de São José do Belmonte - PE, cenário da Pedra do Bonita e minha cidade natal.

Uma recepção de **Pedra do Reino**

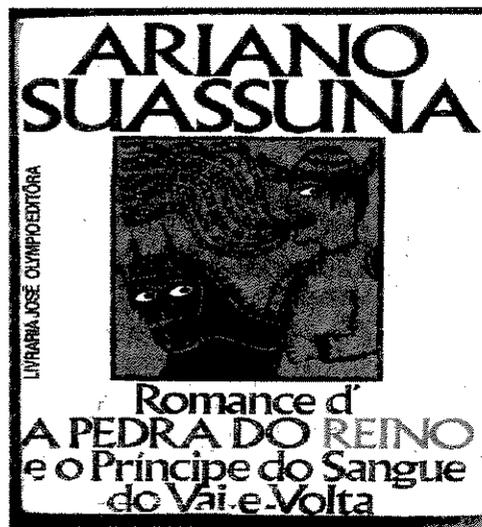
Há trinta anos, mais precisamente em novembro de 1971, a **Revista Vozes**, um dos mais relevantes periódicos de publicação literária da época, anunciava entre as novidades do meio **O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**, do escritor paraibano Ariano Vilar Suassuna, editado pela José Olympio. Algumas particularidades sobre este fato merecem ser conhecidas. O que seria apenas o roteiro de uma produção cinematográfica, baseado nos sucessos trágicos de Pedra Bonita, projeto que nunca saiu do papel, foi transformado em romance. O público o recebeu com bastante entusiasmo: a primeira edição do romance [Fig. 01] esgotou-se em poucos meses. A segunda [Fig. 02] e a terceira edições foram lançadas em janeiro e agosto de 1972, respectivamente, antes mesmo que se completasse um ano da edição inaugural; a 4ª edição é de março de 1976. Embora não haja dúvidas quanto ao sucesso de público conquistado pelo romance, **Pedra do Reino**, teve sua última edição datada de 1976, sendo hoje uma obra de publicação esgotada.

A recepção crítica começou no exato momento de publicação do romance, pois os 85 capítulos estão organizados entre um prefácio e um posfácio, assinados por Rachel de Queiroz e Maximiano Campos.¹ Ambos tiveram a oportunidade de ler **Pedra do Reino** em

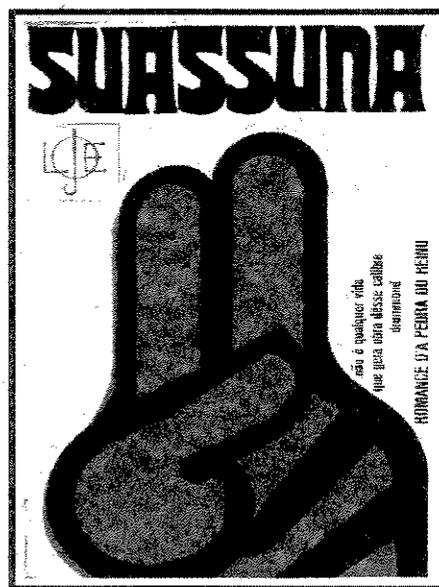
¹ A partir da 2ª edição constatamos que nas orelhas do romance foram inseridos fragmentos de textos que indicam a consagração de **Pedra do Reino** assinados por Carlos Drummond de Andrade, Carlos Lacerda, Léo Gilson Ribeiro, Hermilo Borba Filho e Carlos Castelo Branco. E, apesar de a 2ª edição ter saído imediatamente depois da 1ª, a capa do romance foi modificada.

sua versão original, apreciá-lo criticamente e forneceram chaves de leitura. Outros críticos trilharam o caminho de Queiroz e Campos, utilizando as páginas dos principais periódicos que circulavam no Brasil, quando da publicação de **Pedra do Reino**, sobretudo as seções dominicais sobre literatura de jornais de Pernambuco e de alguns Estados da região sudeste.²

Este capítulo objetiva analisar a recepção crítica ao **Romance da Pedra do Reino**. Que referencial de análise apresenta? Como podemos caracterizar tal recepção? Para tanto, o capítulo foi estruturado em duas partes. Na primeira, discutiremos um corpus significativo do que se produziu sobre **Pedra do Reino**, que aborda questões como análise dos elementos universais e regionais do romance, o caráter picaresco, o nível de comparação com outras obras da literatura brasileira e universal, a aproximação de **Pedra do Reino** com a dramaturgia



[Fig. 1] Capa da 1ª edição do **Romance da Pedra do Reino**, publicado em agosto de 1971.



[Fig.2] Capa da 2ª edição do romance, publicada em janeiro de 1972.

² Os jornais que publicaram artigos sobre **Pedra do Reino** são: a) em Pernambuco – **Diário de Pernambuco** e **Jornal do Comércio**; em Belo Horizonte – **Suplemento Literário de Minas Gerais** e **O Estado de Minas Gerais**; em São Paulo **O Estado de São Paulo**; no Rio de Janeiro – **O Dia** e o **Jornal do Brasil**.

suassuniana, bem como a identificação de elementos autobiográficos.

Na segunda parte, interessa-nos verificar o espaço concedido a **Pedra do Reino** nas historiografias literárias.

Parte I

Romance Picaresco

Para discutir um dos modos pelos quais a crítica recebeu **Pedra do Reino**, tomemos como ponto de partida a análise de Rachel de Queiroz sobre um aspecto do romance que é, simultaneamente, o título do prefácio e uma questão: “Um romance picaresco?” A própria Queiroz esclarece:

“À primeira vez em que Ariano Suassuna me falou na **Pedra do Reino** disse que estava escrevendo ‘um romance picaresco’(...) Mas o paraibano me enganou. Picaresco o livro é – ou antes o elemento picaresco existe grandemente no romance, ou tratado ou obra, ou simplesmente livro – sei lá como é que diga ! Porque depois de pronto **A Pedra do Reino** transcende disso tudo, e é romance, é odisséia, é poema, é epopéia, é sátira, é apocalipse...”³

Rachel de Queiroz descarta uma expectativa de romance exclusivamente picaresco, ainda que a própria autora tenha se encarregado de apontar no romance belíssimos trechos de picardia como aqueles que fazem lembrar as artes graciosas de João Grilo, personagem já bastante conhecido do **Auto da Compadecida**, e suas peripécias extravagantes.

O ponto de vista de Rachel de Queiroz, de um modo geral, foi seguido por alguns críticos, os quais destacaram no romance a presença do elemento picaresco, sem, contudo, vê-lo como um traço exclusivo.

³ Cf. QUEIROZ, Rachel de. “Romance Picaresco?”. Em: SUASSUNA, Ariano. **O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. xi.

Inclui-se nessa linha de raciocínio a crítica de Jean Roche, professor da Universidade de Toulouse, França. Para ele, o romance de Suassuna mantém estreita ligação com o romance picaresco e a novela rabelaisiana. Os traços dessa filiação tornam-se mais evidentes na narração de algumas cenas do romance, especialmente as cenas de amor e a cena de duelo entre Clemente e Samuel. A narração da cena da luta no Território Livre de Princesa revifica para o francês as imagens da guerra de Picrochole. Coincidentemente, Carlos Drummond de Andrade⁴ observa em **Pedra do Reino** algumas desaventuras medievais, suas rabelesiadas, seu dramatismo envolto em riso, transportadas para o Brasil do Novecentos. Entretanto, na compreensão de Roche, o elemento picaresco encontrado no romance de Suassuna “não passa de enxerto sobre um tronco nordestino-suassunesco e os frutos resultantes têm um sabor incomparável, graças à arte do autor.”⁵

Também Edigar de Alencar caracteriza **Pedra do Reino** como romance picaresco. É com indisfarçável euforia que ele festeja o aparecimento do romance de Suassuna, chamando-o de primeiro romance épico-satírico da literatura brasileira notável e original. E afirma que **Pedra do Reino**, ao lado de **Memórias de um sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida e **O Coronel e o Lobisomem**, de José Cândido de Carvalho, formam a tríade de romances de gênero picaresco, de reconhecido valor literário das Letras brasileiras.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. Em: **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11/09/1971.

⁵ ROCHE, Jean. “**A Pedra do Reino**.” Em: **Jornal do Comércio**. Recife, 30/01/1972.

Admira-se, porém, o crítico da demora do nordeste em apresentar à literatura um romance picaresco, já que essa região é tão cheia de graça, malícia e satirizadora até mesmo de suas próprias desgraças. Sendo os dois outros romances obras eminentemente fluminenses, Edigar Alencar considera que **Pedra do Reino** consegue superá-los pela sua amplitude e pela variedade de ângulos que apresenta.

Edigar Alencar é uma voz solitária ao enfatizar o traço essencialmente picaresco do romance. Entretanto, ele próprio se contradiz, em outro trecho do seu artigo, quando afirma que **Pedra do Reino** embarça o leitor que o queira etiquetar, como ele anota:

“O ‘romance armorial-popular’ chega a embarçar o leitor ou analista que o queira etiquetar(...) Livro desigual, tumultuoso, aqui e ali confuso e turbilhante, é um rio na cheia dos grandes invernos nordestinos. Romance que só poderia aparecer por aquelas bandas do Nordeste trágico mas aventureiro, sofredor mas desabusado. Nordeste que pode ser tragédia intermitente, mas é também alegria exuberante.”⁶

O crítico literário Wilson Martins também encontra em **Pedra do Reino** elementos picarescos, mas ao invés de engessá-lo como tal, propõe algumas questões acerca do conceito do picaresco. Em sua análise há uma dualidade de níveis presente na compreensão do picaresco.

⁶ ALENCAR, Edigar. “Um romance do sertão com toques de universo”. Em: O Dia. Rio de Janeiro, 02/02/1972(Grifo nosso)

O primeiro nível, de senso comum, o crítico define-o recorrendo ao **Dictionary of World Litetary Terms**: “ ‘a obra que narra a vida de um malandro ou tratante,’ geralmente ‘episódica e escrita na primeira pessoa.’” Ora, essa é uma caracterização necessária, porém, insuficiente.

Para Wilson Martins:

“o ponto de partida da literatura picaresca é o tom inconfundível, é o caráter sardônico e a natureza especular, quero dizer, não por transmitir a imagem do homem, mas por transmiti-la invertida. Seu fundo e até sua intenções moralizantes são inegáveis(...)Há na literatura picaresca, antes de mais nada, esse projeto didascálico, mas ela não procura tanto ensinar a moral dos bons princípios como torná-los evidentes pelo exemplo de seu oposto, e, mais do que isso, pela demonstração *ad nauseam* de que todos os homens são iguais e de que os menos dignos não são os que pensamos.”⁷

Por outro lado, Martins discorda da idéia segundo a qual o pícaro é o cidadão não-convencional e a sua literatura é não-conformista. Para ele “a literatura picaresca cria forçosamente o seu próprio conformismo e nele se constitui prisioneiro, da mesma forma por que o pícaro obedece sistematicamente a um jogo de convenções tão estritas e tediosas quanto as do homem comum.”⁸

Nesse sentido, o crítico entende que em **Pedra do Reino** Suassuna encontrou uma fórmula para equacionar essa limitação, que consistiu em satirizar a própria literatura picaresca, assim como os nossos costumes políticos, sociais, literários e religiosos e, nesse ínterim escapar

⁷ Cf. MARTINS, Wilson. “Romance Pitoresco?”. Em: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09/11/1972

⁸ Idem. *Ibidem*

em larga medida, do elemento monótono e previsível. Mas não ficou nisso. Martins destaca como mérito de Ariano Suassuna o fato de ele ter conseguido “fundir argutamente a matéria e forma do romance picaresco com a forma e a matéria do romance convencional”⁹. E conclui afirmando que “(...)a grande qualidade deste livro não está em ser um bom romance picaresco: está em ser um excelente romance brasileiro. Para além das suas exterioridades farsísticas situa-se a sua substância profunda de ser um romance social e político no sentido largo da palavra(...)”¹⁰

Dessa forma, tido como excelente romance brasileiro, **Pedra do Reino**, da parte dos críticos, comporta outras leituras, sendo alvo de comparação com obras da literatura brasileira e universal, bem como com expoentes da pintura e da música. Quanto às obras da literatura universal identificam-se “muitos e complexos pontos de contato,” entre o romance de Suassuna e obras como **Dom Quixote**, **Cem anos de solidão**¹¹ e **Grande Sertão: Veredas**, principalmente no tocante ao “nascimento das mais primitivas lendas, nas regiões mais antigas, da Grécia, da Índia, do Egito até as da América pré-colombiana.”¹²

⁹ Idem. Ibidem

¹⁰ Idem. Ibidem

¹¹ Entusiasticamente, o jornal **O Globo** saudou a estréia de Ariano Suassuna como romancista, com uma inusitado paralelo entre **Pedra do Reino** e **Cem anos de solidão**: “Os apaixonados admiradores de Gabriel Garcia Marquez e seus **Cem anos de solidão** puseram discretamente suas barbas de molho na última semana: é que a Editora José Olympio lançou um livro que meia dúzia de pessoas esperava há doze anos e que, devidamente consumido, vai reduzir a importância do escritor colombiano a uma simples vírgula no longo e importante capítulo literário que os escritores latino-americanos vêm escrevendo nos últimos quinze anos(...)” Cf. **O Globo**, 10/09/1971.

¹² SEIXAS, Thomas. Em: **Jornal do Comércio**, 26/09/1971.

Quaderna e Dom Quixote

Uma comparação recorrente dá-se entre Quaderna, a principal personagem de **Pedra do Reino**, e Dom Quixote, personagem da obra homônima, de Cervantes. É o que faz João Camilo de Oliveira Torres, que além de comparar **Pedra do Reino** a obras da literatura brasileira- assunto que abordaremos ainda no decorrer desse estudo-, também compara Quaderna a D. Quixote, e, conseqüentemente, os criadores dessas personagens. Para Torres, Cervantes, através de **D. Quixote**, “mostrou o choque da literatura de cavalaria numa alma que aceitou tudo”. Do mesmo modo, Suassuna, apresenta-nos Quaderna: “um sertanejo que se conserva tal, aceitando todos os valores, normas e idéias do sertão, recebe o impacto de ideologias modernas e soluções literárias mais ou menos acadêmicas.”¹³

Aliás, segundo Maximiano Campos, este é o elo mais profundo entre Quaderna e D. Quixote. A personagem de Ariano Suassuna tenta construir no plano literário “aventuras tão fortes e insanas quanto as de D. Quixote nos campos da Espanha.” Entretanto, tais atitudes não têm fontes comuns. Já é conhecido que as andanças de D. Quixote tiveram origem no conjunto das leituras de livros cavaleirescos, ao passo que o plano literário de Quaderna surgiu de uma somatória de situações: da discussão ideológica travada com seus preceptores, Samuel e Clemente; da leitura de folhetos de cordel; e de ouvir a história de sua família cantada pelos poetas populares.¹⁴

¹³ Cf. TORRES, João Camilo O. “Uma epopéia sertaneja.” Em: **O Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 11/05/1972.

¹⁴ CAMPOS, Maximiano. “A Pedra do Reino”. Em: SUASSUNA, Ariano. **O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p.633.

Um outro nível de comparação é aquele utilizado por Georg Rudolf Lind. Na tentativa de caracterizar Quaderna, o cronista de Suassuna, entende que ele, a exemplo de D. Quixote, é um louco, embora alterne sua doidice com assomos de alta inteligência. A diferença entre as duas personagens residiria no elemento desencadeador de suas loucuras:

“(...)enquanto D. Quixote virara louco pela leitura excessiva de romances de cavalaria, a loucura de D. Pedro Dinis Quaderna resulta de sua mania de querer ressuscitar o mundo aventureiro e cavalheiresco dos romances de cordel. É loucura de um sonhador que, insatisfeito com a época utilitária em que vive, tenta reconstruir à sua volta, com a ajuda da tradição folclórica do Nordeste, um reino de beleza e de arte no meio da desoladora pobreza do sertão.”¹⁵

Ainda segundo Lind, outro ponto que distancia a loucura de D. Quixote da de Quaderna é que a insânia do primeiro foi “mais modesta” porque ele tomou para si os ideais dos cavaleiros itinerantes da Idade Média de desfazer as injustiças em favor dos mais humildes. Ao passo que a loucura do último é “menos inofensiva”, afinal, seus ideais levaram-no a “conspirar contra a ordem política estabelecida, a intervir ativamente no assassinato de seu padrinho e na ‘demanda novelosa do Reino’, iniciada pela cavalgada do Donzel branco.”¹⁶

Ao que nos parece, os críticos convergem quanto à imagem de um Quaderna menos louco e mais realista quando confrontado com D. Quixote. Esta perspectiva é mais claramente explicitada por Edigar de Alencar.

¹⁵ Cf. LIND, Georg R. “Ariano Suassuna romancista”. Em: *Colóquio/Letras*, Lisboa, 1974, p. 31.

¹⁶ Idem, p. 32.

Para ele, D. Pedro Dinis Quaderna é a versão brasileira de D. Quixote com Tartarim, guardando uma diferença. Quaderna, em lugar de apenas sonhar com as aventuras dos cavaleiros andantes, “vai buscá-las nas gentes humildes e sofredoras do sertão, num processo de transfiguração poética, embebida de visões alucinantes de grandeza e valentia.”¹⁷

É interessante observar que Lind, juntamente com Edigar de Alencar, não só aproximam o personagem do mestre espanhol com Quaderna, mas encontram na construção ideológica do protagonista de **Pedra do Reino** elementos que o fazem sobressair ante o Cavaleiro da Triste Figura.

Transrealismo

Isso explica por que **Pedra do Reino** sofre outros níveis de comparação. Uma delas é levantada por João Camilo de Oliveira Torres. Aqui o móvel é o transrealismo, um traço literário outrora atribuído à obra de Cornélio Pena. Consiste o transrealismo em atribuir nomes de pessoas reais a outras, também reais, “de modo a criar no espírito do leitor, que as conheceu uma sensação de realidade ambígua e híbrida, embora para a maioria dos leitores isso não corresponda a nada, por se tratar de gente desconhecida.”¹⁸ Quais as evidências do transrealismo em **Pedra do Reino**? Uma delas encerra-se no fato de Suassuna povoar seu romance de transfigurações da realidade admitida e identificá-la com o mito.

¹⁷ Cf. ALENCAR, Edigar. *Idem. Ibidem.*

¹⁸ Cf. TORRES, João Camilo de O. *Idem. Ibidem.*

Como por exemplo, Quaderna, “um modesto bibliotecário de vila e editor de folhetos”¹⁹, cultivava a larga ambição de ser o gênio da raça humana, o imperador do mundo, e quiçá, D. Sebastião.

Entre outros exemplos (dentre eles a mescla que Suassuna faz de pessoas reais com personagens do romance) Torres reconhece o transrealismo na própria trama central da narrativa. Quando o juiz toma o depoimento de Quaderna, o maior suspeito dos crimes que agitavam a pequena Taperoá, “não se sabe exatamente o que era descrição de fatos reais ou do que o autor tem como tais.”²⁰

Tomando por base o transrealismo, Jean Roche avizinhou **Pedra do Reino** a **O Tempo e o Vento**, de Érico Veríssimo. Segundo ele ambas as obras “contam uma epopéia da conquista da terra pelo homem brasileiro, em obras amplas, cuidadosamente construídas e escritas, numa língua fluente e clara, sem excessos de regionalismo nem requintes sintáticos ou lexicais.”²¹

Pedra do Reino x Grande Sertão: Veredas

Indo mais além, analisando a forma do romance suassuniano, Roche compara Guimarães Rosa a Suassuna, e entende que este último é possuidor de qualidades superiores.

¹⁹ Idem. Ibidem.

²⁰ Idem. Ibidem.

²¹ Cf. ROCHE, Jean. Idem.

“Diferente de João Guimarães Rosa que gostava do mágico do cotidiano tanto quanto Ariano Suassuna, o autor d’**O Romance da Pedra do Reino** tem a qualidade fundamental do verdadeiro escritor – o respeito pela língua comum. Sem ceder a tentação de criar seus vocábulos ou sua sintaxe. Ariano Suassuna acaba de criar o seu estilo.”²²

Com isso, Jean Roche junta-se a um grupo de críticos que assentaram suas considerações sobre **Pedra do Reino** estabelecendo paralelos entre o romance de estréia de Suassuna e **Grande Sertão: Veredas**. Destes, o pioneiro foi Maximiano Campos que já no posfácio de **Pedra do Reino**, texto de novembro de 1970, lembrava: “Este livro, mágico, violento e belo, e o **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa, são romances superiores, desses livros que transcendem ao mero enredo e fabulação e nos fazem ficar tentados a chamá-los de epopéias(...)”²³ No referido posfácio, Maximiano afirma que **Pedra do Reino** é uma obra apocalíptica, de cuja profecia Quaderna é o Decifrador.

Talvez seja por isso que Fernando Cristóvam²⁴, professor e crítico português, acredite que o romance suassuniano, nesse aspecto, é tributário da **Divina Comédia**²⁵, haja vista que recupera a visão dantesca, outrora utilizada por escritores brasileiros ao se referirem ao sertão, através das visões e palavras de Quaderna.

²² Idem. Ibidem.

²³ Cf. CAMPOS, Maximiano. Idem. Ibidem.

²⁴ CRISTÓVAM, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão), em: **Revista USP**, Dossiê Canudos, N° 20, SP: 1997. pp 43-54

²⁵ Duas décadas antes, também Hermilo Borba Filho considerava **Pedra do Reino** como tributário de a **Divina Comédia**, de Dante. Hermilo viu em ambas o mesmo passeio por um mundo enigmático-que é, ao mesmo tempo, o mundo, Deus e seu torturado mundo interior- são os mesmos pecados, a mesma pequenez e a mesma grandeza humana. Cf. BORBA FILHO, Hermilo. Em: **Diário de Pernambuco**, Recife, 30/09/1971.

Em diálogo com o juiz corregedor de Taperoá, Quaderna esclarece ao representante da Justiça que Euclides da Cunha(...) não sabia que, na verdade, a face do sertão é tripla e não dupla! É o Inferno, o Purgatório e o Paraíso.”

Esta fala de Quaderna foi resgatada pelo mesmo Cristóvam em um artigo recente, publicado na **Revista USP –Dossiê Canudos**. Ele incursiona pelas múltiplas leituras do sertão no meio literário brasileiro, do Romantismo até os dias atuais, reafirmando que muitos desses literatos buscaram na visão dantesca sugestões para explicar as contradições e mistérios do espaço sertanejo. Dentro de um conjunto de obras analisadas, o crítico português tece uma comparação entre **Pedra do Reino** e **Grande Sertão: Veredas**, para ele, obras tributárias dos romances **Pedra Bonita** e **Cangaceiros**, de José Lins do Rego. Tributárias, sim, entretanto, superiores por terem ultrapassado a problematização social dominante e por terem como proposta uma visão diferente da realidade, de teor mítico, que nos fizeram compreender que o sertão é também um reino encantado, de atmosfera mágica e sobrenatural, onde acontecem as epifanias mais estranhas. Contudo, para Cristóvam, “coube a Guimarães Rosa saber equacionar de maneira universalista o que Lins do Rego não foi capaz de desligar do localismo regionalista, e Suassuna não conseguiu emancipar de uma ambigüidade excessiva(...)”²⁶

Para exemplificar a superioridade de Rosa sobre Suassuna, o crítico faz uso do tema do pacto que aparece em **Grande Sertão: Veredas** (que para ele é mais expressivo) e na **Pedra do Reino**. E sentencia:

²⁶ Cf. CRISTÓVAM, Fernando. *Idem*, p. 52.

“No sertão de Suassuna, o pacto lá referido é mais implícito e sempre no contexto burlesco em que se movem o poeta integralista Samuel e seus companheiros. O pacto não deixa, contudo, de revelar-se curioso na sua ambigüidade, pois quer obter tanto a proteção do demônio como a dos anjos(...)O pacto de Riobaldo com o ‘demônio na rua, no meio do redemunho das paixões’ retoma a tradição do gênero, acrescentando-lhe um questionamento e um desfecho algo originais. O chefe dos jagunços considera que ‘Deus é definitivamente’, mas para conseguir o seu objetivo de vingar a morte de Joca Ramiro não hesita em se aliar ao diabo, dando-lhe a alma em troca.”²⁷

O paralelo entre Guimarães Rosa e Ariano Suassuna já havia sido prenunciado por Raquel de Queiroz, antevendo uma polêmica entre os críticos literários sobre esses notáveis escritores brasileiros. A distinção, neste caso, de acordo com Rachel de Queiroz, dá-se pela matéria utilizada em ambos os romances, conforme suas próprias palavras no prefácio de **Pedra do Reino**:

“A tendência de muitos será comparar Suassuna a Guimarães Rosa. Para mim não. Rosa era um inventor de pessoas e palavras, inclusive nomes próprios; criador de um idioma novo, às vezes belíssimo – mas evidentemente manufaturado por ele no seu laboratório. Já Suassuna, a sua língua existe, existiu sempre(...) e se a sintaxe não é a oficial, também não foi composta em banca de trabalho, visando o efeito eufônico ou poético. É sintaxe tradicional, poético-coloquial-declamatória-literária a que recorrem os cantadores e repentistas e os contadores de romances – naturalmente transfigurada pelo trato que Suassuna lhe dá.”²⁸

²⁷ Idem. *Ibidem*.

²⁸ Raquel de Queiroz defende que o autor de **Pedra do Reino** só pode ser comparado a dois outros artistas brasileiros. São eles Vila-Lobos e Portinari, mestres da música e da pintura, respectivamente, que para comporem suas obras beberam na rica fonte que é a cultura popular. Cf. QUEIROZ, Rachel. *Idem*, p.xii.

Rachel de Queiroz realizou uma quase profecia. Na fase imediatamente posterior à publicação do romance, os críticos que produziram comentários no “calor da hora”, em boa parte através de jornais e revistas, parece que se deixaram influenciar excessivamente pelo tom do prefácio:

“Todo estruturado de acordo com o ritmo e os mitos da literatura de cordel- da qual Suassuna é, talvez, nosso maior entendido- o **Romance** chega às livrarias bastante alentado(...)Seus primeiros leitores garantem: como o **Grande Sertão: Veredas** do Mestre Rosa, o livro de Suassuna dividirá nossa literatura em antes e depois.”²⁹

“O **Romance da Pedra do Reino** assume a importância de um **Grande Sertão: Veredas**, de João Guimarães Rosa, e de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha(...)O Romance de Ariano Suassuna, além de surpreendente, supera a sua notável obra teatral, que inclui peças como o **Auto da Compadecida**, **A Pena e a Lei** e a **Farsa da Boa Preguiça**”.³⁰

“Riobaldo, o jagunço de Minas Gerais em **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa, já tem seu irmão sertanejo no Nordeste: Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, descendente do rei D. Dinis, o Lavrador, de Portugal, Profeta da Igreja católica-sertaneja brasileira e pretendente ao trono do império do Brasil(...)Ariano Suassuna, herói heráldico da Glória literária do Brasil, consegue, com este romance profundo, satírico, poético, maravilhoso, completar, com o lado filosófico-cômico da literatura regional, o painel filosófico-trágico de Guimarães Rosa: são dois Cangaceiros da mais alta Poesia, que empatam seus Desafios no sertão das musas interioranas.”³¹

²⁹O **Globo**. Rio de Janeiro: 10/09/1971, s. a.

³⁰PRADO, Marcus Antônio. **Diário de Pernambuco**. Recife: 11/09/1971

³¹RIBEIRO, Léo Gilson. **Revista Veja**, 29/09/1971

Suassuna: um "pintor de sua aldeia" ou da condição humana ?

A capacidade de Suassuna de reconstruir um rico mosaico da cultura popular leva-nos, naturalmente, a um problema comumente levantado pela crítica. Trata-se de um romance universal ou regional? Segundo Maximiano Campos, Ariano Suassuna utilizou o espaço sertanejo apenas para transformá-lo num grande palco, em que estão representados todos os dramas da condição humana.

É isto que faz de **Pedra do Reino** uma nova visão do Brasil, um retrato de sua realidade social, psicológica, cultural, política, filosófica, mágica e poética. Nele, o núcleo do qual emerge a alma do homem brasileiro, é o sertão de chão pedreguento e caatinga áspera.³²

Porém, mesmo reconhecendo o sertão como espaço físico e poético de **Pedra do Reino**, Edigar de Alencar observa que:

“(...)o romance de Ariano Suassuna é um retrato imenso e multifacetado do Brasil de ontem e de hoje. E embora o Nordeste seja o chão em que caminham os personagens da epopéia e o céu que imprecam e adoram, a visão do romancista não se condiciona à paisagem e ao clima, mas transcende os limites regionais para atingir a dimensão humana e universal.”³³

Dessa forma, as opiniões dos críticos acerca da dimensão humana e universal em **Pedra do Reino** parece ser um ponto pacífico.

³² CASTELO BRANCO, Carlos. **Jornal do Brasil**, 25/09/1971. A esse respeito, Esneito Alves Filho afirma que **Pedra do Reino** é “expressão de toda a inconsciente aventura que está no ânimo profundo e imenso do nosso inconsciente nacional(...)” Cf. ALVES FILHO, Ernesto. **Correio Popular**, 07/08/1971.

³³ Cf. ALENCAR, Edigar. *Idem. Ibidem.*

Para ilustrar, apresentamos a visão de Georg R. Lind que, por um lado, coloca Ariano Suassuna na esteira do regionalismo brasileiro, quando o mesmo escolheu a vila de Taperoá, sertão da Paraíba, como o cenário do romance. Por outro lado, Lind ressalta que o regionalismo de Suassuna parte do princípio de que qualquer lugarejo, situado em qualquer que seja a parte do planeta, pode representar todo o universo. Senão, vejamos:

“Trata-se aqui de um regionalismo universalista, o que aliás não é caso raro: lembremo-nos da vila de Macondo, na Colúmbia[sic], fonte de inspiração das narrativas de Gabriel Garcia Márquez; da vila de Tarascon, de Daudet; ou, para citar um exemplo da literatura germânica, da Seldwyla do contista suíço Gottfried Keller.”³⁴

Elementos autobiográficos

Uma característica comum à maioria dos literatos é que eles inserem em suas obras elementos autobiográficos. Não há como negar que Ariano Suassuna faz parte desse grupo. Maximiano Campos, por exemplo, afirma que a construção do romance de Suassuna- seu castelo de sonho e de beleza- está alicerçada numa visão trágica do mundo, adquirida precocemente, ainda na primeira infância, com o assassinato do pai e a conseqüente perseguição sofrida pela sua família, que passou aos cuidados de sua mãe, dona Rita Vilar Suassuna, viúva aos 34 anos, com nove filhos menores para educar.

³⁴ Cf. LIND, Georg R. *Idem. Ibidem.*

Talvez por isso, Wilson Martins tenha afirmado que: “Há em todo livro, é evidente, uma parte importante de autobiografia, direta ou indireta: é, à sua maneira, um livro vingador e é também uma empresa de desmistificação.”³⁵

Uma importante análise do aspecto trágico-familiar da biografia de Ariano Suassuna foi elaborada por Clemente Rosas. Classificando Ariano como um “desterrado”, Rosas afirma que esta condição influenciou decisivamente a personalidade de Suassuna “escritor”. Como “desterrado”, Suassuna tornou-se também um “desertor” e, nesta condição, oscila entre “exaltar e glorificar incondicionalmente os valores e princípios que não pode seguir,” como por exemplo, o caminho da vindita e dos padrões rígidos de uma sociedade rural aristocrática; e “a frustração de, por acidente de nascimento, situar-se no campo das forças da reação e do passado,” uma alusão muito clara à posição política oligárquica da família Suassuna, por ocasião da Revolução de 30.³⁶

Um outro aspecto autobiográfico abordado no romance encontra-se na composição das personagens Clemente e Samuel, preceptores de Quaderna. Essas personagens são entendidas como encarnações literárias de Manoel Dantas Vilar e Joaquim Duarte Dantas, tios de Suassuna e seus primeiros mestres de literatura. O primeiro “era meio ateu, republicano e anticlerical”,

³⁵ Cf. MARTINS, Wilson. *Idem*. *Ibidem*.

³⁶ Sobre a condição de “desterrado” do autor de **Pedra do Reino**, Rosas transcreve uma fala em que Suassuna afirma: “Eu me sinto, de certa forma, um hipócrita, um contraditório, porque dizendo que preferia uma vida mais sóbria, mais despojada e centrada na comunidade rural, eu vivo numa grande cidade, com tudo o que isso representa de acomodação, de suborno, para usar uma palavra mais forte.” ROSAS, Clemente. “A solidão de Ariano Suassuna.” Em: **Folhetim**, 03/01/1982, pp. 4-5

enquanto o último era “monarquista e católico”. Cabe anotar que, com a presença de Samuel e Clemente em **Pedra do Reino**, Suassuna, além de erigir “um monumento de gratidão aos seus próprios mestres,”³⁷ recria a discussão ideológica em voga nos anos 30 e 40, no Brasil.

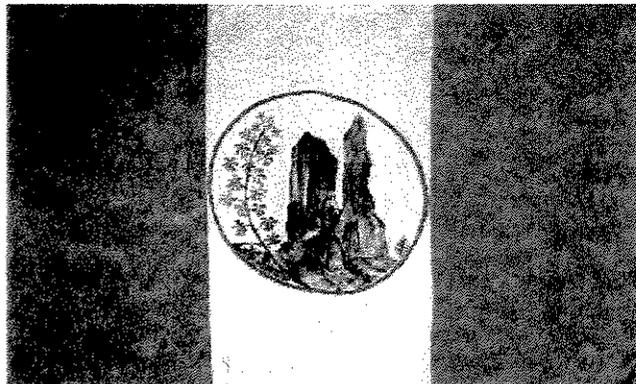
Uma última consideração sobre os elementos autobiográficos do romance deve ser acrescentada. O crítico Cláudio Aguiar entendeu que o monumento natural e histórico de Pedra Bonita localiza-se na Paraíba, terra natal de Ariano Suassuna: “No Brasil, alguns homens dos sertões nordestinos, também construíram vários reinos. Num deles, o trono foi a justaposição natural de duas pedras, no Estado da Paraíba, a Pedra do Reino.”³⁸ Esta compreensão pode ter se originado do fato de Ariano Suassuna localizar o romance na pequena vila de Taperoá, na Paraíba. Entretanto é necessária uma distinção, já que o crítico em questão toma o espaço romanesco como sendo espaço real. O sítio histórico Pedra Bonita, cenário de **Pedra do Reino**, localiza-se no município de São José do Belmonte- PE. Este município adotou Pedra Bonita como símbolo armorial, inserindo-a em seus principais emblemas como a bandeira³⁹ [Fig. 03]

³⁷ Cf. LIND, Georg R. Idem, p. 33.

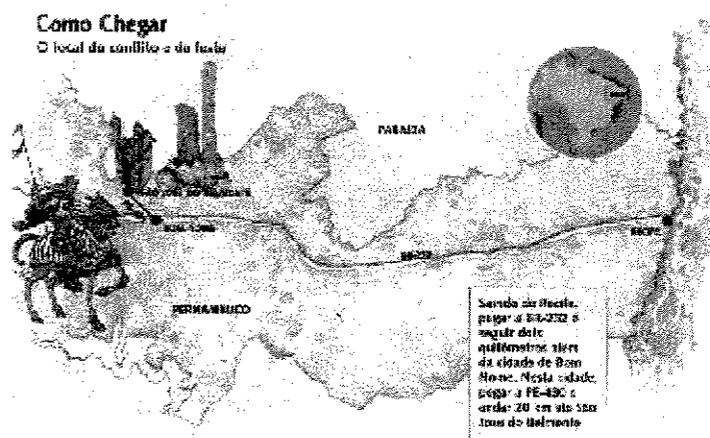
³⁸ Cf. AGUIAR, Cláudio. “O realismo mágico d’A **Pedra do Reino**”. Em: **Jornal do Comércio**, Recife, 23/01/1972.

³⁹ A instituição de Pedra do Reino como símbolo armorial do município é relativamente recente, conforme indicações do Decreto 314 da Câmara Municipal autorizando a criação da bandeira: (...)Fica o prefeito do município de São José do Belmonte autorizado a criar para o Município uma BANDEIRA, dispondo a mesma as características seguintes: a) o branco como significado dos nossos algodoads; b) o amarelo representando o milho, produto de alto cultivo em nossa região; c) o chumbo é o ferro do seu ângulo, apontando as riquezas dos nossos minérios, que soergue e eleva os nossos lastros econômicos e financeiros; d) contendo ainda para simbolizá-la, a imagem da PEDRA DO REINO que indica um dos nossos fatores históricos do Município(...) Prefeitura Municipal de São José do Belmonte, 30 de dezembro de 1967.Cf. Livro de atas da Câmara Municipal de São José do Belmonte- PE.

e o hino⁴⁰, assim como a sede do governo municipal, é chamada de “Palácio da Pedra do Reino⁴¹”.



[Fig. 03] Primeira Bandeira do município de São José do Belmonte – PE, idealizada e confeccionada pela artista Maria Cavalcantes



[Fig. 04] Itinerário da Cavalgada à Pedra do Reino, que acontece todo ano, no último domingo de maio. Em: **Revista Bravo**, nº 08, 1998

⁴⁰ A primeira estrofe do hino municipal inicia-se assim: “Do esplendor da pujança, da luta/ Se ergue astuto Belmonte a brilhar/ Do primor de uma lenda, o encanto/ Da Pedra do Reino gentil singular(...)”. Cf. Livro de atas da Câmara Municipal de São José do Belmonte- PE.

⁴¹ Atualmente a população local utiliza o termo Pedra do Reino para designar tanto o romance como o monumento histórico.

Mais recentemente, foi organizada uma entidade que recebeu a denominação de “Associação Cultural Pedra do Reino.”⁴²

Discussão Ideológica

Queremos agora retomar o modo como Ariano Suassuna recria o debate ideológico das décadas de 30 e 40. O panorama político da época opunha duas facções: a Ação Integralista Nacional, uma organização de direita liderada por Plínio Salgado e a Aliança Nacional Libertadora, uma frente única capaz de congrega intelectuais, trabalhadores, liberais e comunistas que tinham em Luís Carlos Prestes um dos líderes mais expressivos. Não raro, o clima de efervescência política envolvia os grupos opostos em acirradas discussões.

⁴² A Associação Cultural Pedra do Reino organiza, desde 1992, no último fim de semana do mês de maio, na cidade de São José do Belmonte, Pernambuco, A Cavalgada a Pedra do Reino, que reúne a cada ano um número maior de participantes. Trata-se de uma festa popular inspirada no romance de Suassuna, **Pedra do Reino**, em que as pessoas da cidade organizam-se para dramatizar a Cavaldada de Quaderna e seus irmãos bastardos e a Cavalgada do Rapaz do Cavalo Branco. Nessa última os cavaleiros paramentados e alguns levando consigo réplicas das bandeiras que ilustram o romance, fazem um percurso de 37 Km, da sede do município até o sítio histórico. Chegando lá é celebrada uma missa pela alma dos mortos no século passado. [Fig. 04]

Ariano Suassuna é presença confirmada à festa desde que recebeu dos organizadores o título de “Cavaleiro da Pedra do Reino”. Sobre o evento e o título Ariano falou em artigo no **Diário de Pernambuco**: “(...)A cavalgada revelou-se como acontecimento de uma força tão poderosa que a certa altura transcendeu e começou a ultrapassar tudo o que fôramos capazes de imaginar. Quanto a mim, a impressão que eu tinha era de que meu romance estava ali sendo recriado, não por outra arte (como teatro, a televisão ou o cinema) mas pela própria vida. Mais importante ainda: (...) todos nós que estávamos indo ali para a Pedra do Reino - éramos, agora, não mais pessoas comuns, mas personagens. Personagens de toda aquela história poderosa que Antônio Ático de Sousa Leite foi o primeiro a relatar e que, depois dele, foi recriado ficcionalmente por Araripe Júnior em **O Reino Encantado**, por José Lins do Rego em **Pedra Bonita** e **Cangaceiros**; e finalmente por mim em **A Pedra do Reino**. Para concluir, afirmo com a maior sinceridade que, em toda minha vida de escritor, nenhum prêmio literário me deu tão grande alegria quanto a que senti no dia 28 de maio passado quando na serra, entre os rochedos em que se reuniram os sebastianistas no século XIX, recebi do Grupo, o diploma que me conferiu o título de Cavaleiro da Pedra do Reino (...)” CE. SUASSUNA, Ariano. Em: **Diário de Pernambuco**, 04/06/1995.

No plano da ficção, Samuel adere aos quadros da Ação Integralista, enquanto que Clemente se torna o presidente do comitê local da Aliança Nacional Libertadora. O trecho abaixo fornece uma idéia mais aproximada de como Suassuna recria este confronto:

Discussão Ideológica

Queremos agora retomar o modo como Ariano Suassuna recria o debate ideológico das décadas de 30 e 40. O panorama político da época opunha duas facções: a Ação Integralista Nacional, uma organização de direita liderada por Plínio Salgado e a Aliança Nacional Libertadora, uma frente única capaz de congrega intelectuais, trabalhadores, liberais e comunistas que tinham em Luís Carlos Prestes um dos líderes mais expressivos. Não raro, o clima de efervescência política envolvia os grupos opostos em acirradas discussões. No plano da ficção, Samuel adere aos quadros da Ação Integralista, enquanto que Clemente se torna o presidente do comitê local da Aliança Nacional Libertadora. O trecho abaixo fornece uma idéia mais aproximada de como Suassuna recria este confronto:

“O pior, porém, é que a desgraçada dissensão que se manifestara desde o princípio entre aquelas duas personalidades geniais não se contentara em entrevar somente o progresso político, literário e filosófico do sertão, separando em divisões estéreis aqueles dois grandes homens que, de outra maneira, bem poderiam trabalhar juntos com resultados extraordinários para o progresso de nossa pátria. Acontece que a luta ideológica travada entre os dois estendera-se do campo puramente político até o literário, o histórico, o filosófico e até o religioso, se posso falar assim.”⁴³

Analisando o contexto da luta ideológica em **Pedra do Reino** o crítico literário Camponizzi Filho identificou uma explicação para a formação etno-cultural do povo brasileiro, resultante, inicialmente, do caldeamento de três povos. Um sentimento de brasilidade alicerçado, sobretudo, no cultivo de nossas raízes ibéricas. É do que ele nos fala, num artigo publicado no **Suplemento Literário de Minas Gerais**, intitulado “A Pedra do Reino”:

“Não tínhamos uma saga falando do esforço da formação brasileira nas arrancadas das gerações criando uma civilização neste trópico sem perder as amarras de suas origens ibéricas(...) Em todas as aldeias, menores que sejam, ficam os folguedos populares. Existem as cavalhadas. Mouros e cristãos, em fitas azuis e vermelhas, lembranças de meio milênio, disputam ainda o domínio da área ibérica(...) É do próprio solo nordestino, batido pela seca, sofrido pelo abandono, que surge **A Pedra do Reino**. No misticismo e suas crenças, na manutenção de velhas culturas, na fidelidade às suas origens, esses nossos irmãos reformulam um sentimento de brasilidade.⁴⁴

Filiação de Pedra do Reino com a dramaturgia suassuniana

Uma observação menos recorrente acerca de **Pedra do Reino**, embora identificada por alguns críticos, foi a da filiação do romance com a produção teatral de Ariano Suassuna. É o caso de Ângelo Monteiro, que registra em

⁴³ SUASSUNA, Ariano. *Idem*, p. 195.

⁴⁴ Cf. CAMPONIZZI FILHO. “A Pedra do Reino”. Em: **Suplemento Literário de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 09/12/1972.

Pedra do Reino “vivo diálogo teatral, característico do dramaturgo que existe em Ariano Suassuna”.⁴⁵

Outra evidência dessa filiação verifica-se no artigo de Jean Roche que quantifica em **Pedra do Reino** o dobro da média do estilo direto encontrado nos romances brasileiros modernos. Segundo ele, 60% do conjunto da obra firma-se no discurso direto. Esta percentagem eleva-se para 70% na parte do interrogatório, que envolve Quaderna, o Corregedor e a escritã Dona Margarida. Ainda que esclareça que o diálogo do romance não é o teatral, Roche registra em Suassuna a notável capacidade de fazer falar as personagens.

Entretanto, é na tese de doutoramento de Geraldo Costa Matos⁴⁶ que as contemplações da filiação entre o conjunto da obra de Ariano Suassuna é mais fecunda. O pesquisador abre um capítulo, intitulado “A intercomunicação,” para tratar da filiação de gênero presente na obra suassuniana que compreende a poesia, a dramaturgia e romances. Acerca da imbricação dos dois últimos, o pesquisador enumera algumas evidências. São elas: a) a presença de certos animais recorrentes em ambos os gêneros. A título de exemplo, o cachorro, cavalo e a onça; b) “a técnica de tomar a arte como componente de textos usada na dramaturgia pelo aproveitamento dos entremezes nas peças maiores e destas entre si, chegando ao paroxismo em a **Pena e Lei**, ultrapassa o

⁴⁵ MONTEIRO, Ângelo. “Roteiro e chaves da Pedra do Reino”. Em: **Jornal do Comércio**, Recife, 13/09/1972

⁴⁶Sabemos que esta tese já foi publicada em livro e certamente sofreu algumas modificações. Entretanto, na versão que tivemos acesso a identificação de elementos comuns à dramaturgia e o romance suassuniano localiza-se no Capítulo 6- “Intercomunicação”. Cf. MATOS, Geraldo C. O palco popular e o texto palimpséstico de Ariano Suassuna. Tese de Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

universo próprio ao trazer à prosa referências a José de Alencar, Joaquim Nabuco(...)” e outros- Euclides da Cunha, Álvares de Azevedo, Olavo Bilac; c) o eco da proposta de *mise-en-scene* da dramaturgia é nitidamente ouvido no romance. Para ilustrar esta última afirmação o pesquisador faz uso do seguinte fragmento de **Pedra do Reino**: “O Circo era o jeito que eu tinha de transformar toda essa Literatura, todo esse teatro de rua em Literatura de estrada, isto é, uma Literatura cavaleira e epopéica, que nos tornasse , a todos nós, heróis errantes pelas estradas e caatingas do Sertão”.⁴⁷

Para Geraldo Matos, a maior evidência da intercomunicação entre o teatro de Suassuna e **Pedra do Reino** está na filiação, de ambos os gêneros, com o romanceiro popular nordestino, especialmente a literatura de cordel: “matéria de sua dramaturgia- agora transfigurada no seu mundo mágico sertanejo posto num cenário fantástico de reis, rainhas e princesas impressionantemente miseráveis, além de vítimas de armadilhas, lutas e trucidamentos.” O pesquisador fundamenta sua afirmação ao mostrar que alguns capítulos do romance remetem à dramaturgia. A título de exemplo, Geraldo Matos lembra que no folheto LXVI- “A filha noiva do pai, ou Amor, Culpa e Perdão”-, o romancista descreve a cópula de Antônio Morais com sua filha Genoveva. Do mesmo modo que em **Uma mulher vestida de Sol**, Joaquim Maranhão mantém relação incestuosa com Rosa, filha dele.

⁴⁷ SUASSUNA, Ariano. *Idem*, p. 367.

Georg Lind compartilha com Matos a idéia de que **Pedra do Reino**, tal qual as peças de teatro do autor, foi inspirada nos romances de cordel. Para Lind, uma filiação do romance com a literatura de cordel pode ser observada no recuo temporal a que o autor submete o romance⁴⁸. Lind explica que com isso:

“Suassuna aproxima-se de uma época em que sobreviviam os últimos cangaceiros e um estilo de vida mais favorável à actividade dos cantadores populares do Nordeste. Foi a época áurea dos romances de cordel, e, como uma das intenções de **A Pedra do Reino** é a valorização poética do gênero, o autor não podia fazer melhor do que situar a acção na década de 30.”⁴⁹

É também Lind quem assegura que as funções da literatura de cordel no romance de Suassuna são muito variadas. Dentre aquelas que podem ser observadas estão a de complementar a descrição de uma personagem, a de servir como motivação de certas festas sertanejas. Lind também entende que a ambição literária de Quaderna foi extraída da literatura de cordel. O crítico lembra ainda que “o romance popular não aparece apenas sob a forma de citação literal ou livremente imitada: faz-se sentir na prosa do cronista.”⁵⁰

Idelette Muzart Fonseca dos Santos, primeira pesquisadora a teorizar, no meio acadêmico, acerca de **Pedra do Reino**, recentemente lançou um livro intitulado **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento**

⁴⁸ **Pedra do Reino** foi publicada em 1971, mas a escrita do memorando de Quaderna data de 1938.

⁴⁹ Cf. LIND, Georg R. *Idem*, p. 37.

⁵⁰ Cf. LIND, Georg R. *Idem*, p. 38

Armorial⁵¹. Nele, a autora discute o papel do romanceiro popular nordestino no seio do Movimento Armorial, evidenciando o caso de **Pedra do Reino**.

A autora trata do capítulo do romance em que a personagem Quaderna revela como foi iniciado na arte da poesia, aproveitando a narração que Quaderna faz das aulas de poesia que recebeu de João Melchíades para caracterizar os variados tipos de romance.

Muzart elabora um estudo acerca da função das citações populares no romance, dividindo-as basicamente em dois blocos: um menos recorrente que ela denomina “citação-símbolo”, o que quer dizer que a “referência ao autor(do texto citado) é reduzidíssima e o acento recai, quase exclusivamente, no texto em si,”⁵² e um segundo bloco, o da “citação ilustrativa”, que são aquelas que “relacionam o texto citante e o autor citado”⁵³. São, para ela, exemplos do segundo caso, a citação de textos populares como a **Nau Catarineta**, **A vida de João Malasarte**, **História da Guerra de Canudos** e outros.

Idellete Muzart, ainda que de maneira superficial, discute a questão de um possível plágio envolvendo Suassuna e os textos populares citados pelo romancista. Para ela, o plágio, em **Pedra do Reino**, é “um noção movediça e involuntariamente indefinida.”⁵⁴

⁵¹ Segundo a autora, a forma original desse livro é a sua tese de doutorado, já citada em teses de outros pesquisadores e utilizadas por ela em artigos e comunicações. Cf. MUZART, Idellete F. S. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

⁵² Cf. Idem. *Ibidem*, p. 150(Grifo nosso)

⁵³ Cf. Idem. *Ibidem*, p. 150.

⁵⁴ Cf. Idem. *Ibidem*, p. 158

No quarto capítulo desse mesmo ensaio voltaremos a tratar da inserção da literatura de cordel no romance suassuniano.

Parte II

Sob o signo do silêncio: a situação de Pedra do Reino nas historiografias literárias brasileiras.

Um ponto comum nas bibliografias da grande maioria das faculdades de Letras existentes no Brasil é a presença das obras **A História da Literatura**, de Massaud Moisés e **História Concisa da Literatura Brasileira**, do Prof. Alfredo Bosi. Discutiremos a maneira que **Pedra do Reino** figura nessas duas obras que tanta influência exercem na formação professores de literatura brasileira País a fora.

Publicada em 1967, **História Concisa da Literatura Brasileira**, a partir da 3ª edição, inclui um capítulo intitulado “Permanências e transformações do Regionalismo brasileiro”. Alfredo Bosi faz as seguintes considerações sobre os romances suassunianos: “Combinando lenda e humor, tradição popular e paródia, o dramaturgo paraibano Ariano Suassuna surpreendeu seu público com duas narrativas de fôlego, a **Pedra do Reino** e o **Rei Degolado**.”⁵⁵

Nas exíguas linhas reservadas pelo crítico ao paraibano, fica implícita, apenas, a inclusão de Ariano Suassuna numa tendência transformadora em relação ao Regionalismo brasileiro da geração de 30. O comentário de Bosi sobre **Pedra do Reino** importa-se tão somente em registrar a existência desses

romances, esquivando-se de fazer quaisquer considerações ou análises, ainda que de natureza superficial.

Mais generoso em sua exposição, Massaud Moisés registra que Ariano Suassuna, depois de se impor com uma produção teatral de alto nível, “resolveu reunir em boa hora seus conhecimentos do rico folclore paraibano e sua proverbial capacidade imaginativa”⁵⁶ no romance da **Pedra do Reino**. Para Moisés a estrutura da obra compara-se às novelas de cavalaria medieval, particularmente à Demanda do Santo Graal, de caráter épico, mítico e heróico, pontilhada de acontecimentos históricos da Paraíba entre 1912 e 1938. Do ponto de vista da linguagem, Moisés lembra que é marcada “por acentos poéticos à maneira da literatura de cordel de um ‘rapsodo do sertão’”.⁵⁷

Massaud Moisés pontua traços relevantes da obra suassuniana, sendo a principal delas a filiação do romance da **Pedra do Reino** com a produção de folhetos de cordel nordestinos. Fica evidente o entusiasmo do crítico com o universo de possibilidades de análises que podem ser extraídas a partir do romance suassuniano.

Conforme já indicamos, Bosi dedica ínfimos comentários à obra romanesca de Suassuna. Porém, ainda assim, o registro de Bosi é uma exceção, pois a maioria das historiografias literárias nem se dá ao trabalho de incluir Ariano Suassuna no bloco dos romancistas brasileiros.

Assis Brasil abre um capítulo para registrar os principais problemas que enfrentavam a literatura brasileira no princípio da década de 70, tentando compreendê-la de maneira menos fatalista, face às posições de alguns críticos e “leitores apressados”. Esses sentenciavam a morte da poesia depois da

geração de 22 e 30(exceto alguns que já falavam de João Cabral de Melo Neto, que ainda não havia entrado para os compêndios literários), e, sobretudo, a morte do romance brasileiro “depois” de João Guimarães Rosa.

Assis Brasil, entretanto, assegura que, naquele momento, depois da efervescência literária de 22, 30 e 45, cuja produção manteve elo profundo com as mudanças políticas que tiveram o marco nesses mesmos anos, era possível registrar uma nova fase na literatura brasileira. Um grupo de escritores que,

(...)“como se tivesse havido uma combinação prévia, (...)abandonaram(...)o realismo com todas as suas mazelas, do naturalismo ingênuo ao dito realismo social, o participante ou não, ou toda e qualquer veleidade imitativa da realidade. Assim, o campo do artístico hoje é muito mais vasto e rico, partindo alguns escritores das nuances góticas aos aspectos mais fantásticos da condição humana, como o antropofagismo, por exemplo.”⁵⁸

Debruça-se o crítico em obras de escritores a quem ele abriga num capítulo intitulado “Os novos”. São literatos do quilate de Osman Lins, Autran Dourado, Antônio Callado e outros, grupo no qual, buscamos, sem êxito, considerações acerca de **Pedra do Reino** e de seu autor, Ariano Suassuna.

⁵⁸ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p.428

⁵⁶ BRASIL, Assis. **A nova literatura**. Rio de Janeiro: Americana, 1973

⁵⁹ Cf. MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, Vol. III, 1993, p. 533.

⁶⁰ Idem. *Ibidem*.

Ao analisarmos a exclusão do que procurávamos na obra de Brasil, ou seja, crítica ao romance da **Pedra do Reino**, pensamos que ela poderia dever-se à proximidade de datas de publicação que ligavam o romance ao ensaio.

Trata-se de um texto escrito em 1971, publicado em 1973. Porém, essa hipótese não se confirmou, haja vista que o autor incluiu no ensaio considerações acerca de **O Risco do Bordado** e **Bar Don Ruan** obras publicadas em 1970 e 1971, respectivamente, tendo sido esta última publicada no exato ano do romance suassuniano.

Localizamos também outra importante lacuna na obra de Nelson Werneck Sodré, **História da Literatura Brasileira**, obra revisada a partir da 9ª edição, em 1995. No capítulo final de seu ensaio intitulado “A crise do formalismo”, o historiador da literatura incorpora nomes que no seu entender, longe de serem autores de obras temporárias, continuarão sendo lidos por outras gerações. Estão também incluídos aqui os literatos Autran Dourado, Dalton Trevisan, Orígenes Lessa, não mencionando o nome de Suassuna.

Idêntico foi o resultado da busca de considerações sobre **Pedra do Reino** no compêndio **A Literatura no Brasil** dirigido por Afrânio Coutinho e co-dirigido por Eduardo Coutinho. Embora seja uma obra editada em parceria com a editora até então responsável por **Pedra do Reino**, a José Olympio,⁵⁹ tal ensaio não contempla o romance suassuniano. Nela o paraibano é reconhecido exclusivamente como dramaturgo, com destaque para o **Auto da Compadecida**.

Em se tratando das historiografias destinadas ao público do Ensino Médio esta lacuna se apresenta particularmente visível. Tomemos como amostragem das inúmeras historiografias disponíveis o título **Iniciação à literatura brasileira**⁶⁰, de José Jobim e Roberto de Sousa. É uma obra de cunho didático, editada em 1987, que na esteira de outras, tenta familiarizar o aluno de ensino médio com o panorama da literatura nacional, de suas origens aos nossos dias. No último capítulo, “Período pós-70”, os autores sustentam que a década em questão foi um período em que a produção romanesca revelou-se vasta, rica e de conteúdo variado, embora ainda não se pudesse ter uma idéia exata dos rumos a que a literatura seria guiada, considerando que estas obras estavam em fase de feitura. Mesmo assim, eles arriscam incluir nomes, alguns deles citados anteriormente. É o caso de Antônio Callado, Márcio Sousa, Autran Dourado, Osman Lins, José Cândido de Carvalho, João Ubaldo Ribeiro, Rachel Jardim, Rubem Fonseca, José Louzeiro e outros, menos Ariano Suassuna.

Antônio Soares Amora, então professor da USP, lançou, em 1974, a 8ª edição de **História da Literatura Brasileira**. Desta feita, de acordo com o que está especificado no corpo da obra, “refundida e ampliada”. Todavia, o

⁵⁹ Segundo a **Revista Bravo** a José Olympio não detém mais os direitos sobre **Pedra do Reino** e que três editoras Record, Agir e Companhia das Letras, disputam a reedição das obras completas de Ariano Suassuna. Cf. **Revista Bravo**, nº 08, maio de 1998, p. 67.

⁶⁰ Além dessa historiografia literária destinada ao Ensino Médio confira também: 1) MAIA, João Domingos. **Língua, Literatura e Redação**. São Paulo: Ática, 1989, Vol. III. 2) FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco M. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1989. 3) TUFANO, Douglas. **Gramática e Literatura Brasileira: curso completo**. São Paulo: Moderna, 1995. 4) MATTOS, Geraldo & MEGALI, L. **Português 2º Grau: Literatura, Língua e Redação**. São Paulo: FTD, 1990. 5) NICOLA, José. **A literatura brasileira das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1990.

autor nada diz acerca de **Pedra do Reino**, mesmo que a proposta do último capítulo de seu ensaio fosse tratar das principais tendências “neomodernas” da crítica, poesia, dramaturgia e ficção, de 1945 até aquela data, 1974. Uma das grandes limitações do ensaísta é que a obra mais recente trabalhada por ele foi **Nove, novena**, de Osman Lins, de 1966. Amora, desse modo, deixou de apreciar certas obras, àquela época mais recentes, como outras obras do próprio Osman Lins e de escritores cuja produção foi posterior a 1966. É interessante observar que Soares Amora apresenta uma definição do que seria o neomodernismo, sem contudo, atentar para o seu referente em **Pedra do Reino**.

“com os ficcionistas neomodernistas passamos a compreender que era preciso libertar a nossa literatura ficcional de suas limitações locais, regionais, nacionais e circunstanciais, e dar-lhe, em oposição, uma significação universal, o que foi conseguido, em grande número de autores, pela depuração do assunto até sua essência mítica (...)”⁶¹

Sobre a produção posterior a 1966, em que está incluído **Pedra do Reino**, o autor afirma que é uma época ainda impossível de se definir, já que os grupos de escritores formados nas décadas de 40 e 50 foi desorganizado pelo golpe de 64. Porém, ele espera que os vindouros dêem ao Brasil “uma literatura que corresponda aos seus verdadeiros anseios de se conhecer e se impor internacionalmente.”⁶²

⁶¹ AMORA, Antônio Soares. **História da Literatura Brasileira**. 8ª edição. São Paulo: Saraiva, 1974, p. 206.

⁶² Idem. P. 208.

Como quem atende às expectativas do crítico brasileiro, a italiana Luciana Stegagno Picchio publicou pela a editora Nova Aguilar, do Rio de Janeiro o compêndio **História da Literatura Brasileira**⁶³. Nessa obra encontra-se um capítulo chamado “1964-1996: Dos anos do Golpe ao Fim do Século” em que ela qualifica alguns escritores brasileiros, nascidos por volta dos anos vinte do século passado, como paradigmáticos, defendendo que eles representam a literatura brasileira da atualidade, pois “conseguiram transpor os confins da região e da nação para se tornarem escritores de projeção internacional”. Ao lado de nomes como Osman Lins(1924-1978), Autran Dourado(1926), Antônio Callado(1917-1997) entre outros, está incluído Ariano Suassuna(1927), seguido de considerações acerca de **Pedra do Reino**.

Na visão de Picchio, **Pedra do Reino** destaca-se da maioria das produções do período por vários fatores. A ampla ressonância internacional é um deles.⁶⁴ Para ela, **Pedra do Reino** é o resultado de um mosaico histórico-poético-folclórico do sertão do nordeste, “aí intercalando, numa espécie de recuperação cinematográfica de antigos filmes mudos, desbotados e surreais, os folhetos de cordel dos cantadores nordestinos”,⁶⁵ estes últimos guardiões

⁶³ Esta obra foi editada 1972, tendo como público alvo o de língua italiana. Há dois anos, em 1997, foi lançada a tradução em português desta obra, incluindo algumas atualizações, na qual **Pedra do Reino** é analisada.

⁶⁴ O Romance da **Pedra do Reino**, ainda nos anos 70, foi objeto de estudo de pelo menos três pesquisadores estrangeiros: Idellet Muzart defendeu na Sorbone, em França, a tese de doutorado **Le Roman de Chevalerie et son interprétation par um écrivain brésilien contemporain: A Pedra do Reino de A. Suassuna**, já em 1974, menos de três anos depois da publicação do romance. Seguiram-na, **Ariano Suassuna's A Pedra do Reino: a case study in cultural nationalism**, tese de doutoramento de Candace Slater, defendida na Universidade de Stanford, em 1975 e **Ariano Suassuna: Romance da Pedra do Reino**, dissertação de mestrado de Ray-Gude Mertin, defendida na Universität Köln, Gênova, em 1979.

Em 1998, o romance foi traduzido para a língua francesa, por Muzart.

⁶⁵ PICCHIO, Luciana S. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 637.

de romances medievais. E o resultado desse intenso processo de colagem é um conto picaresco de dimensão fantástica, “efetuada por quadros, pelo cantador-rapsodo-poeta D. Pedro Dinis Ferreira Maderna[sic], nobre mistura de Sancho e D. Quixote”⁶⁶, que calcado na tradição oral rompe e transborda toda espécie de gênero literário, “sem jamais perder, todavia, o imperturbável sorriso da modernidade”.⁶⁷

Observe-se que a italiana alinhava, em meia página, praticamente todos os comentários críticos anteriores destinados ao romance de Ariano Suassuna.

* * *

Até aqui analisamos o status de **Pedra do Reino** junto à crítica. Na primeira parte, discutimos duas ordens de questões: uma, a respeito da caracterização ou definição da obra. Tentamos mostrar, no que tange ao romance de Suassuna, que a discussão da crítica literária somente se concretiza com a análise do gênero a que se filia **Pedra do Reino**. Daí por que a fala dos críticos, não raro, apresenta pouca convergência.

Ainda assim, os críticos costumam comparar **Pedra do Reino** a determinados cânones da literatura, a exemplo de **D. Quixote**, de Miguel de Cervantes, de **Grande Sertão: Veredas**, de João Guimarães Rosa. Talvez isso se deva a uma necessidade antiga dos críticos de aproximarem obras estreantes, de clássicos: obras de renome e já consagradas, caso dos títulos de Cervantes e de Guimarães Rosa supramencionadas. O objetivo, neste caso, não se restringe a conferir status à nova obra. Desde longa data, parece ser

⁶⁶ Idem. Ibidem.

⁶⁷ Idem. Ibidem.

uma saída comum aos críticos e historiadores da literatura, considerar o mecanismo que mantém o vínculo da produção artística em épocas diferentes. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, já havia comentado em **Mosaico Poético**: “nenhuma época existe sem levar o cunho das antecedentes; pois tudo o que existe é o produto, a criação da criação anterior; e tudo o que é tomou a existência do que foi”.⁶⁸

Se esse princípio é válido para **Pedra do Reino**, para isso concorre sobremaneira o pioneirismo da narrativa quadernesca, pois ela “é uma obra difícil, atrevida e pioneira- em nossa ou em qualquer outra literatura- e na qual, mais uma vez, se acha poderosamente demonstrado que a arte de criar e recriar palavras, a de empregá-las de modo original, e ainda de não levar em conta nenhum preconceito estético”⁶⁹. Sendo uma obra tão diferente de tudo, uma primeira solução encontrada pela crítica foi exatamente compará-la com o já canonizado.

Outras vezes, o móvel da discussão é o confronto entre as características regional e universal do romance. Esse aspecto, cabe lembrar, parece ser o único ponto pacífico entre os críticos de **Pedra do Reino**, já que todos eles compartilham da opinião de que se trata de um romance tributário do regionalismo, porém em muito superior dadas as suas qualidades universais pela forma que utiliza o espaço sertanejo para dimensionar os dramas da condição humana.

⁶⁸ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **Mosaico poético**. *Apud*. ZILBERMAN, Regina & MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 195.

⁶⁹ SEIXAS, Tomás. **Jornal do Comércio**, 26/09/71

Na segunda parte deste capítulo, examinamos a recepção de **Pedra do Reino** em compêndios literários. Constatamos que ao longo desse percurso pouca ou nenhuma atenção foi dispensada pelos historiadores da literatura ao romance suassuniano. Tanto é verdade que basta consultar o número de historiografias literárias produzidas após a publicação de **Pedra do Reino** e verificar que de 19 títulos pesquisados, apenas dois deles trazem alguma menção ao romance de Suassuna. Por outro lado, é visível o contraste quando se compara a crítica sobre **Pedra do Reino** publicada em periódicos, jornais e revistas do Brasil e do exterior. Já aí, encontramos vasto material, traduzido, principalmente, na forma de artigos.⁷⁰ Isso suscita algumas reflexões acerca dos limites de tais obras, cuja pretensão é historiar a produção literária de uma época.

Para explicar essa lacuna, levantamos algumas hipóteses. Primeiro, é necessário considerar que as historiografias literárias, desde longa data, têm dificuldade de incorporar a produção contemporânea. Almeida Garret, em **Parnaso Lusitano**, busca imbuir-se de vigorosa imparcialidade diante da tarefa nada fácil de avaliar obras de autores vivos, cuja dificuldade, ele próprio reconhecia, estava em “julgar e escolher obras que aguardam ainda o conceito da posteridade, quase sempre o único tribunal reto das coisas dos homens, especialmente de matéria de gosto.”⁷¹ Ou seja, à luz de Garret, o critério fundamental para o reconhecimento de um autor é o da posteridade.

⁷⁰ Uma descrição pormenorizada das historiografias literárias, assim como dos periódicos sobre **Pedra do Reino**, confira a Parte II deste trabalho.

⁷¹ ALMEIDA GARRET, João Batista da Silva Leitão de. **Parnaso Lusitano**. *Apud*. ZILBERMAN, Regina & MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 26

Essa mesma idéia encontramos em Sílvio Romero. Discutindo o indianismo de Gonçalves Dias, identificou dois momentos capitais na luta dos autores pelo reconhecimento na literatura e nas artes. Um momento, segundo Romero, é feito pelo próprio escritor em sua vida, e o outro momento é atribuído pela consciência pública e pela história, depois de sua morte. Em seguida, enfaticamente, declara Romero, “este último[momento] é o que tem maior alcance e definitivo valor.”⁷²

Tomando por base dois grandes exemplos da história da literatura, como é o caso de Almeida Garret e Sílvio Romero, ambos originários do século XIX, percebemos que, mesmo atualmente, sobrevive entre os críticos a idéia segundo a qual uma obra pode ser melhor abalizada se vista pelo distanciamento do tempo. Neste caso, tratando-se de uma obra relativamente recente, situação de **Pedra do Reino**, ela estaria ausente devido a critérios cronológicos já consagrados.

Outra possibilidade é a de que a ausência de **Pedra do Reino** nos textos de historiadores da literatura deva-se ao fato de ele ser um romance filiado a um fato histórico sem grandes repercussões na história do Brasil: a história de Pedra Bonita. Na verdade, o episódio histórico do sítio Pedra Bonita somente aparece comentado, muito ligeiramente, em obras que tratam do messianismo, como por exemplo, em **Os Sertões**, de Euclides da Cunha. Mesmo neste caso, a tematização dá-se em torno da experiência histórica da comunidade do Arraial de Canudos, no sertão da Bahia. Seja como for, a impressão que se tem

⁷² ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Vol. 3, 7ª ed. Brasília/ Rio de Janeiro: INL/ José Olympio, 1980, pp- 943-44

ao analisar os movimentos ditos “messiânicos” na história do Brasil é a de que Canudos, talvez pela sua magnitude, condensa o principal viés da explicação historiográfica, enquanto que os outros movimentos, certamente dignos de atenção, tais como Pau de Colher, Caldeirão, Rodeador, Pedra Bonita, entre outros, figuram como simples coadjuvantes.

A terceira hipótese capaz de explicar a ausência de **Pedra do Reino** nas historiografias literárias é a que se relaciona com o próprio reconhecimento da literatura de cordel enquanto “literatura”. Conforme indicaremos em outra parte deste trabalho, Suassuna se apropria dos folhetos de cordel. E ao fazê-lo, através de uma estrutura metapoética, elabora uma veemente defesa desse tipo de literatura. Ora, ao que tudo indica, este tem sido um aspecto muito problemático para o ajuizamento crítico de sua obra romanesca. Antes de mais nada, canonizar **Pedra do Reino** pode significar também canonizar a literatura de folhetos nordestina.

Além disso, existem de algumas classificações definidoras do que seja e do que não seja literatura. Assim, por exemplo, quando se fala da heterogeneidade interna da literatura com sua divisão em vários extratos, explica-se desde cedo a noção de “literatura canonizada”, ou seja, “aquele conjunto de obras consideradas como esteticamente valiosas pelo ‘milieu’ literário: escritores, críticos, professores, etc- e aceitos pela comunidade como parte viva, fecunda e imperecível de sua herança cultural,”⁷³ ou aquilo que seria o seu oposto, a “paraliteratura”, que, se por um lado não comporta uma conotação depreciativa, por outro, pode ser interpretada como “literatura marginal” ou “periférica.”⁷⁴

A noção de literatura canonizada da forma como está colocada acima, suscita um problema de concepção de cânone. É que Suassuna, através de Quaderna, faz uma releitura do paradigma estabelecido na literatura brasileira à medida em que o autor de **Pedra do Reino** propõe a inclusão de autores e obras desconhecidas do público. **Talcos e Avelórios, A Renegada e Os cangaceiros**, de Carlos Dias Fernandes; **O sonho do gigante**, “do genial J.A. Nogueira;” **O Mosteiro de Nimes e Heloísa d’Arlemont**, de Zeferino Galvão. Embora haja um tom de picardia nessa releitura, são alguns literatos e obras colocados em pé de igualdade com autores canonizados como José de Alencar, por exemplo.

Constatamos que a crítica elaborada sobre **Pedra do Reino** constitui-se em sua quase totalidade de alguns críticos estrangeiros e outros da região nordeste, cujas publicações, tanto no Brasil como no exterior, têm se concretizado em jornais e revistas. Neste caso o que chama atenção é o volume de trabalhos publicados. Entretanto, o mesmo não se verifica em relação às regiões e sul e sudeste do País que ocupam posição privilegiada no que diz respeito ao volume e qualidade da produção da crítica literária, com reconhecimento de ser o “berço do cânone,” para usar aqui a expressão de Zilberman e Moreira.

⁷³ AGUIAR e SILVA, Vítor Manoel. **Teoria da literatura**. 8ª ed. Vol. 1. Coimbra: Almedina, 1991, p. 114

⁷⁴ Designação utilizada por J. Mukarovsky e Arnaldo Saraiva, respectivamente, encontrados em Silva e Aguiar com a seguinte informação: “Mais acentuadamente do que ‘periférico,’ ‘marginal’ comporta constituintes sêmicos que, para além de uma informação sobre fronteiras topológicas, assinalam uma posição inferior ou degradada na escala dos valores morais, socioculturais e pragmáticos de uma coletividade.” Cf. AGUIAR e SILVA, Vítor Manoel. *Idem*, p. 115 (nota de rodapé)

Longe de pretender uma discussão com base em critério de fronteiras, queremos apenas enfatizar que a insípida recepção de **Pedra do Reino** nos periódicos das regiões sul e sudeste. Talvez essa seja uma das justificativas para explicar a quase ausência do romance sussuniano nas historiografias literárias.

O trabalho dos historiadores da literatura indica alguns procedimentos que parecem estandardizados. Entre eles, por exemplo, é prática recorrente analisar as obras dos literatos a partir do gênero a que se filiam. Todavia, é sabido que alguns autores têm produções filiadas a diferentes gêneros, ora produzindo obra lírica, ora dramática, ora narrativa de ficção. Neste caso se encontra Ariano Suassuna, pois entre os títulos de sua autoria há peças de teatro, poesias e romances. Diante disso, os historiadores, via de regra, optam por classificar o literato em estreita correspondência com apenas um gênero determinado, sem se ocupar com os demais. É conveniente salientar que antes mesmo da publicação de **Pedra do Reino** e da incursão de Suassuna como romancista, o mesmo já gozava de grande prestígio, inclusive no exterior, graças a seu teatro. Assim, quando se trata de Ariano Suassuna, a história da literatura considera fundamentalmente “o dramaturgo”, autor do **Auto da Compadecida**⁷⁵, ignorando-o como romancista. Justificada ou não, esta espécie de descaso não passou despercebida por Ariano Suassuna que se manifesta corroborando a idéia de uma possível “campanha de silêncio”.

⁷⁵ Cf. SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986

(...)as pessoas geralmente me aceitam como dramaturgo, mas têm um pé atrás em relação a **Pedra do Reino**. E para mim, a **Pedra do Reino** é minha obra mais importante. Reinaldo Azevedo, da **Revista Bravo**, pela primeira vez disse que em relação à **Pedra do Reino** havia uma campanha de silêncio, e há. Há uma má vontade, alguma coisa com o desconhecido, eu não sei(...)⁷⁶

⁷⁶ Cf. SUASSUNA, Ariano. "Memória de ficção e de família do Imperador da Pedra do Reino". Entrevista concedida à Débora Cavalcantes de Moura, em 31/05/1998(mimeo), p.21.

Memórias de ficção e de família do
Imperador da Pedra do Reino

No capítulo anterior, discutimos as diversas manifestações críticas de recepção ao **Romance da Pedra do Reino**. Aqui, trazemos um depoimento de Ariano Suassuna, baseado numa entrevista que nos foi concedida por ele, com algumas reflexões suas acerca da história do romance, da recepção crítica, de literatura de cordel.

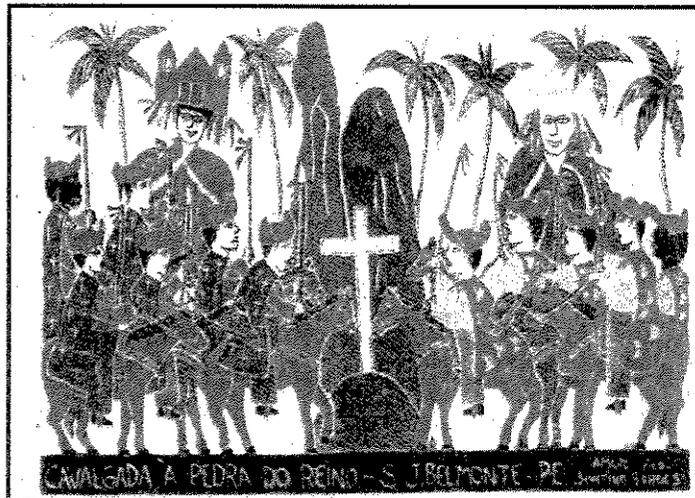
Durante a entrevista o objetivo fulcral era que o autor do romance nos falasse sobre as fontes históricas e orais de **Pedra do Reino**. Afinal, esse era o recorte que havíamos dado à pesquisa.

O resultado da entrevista foi tão satisfatório que nos preocupamos em não transformá-la num simples anexo. Decidimos, então, convertê-la num capítulo da Dissertação. Todas as declarações são transcrições literais do depoimento de Suassuna. Nada acrescentamos nem omitimos. Nosso papel foi tão somente o de ordenar as declarações sobre um mesmo tema que surgiam e ressurgiam, em diversos trechos da entrevista.

* * *

O dia 31 de maio de 1998 começou cedo na pequena São José do Belmonte, localizada no sertão de Pernambuco, na divisa entre os Estados da Paraíba e Ceará. Às 4:30 da manhã, muitos dos cavaleiros, devidamente paramentados, uma multidão de interessados e a comunidade em geral, já estavam a postos diante da Igreja Matriz de São José, a espera do rei e da rainha para darem início à VI Cavalgada à Pedra do Reino. [Fig. 05]

Finalmente, o par real. Ao som de tiros de foguete e bacamarte, o cortejo deixou a sede do município, em direção ao sítio Pedra do Reino. Depois de quase seis horas cavalgando, pelas belíssimas veredas do sertão pernambucano, o grupo chegou ao sítio histórico, local onde foram realizadas manifestações religiosa- uma missa, pela alma dos mortos, em 1838- e cultural- apresentação de grupos folclóricos do Recife e repentistas da região. O dia da cavalgada é, realmente, de muita festa.



[Fig. 05] Convite à VI Cavalgada à Pedra do Reino, realizada no dia 31 de maio de 1998, de autoria de Severino Borges.

De volta à sede do município, por volta das quatro horas da tarde, dirigi-me à fazenda em que estavam hospedados Ariano Suassuna e seus familiares, distante 8 Km da cidade, para a realização da entrevista, conforme havíamos combinado previamente. Embora cansado das atividades que o ocuparam a maior parte do dia, e meio afônico, dada a poeira dos 37 Km de estrada de chão que separam o sítio histórico da sede do município, Ariano Suassuna- confortavelmente acomodado numa das redes da varanda da fazenda, diante da paisagem sertaneja, por quase três horas, falou-me sobre **Pedra do Reino**, de sua vida, cantou versos de literatura nordestina e de outros autores.

Pedra do Reino: um pouco de história na voz de Ariano Suassuna

No início da década de 50 eu tentei escrever uma biografia de meu pai, cujo título ficou assim definido: **Vida do presidente Suassuna- Cavaleiro Sertanejo**. Não consegui continuar o trabalho. Escrever aquilo trazia para mim um grande tormento, pois, como sabemos, tudo terminara de uma maneira terrível. João Dantas, o assassino de João Pessoa, era primo de minha mãe e foi pelo fato de ele ter matado João Pessoa que mataram meu pai, porque atribuíram a morte de João Pessoa a uma ordem de meu pai. João Dantas morreu na detenção do Recife, que hoje é a Casa da Cultura, num aposento elevado, no terceiro andar, numa enfermaria que tinha lá. Ele foi encontrado morto, com a garganta cortada. E até o hoje os Pessoa dizem que ele se suicidou e nós (dos Suassuna), dizemos que ele foi assassinado. Então, é uma história controvertida. E, outro detalhe, no dia 30 de setembro de 1930,

morreu do coração o pai de João Dantas, provavelmente desgostoso por ver o filho preso. No dia 3 de outubro, eu fui, com mamãe, visitar João Dantas lá na prisão. Nessa noite, estava sendo deflagrada a Revolução de 30, na Paraíba.

Por volta de 1956, eu tentei escrever um romance baseado nesses acontecimentos. Mas não consegui. A narração que eu tentei fazer da vida de meu pai começou a ser um sofrimento. Aí parei. Parei e tentei escrever um longo poema sobre ele. Eu esperava que a poesia me desse um distanciamento maior, mas não consegui terminar. A exemplo da biografia, o poema também me causou muito sofrimento.

Foi exatamente quando eu parei de escrever o poema, que li o texto de Áttico¹ e resolvi escrever um romance baseado naqueles acontecimentos. Através desse texto histórico, publicado na **Revista do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco** tomei conhecimento da História da Pedra do Reino. Áttico era historiador, membro do Instituto e como ele era daqui de Serra Talhada, aqui mesmo na região, ele tomou conhecimento de Pedra Bonita. O título inicial dessa obra parece-me que é **Memória do Reino Encantado da Comarca de Villa Bella**. Parece que a data da publicação foi 1874, quer dizer, um texto publicado somente alguns anos depois dos acontecimentos de Pedra Bonita, considerando que os acontecimentos principais foram de 1838.

Em 1958, comecei a escrever **Pedra do Reino**. Mas, sem perceber, no

¹ Cf. SOUSA LEITE, Antônio Áttico. "Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella, Província de Pernambuco." Em: **Revista do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco**. Nº 60 . Recife, 1903. Este foi o primeiro texto "histórico," sobre Pedra Bonita, embora só tenha surgido em 1875, trinta e sete anos depois dos acontecimentos de Pedra Bonita.

meu inconsciente, aquela história que não tinha conseguido contar a respeito de meu pai começou a entrar na **Pedra do Reino**. Somente quando terminei uma das muitas versões, dei para minha irmã Germana ler e fui alertado por ela de que aquele episódio do romance que narra a morte do padrinho de Quaderna, num aposento elevado de uma torre fechada, podia ser lido como o assassinato de João Dantas. É o chamado crime indecifrável. Percebi que, de certa maneira, no meu subconsciente, a família Quaderna era a família Suassuna e a família Garcia Barreto era a família Dantas, que é a família de minha mãe. Mas isso foi numa versão anterior, pois escrevi várias versões para **Pedra do Reino**. Mas, quando minha irmã me chamou a atenção, eu acentuei, dessa vez de propósito, esse fato, de maneira que eu não digo que os Quaderna são os Suassuna nem que os Garcia Barreto são os Dantas, mas ambas são recriações literárias dessas duas famílias. E eu contei, indiretamente, aquela história terrível que é a história da minha família, através da história da família de Quaderna que é outra história terrível. Então foi por aí que surgiu o **Romance da Pedra do Reino**.

Aliás, estou observando que você diz algumas vezes Pedra Bonita e, outras vezes, Pedra do Reino. Isso aí eu considero uma vitória pessoal minha porque Euclides da Cunha chama Pedra Bonita, Áttico também chama Pedra Bonita, José Lins do Rego chamou Pedra Bonita, quem chamou Pedra do Reino foi Ariano Suassuna. E eu pus o nome, todo mundo hoje só chama Pedra do Reino. E o nome é mais bonito, Pedra do Reino é mais bonito

que Pedra Bonita apesar de não ter um adjetivo bonito, ou talvez até por causa disso. Quer dizer, Pedra do Reino é um nome forte. Um nome que pegou. Porque o pessoal chamava o Reino Encantado, alguns poucos chamavam Serra do Reino. Aí eu peguei a Pedra, da Pedra Bonita e reino, da Serra do Reino e criei a Pedra do Reino para ficar para o resto da vida, nunca mais mudou.²

Por outro lado, esse fato aponta para a influência destes autores na elaboração de **Pedra do Reino**. Ainda que seja uma influência pequena, eu acredito que exista. Principalmente a de José Lins do Rego. Mas influência muito maior eu recebi de textos históricos e sociólogos, como o de Ático que é histórico e o de Waldemar Valente que estudou a História da Pedra Bonita num livro sobre **Misticismo e Região**.³ O romance de Araripe Jr., que é o primeiro romance escrito sobre a Pedra Bonita, eu só li depois de pronto o romance da **Pedra do Reino**. Porque eu tinha notícia dele através d'**Os Sertões**. Euclides da Cunha toca ligeiramente no caso da Pedra Bonita e em nota de pé de página acrescenta que Araripe Jr. escreveu um romance interessante ... É alguma coisa assim que ele diz. E eu fiquei com ar de doido procurando o romance e não encontrava. Nesse tempo eu estava indo ao Rio de Janeiro com freqüência e fui procurar o maior especialista em Araripe Jr., que é Afrânio Coutinho. Pois bem, Afrânio Coutinho não conhecia o romance.

² A designação "Pedra do Reino", na verdade, já aparece no texto de Ático. Cf. SOUSA LEITE, Antônio Ático de. "Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado, na Comarca de Villa Bella, Província de Pernambuco". Em: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**. Nº 60. Recife, 1903, p. 222. Na ata de criação da bandeira de São José do Belmonte, em 1967, portanto, antes da publicação do romance suassuniano, também registra Pedra do Reino. Cf. nota de rodapé nº 30, capítulo 1, dessa Dissertação.

³ Cf. VALENTE, Waldemar. **Misticismo e região**. Recife: Asa, s.d.

Depois eu encontrei na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, uma edição feita em separata daquela memória de Áttico que o filho dele, Solidônio Leite, tinha publicado e pediu a Araripe Jr., que na época era um crítico literário muito conhecido, para fazer o prefácio que se chamava “O Reino Encantado”. Aí eu fiquei pensando comigo: será que Euclides da Cunha chamou esse prefácio de romance, será que ele chamou de romance essa introdução. Mas fiquei muito desconfiado porque Euclides era um sujeito tão rigoroso, não ia cometer esse lapso. Então depois que eu publiquei **Pedra do Reino**, uma professora alemã, que ensina Literatura na Universidade de Colônia e fez uma tese sobre a **Pedra do Reino**⁴, descobriu o romance no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, em São Paulo e depois um outro estudioso que eu não me lembro mais quem era, foi lá e tirou uma cópia xerográfica, deu-me e eu doei aqui ao Memorial da Pedra do Reino⁵. Só aí, já depois de dez ou vinte anos de publicado o **Romance da Pedra do Reino**, é que eu encontrei o romance de Araripe Jr.

A família literária por Ariano Suassuna

A minha admiração por Euclides da Cunha é enorme. Logo no início do romance eu faço uma alusão a **Os Sertões**, quando Quaderna “corrige” Euclides, dizendo que a face do sertão é tripla: inferno, purgatório e paraíso, e não dupla. Aquilo é mais uma brincadeira de Quaderna. Agora, eu discordo

⁴ Cf. MERTIN, Ray-Güde. **Ariano Suassuna: romance da Pedra do Reino**- Zur verarbeitung von Volks- und Hochliteratur im Zitat. Gênova: Librairie Droz, 1979

⁵ No Memorial Pedra do Reino, em São José do Belmonte – PE, há uma fotocópia do romance **Reino Encantado**, dedicada a Suassuna pelo pesquisador Mark Curran.

de muita coisa dele: tem coisas sérias de Euclides da Cunha, tem erros ao meu ver graves. Por exemplo, a interpretação da mestiçagem brasileira feita por ele é absolutamente inaceitável. Eu sempre digo, Euclides era um grande escritor, antes de tudo, mas principalmente quando ele deixava funcionar, livre, a genial imaginação de escritor que ele tinha ele acerta toda vez. Mas quando ele se deixava influenciar pela falsa ciência européia, pelo falso cientificismo, determinismo, positivismo do século XIX é um desastre. Não é? Eu sempre leio Euclides da Cunha com um sentimento misto de admiração e, ao mesmo tempo, com muito cuidado, mas também com muito respeito pelo grande escritor que ele é. Eu me considero um escritor da mesma linhagem dele. Se eu fosse escolher uma figura paterna na literatura brasileira seria Euclides da Cunha. Eu me auto-analisando descobri que na minha admiração por Euclides tinha uma componente emocional ligada a meu pai. Porque meu pai o admirava profundamente. O primeiro exemplar de **Os Sertões** que eu li foi da biblioteca do meu pai. No discurso que fiz para Academia Brasileira de Letras eu falo detalhadamente sobre isso. Cito um texto de meu pai. Ele escrevia bem e tem um artigo sobre sertão muito bonito, que ele escreveu num jornal da Paraíba, na década de 20. Ninguém conhece não, mas está lá citado no discurso meu. Pois bem, e quem vê o retrato de meu pai, verá que meu pai se parece muito com ele, tem aquele mesmo bigode, os olhos escuros, aqueles olhos profundos que Euclides da Cunha tinha. Euclides da Cunha foi assassinado aos 42 anos, meu pai foi assassinado aos 44 anos. Ele se parece

um pouquinho com a minha irmã. Então eu descobri que um dos motivos da minha admiração por Euclides é herança, além de ser uma herança de meu pai, há também a semelhança física. Mas meu pai era mais bonito. (risos) [Fig. 06 e Fig. 07]



[Fig. 06] Foto de João Suassuna. Foto de autoria desconhecida. Em: SUASSUNA, Ariano. **História do rei degolado nas caatingas do sertão**. RJ: José Olímpio, 1977 (Cópia gentilmente cedida pelo Prof. Newton Carlos Jr.)



[Fig. 07] Euclides da Cunha. Desenho de Presciliano. Em: **Euclides da Cunha - Obra Completa** - RI: Nova Aguilar, 1995.

A marca de Euclides da Cunha está em todo meu universo. Não propriamente na história da Pedra do Reino porque o que ele escreveu sobre a Pedra Bonita é pouco e Euclides da Cunha nunca viu o local. Por exemplo, a descrição do local que ele faz é uma descrição falsa. Totalmente. Ele afirma que Pedra do Reino fica num vale. Não fica num vale. É num planalto muito aberto, muito chão. E ele disse “É um penedo único. Ergue solitário penedo único”. São dois, nem um não é.

Como lhe falei, marca de Euclides da Cunha está em todo meu universo. A minha literatura é o meu mundo e eu não faço diferença entre a minha vida e a minha literatura. A primeira coisa que eu procuro é dar expressão a esse mundo. Porque veja bem, quando eu penso em escrever um livro, penso num livro que gostaria de ler, mas como ele não existe ainda, eu escrevo. Gostaria de ler um livro sobre a Pedra do Reino, mas um livro escrito naquele ponto de vista. **Pedra Bonita** não foi o suficiente para mim não. Então eu queria escrever a história da Pedra do Reino, daquele ponto de vista de Quaderna. Então normalmente é isso, um livro que eu gostaria de ler e que como não existe, escrevo. E gosto muito de escrever. Outro dia li uma declaração de Raquel de Queiroz, uma pessoa de quem eu gosto muito e que eu sei que ela gosta muito de mim, de que ela tem horror ao ato de escrever. Não sei por que é que ela escreve. E li isso também de uma moça que eu admiro muito, Marilene Felinto. Eu não conheço bem a literatura dela, mas a conheço pessoalmente e ela dizia a mesma coisa, que tinha verdadeiro ódio ao ato de escrever. Para mim é uma festa, escrever é uma alegria. Quando escrevo uma coisa que me agrada, eu fico numa felicidade enorme. É um prazer. É uma

coisa que a gente luta muito, mas a recompensa é enorme. Agora mesmo, esse romance que estou fazendo é outro romance que gostaria de ler, mas não existe, então estou fazendo.

Também sou um escritor que gosta de escrever em companhia, não gosto de escrever solitário. Pertencço a uma família. Toda vez que escrevo, cito a minha família literária. Quando falo em família literária, falo em Cervantes. Cervantes é o mestre que eu mais admiro. Talvez seja o escritor que eu mais admiro. Agora quando eu digo isso, evidentemente não estou dizendo que eu tenho a dimensão de Cervantes, não. Eu estou dizendo que pertencço à família dele, não é verdade? Você pode ser neto de gênio, ter as características dele, só que você não é um gênio. Mas sempre que digo que pertencço à família, à linhagem de Cervantes, digo também que pertencço à linhagem de Alexandre Dumas, o autor dos **Três Mosqueteiros**, porque me sinto também da família dele. Essas obras estão presentes no meu universo de leitura e na minha própria formação de escritor porque li muito moço, adolescente **Os Três Mosqueteiros**, por exemplo. Muito moço li um livro dele chamado **Memórias de um Médico**, um livro de 16 volumes passado na Revolução Francesa. E esses livros me marcaram muito, ainda hoje leio com profundo encanto. Então eu queria dar uma demonstração de que a **Pedra do Reino** era um livro que pertencia a essa linhagem. Até *Quaderna* tem parentesco com *Dom Quixote*, com o personagem de Cervantes porque como você sabe, *Dom Quixote* enlouquece lendo um livro de cavalaria. Em **Dom Quixote** há uma intertextualidade muito presente, pois aquelas novelas de cavalaria todas estão lá no **Dom Quixote**. Quer dizer, é um texto intertextual também. O papel que

os livros de cavalaria desempenha em relação a Dom Quixote é o folheto de cordel que desempenha junto a Quaderna. Mas aí tem uma diferença entre eles dois. A diferença mais significativa é que Dom Quixote acredita em tudo aquilo como real e Quaderna é lúcido sobre a realidade⁶. Ele não é nenhum louco, não; lança mão do cordel como uma defesa contra a dureza do mundo no qual vive. Quer dizer, pela literatura, pelo sonho que a literatura lhe confere, ele pretende enfrentar a dureza do real da vida dele.

A intertextualidade em Pedra do Reino

O **Romance da Pedra do Reino** apresenta uma densa intertextualidade. Eu não sabia nem da existência dessa palavra, para lhe dizer verdade, mas realmente tem. Depois que me chamaram a atenção. Foram os críticos literários, os professores de literatura que começaram a me mostrar isso. Eu fazia muita questão de fazer um romance poético, mas um romance poético feito por Quaderna e não por mim, lançando mão do universo poético de Quaderna. Eu pegava autores misturados, às vezes, até de segunda ordem e que Quaderna achava de primeiríssima para fazer disso um processo de criação literária e daí veio esse processo que só depois eu soube que se chamava intertextualidade.

Concordo quando dizem que o enredo de **Pedra do Reino** esteja ao alcance da maioria dos leitores. Entretanto, o elemento intertextual, de certa

⁶ Como se vê, o escritor Ariano Suassuna incorpora ao seu discurso um punhado de anotações da crítica literária ao **Romance da Pedra do Reino**. Neste caso, seu discurso está colado ao do crítico alemão Georg Rudolf Lind, já citado. Cf. LIND, Georg R. Op. Cit. pp. 31-2

maneira, seleciona o público, já que é necessário um repertório de leitura considerável, para saber o que eu estou dizendo. Às vezes, têm alusões ligadas à literatura universal. Disfarçadas, mas estão lá. De certa forma, a intertextualidade foi um processo literário do qual lancei mão para ampliar o universo poético e fantástico de Quaderna e porque gosto muito de escrever em companhia. Penso que assim é possível estabelecer uma relação com o leitor no momento da escrita. É claro que eu escrevo para que as pessoas leiam. Mas, não sei os outros escritores, mas o primeiro objetivo meu não é atingir nenhum leitor determinado. Eu quero dar expressão a meu mundo, pois tenho um mundo fantástico, cheio de confusões, de complicações, um negócio. O meu mundo é um mundo talvez tumultuado, mas a mim me dá uma força muito grande. A literatura para mim é uma coisa fundamental, do mesmo jeito que era para Quaderna. Eu não saberia viver sem literatura, não, tanto para ler a dos outros como para fazer a minha.

Veja o exemplo de Quaderna. No capítulo chamado "O caso da cavalhada" ele diz que viu a cavalhada, achava bonito, aí ele diz: 'De maneira que aquele mundo dos folhetos e das cavalhadas, aquilo enchia meu mundo duro, pardo, cinzento, etc., enchiam-se dos galopes e das bandeiras das cavalhadas'. Aí diz: 'A minha vida dura e cinzenta de sertanejo levado à ruína pela ruína da fazenda do pai começava a fazer da literatura um refúgio'. Então ele está de olho aberto, ele é diferente do Dom Quixote porque ele sabe que a vida não se resolve com um folheto de cordel nem com cavalhada, mas ele sabe também que aquilo é um poderoso elemento de sonho para que ele se defenda da dureza do real.

Com a cavalgada ocorre o mesmo. Tem um momento que ele diz assim: 'Eu estou contando essa história, os Pereiras eram inimigos da minha casa. Mas eu estou contando essa história para mostrar que o Brasil é muito mais importante do que aquele reinozinho besta e estrangeirado que é a França'. Também quando ele descreve a chegada de Sinésio a Taperoá, tem uma hora que o corregedor diz para ele: 'Mas me diga uma coisa. É verdade mesmo isso tudo que você está contando, ou é estilo régio?' Aí ele disse: 'Olha, se quiser, você pode olhar isso aí e dizer que é um bando de gente sem graça, uns cavalinhos magros. Mas para mim aquilo é uma coisa bonita, um desfile pomposo'. Então você veja, ele é sempre lúcido.

Existe um poema de Gonçalves Dias que menciona na cavalgada, mas está todo transformado por ele. Isso foi uma coisa que eu queria dentro desse processo literário de criação de Quaderna. Ele, de vez em quando, cita o autor romântico, mas ele modifica. O texto original não sei se você sabe isso, mas Gonçalves Dias escreveu um livro que se chama **Sextilha de Frei Antão** e é uma falsificação da poesia romântica, do romance português medieval. Você sabe, os românticos tinham um fascínio pela Idade Média, mas eles falsificavam muito daquilo que eles citavam. Eu acredito que eles mudavam o conteúdo dos textos citados porque eles achavam feio. Pois bem, então ele cria um verso lá num português falsamente antigo e é passado em Portugal. Frei Antão é um frade português, medieval e eu tirei isso de Gonçalves Dias para dar um caráter mais brasileiro e nordestino e sertanejo. Então, eu me lembro que diz assim: São Ciganos (mas não são ciganos) atrevidos e

torcidos, uma coisa assim. Lá no livro são fidalgos portugueses medievais. Aí eu transformei.

É uma espécie de recriação que Quaderna sempre faz. Quando ele está em cima do lajedo e passa a cavalgada de Sinésio, não sei se você se lembra, ele lança mão de um soneto de Raimundo Corrêa. Mas no soneto eu me lembro que é de noite, e ele transforma numa tarde, porque a noite é muito romântica. Então, se não me engano é assim, deixa ver se me lembro do verdadeiro:

A lua banha a solitária estrada. Silêncio.
Mas a lei confusa e brando
o som longínquo vem se aproximando
do galopar de estranha cavalgada.
São fidalgos que voltam da caçada.

Está vendo como é uma coisa européia.

Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando
e as trompas a soar vão agitando
o remanso da noite embalsamada.

O silêncio outra vez
E a lua banha a solitária estrada.

Enfim, aí eu mudei, Quaderna transforma, diz assim.

O sol requeima a solitária estrada.

Para ele, já passou para ser o sol e não a lua. Já é durante o dia e é o sol, um astro menos romântico que a lua.

Silêncio, mas a lei confunde gamo
o som longínquo vem se aproximando
do galopar de estranha cavalgada.
São ciganos fiéis da onça parda.

Ele diz:

São fidalgos que voltam pela estrada
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando
e as trompas a soar vão agitando
o remanso da noite embalsamada.

Lá é remanso da tarde ensolarada, se não me engano. Então quer dizer que Quaderna modifica as citações, as citações dele não merecem confiança. É curioso porque essa moça de quem falei, essa alemã, fez a tese dela na Universidade de Colônia e a tese começou nas citações da **Pedra do Reino**. Ela se pegou unicamente nas citações e ela descobriu uma por uma as fontes das quais eu tinha partido. E ela então publicou a fonte no original e a recriação feita por Quaderna.

Eu estou bolado porque não estou lembrando o soneto de Raimundo Corrêa.

A lua banha a solitária estrada.
Silêncio. Mas a lei confunde em pranto
o sono azul que vem se aproximando
do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada
vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando
e as trompas a soar vão agitando
o remanso da noite embalsamada.

E o bosque estala, longo se estremece
da cavalgada o trépido que aumenta
perde-se a voz no centro da montanha.

O silêncio outra vez solto emudece
e límpida, sem mácula, alvacenta
a lua estala solitária manhã.

Saiu, pronto. Agora do jeito que ficou você vê lá, não me lembro mais. Mas Quaderna mudou tudo. Ao invés de fidalgos são ciganos, invés de ser de noite é de tarde, invés da lua é o sol, e vai por aí.

Quaderna

Na minha visão, Quaderna é um personagem interessante porque ele tem interesses políticos. Eu não sei se é crítica à minha própria obra. No **Romance A Pedra do Reino** o problema político é bastante importante, é muito importante na visão tanto de Samuel, como de Clemente, como do próprio Quaderna. Quaderna é um dilacerado. Ele não concorda inteiramente nem com o Comunismo de Clemente, nem com o Integralismo de Samuel, mas ele tem uma visão própria. Ele é um socialista. Ele atribui essa opção política a uma herança da Pedra do Reino, ele até cita Pereira da Costa, dizendo: 'Havia naqueles fanáticos um como que pensamento socialista'. Então Quaderna era um socialista. Do ponto de vista político tem uma presença, uma marca muito forte, tanto na personalidade de Quaderna como no universo do romance. Depois, ele tem interesses literários que são poéticos e ele procura desesperadamente um gênero literário que atenda seus anseios. Termina sendo o romance porque ele acha que pode fundir a poesia, a novela picaresca, novela de cavalaria. Enfim, ele tem uma formação literária. Ele tem

também formação filosófica. Olha, isso é uma coisa que pouca gente notou até hoje, mas naquele capítulo chamado “A Filosofia do Penetral”, aquilo não está lá de graça não, aquilo por um lado é uma sátira à filosofia alemã. Aquilo tudo que está dito ali tem um sentido filosófico. Afinal, eu tenho preocupações filosóficas. Fui professor de filosofia da arte a vida toda e aquilo que está lá é a caricatura dos filósofos alemães, que estavam em voga na época que eu escrevi o romance, principalmente na intelectualidade brasileira. Aquilo é uma caricatura principalmente de Heidegger, Jauss e de Sartre, que não é alemão, mas que também vivia um pouco ligado a esse tipo de coisa. Há uma discussão de temas de filosofia da arte. Quando Quaderna aborda as relações do real com a literatura e com a arte, a propósito das pedras do reino, ele diz que as pedras mesmo eram diferentes do que ele sonhava. Aí ele diz: ‘Eu resolvi modificar o real daquilo, para fazer com que aquelas pedras tortas corresponderem ao meu ideal antigo’. Então, quer dizer, isso tudo são problemas de arte, da criação artística, de filosofia da arte. Nele há interesses, políticos, literários, filosóficos e religiosos. Num texto que li, de Fernando Cristóvam⁷, ele diz que Quaderna não aprofunda o problema religioso. Ele acha que está mais bem resolvido em **Grande Sertão Veredas** que na **Pedra do Reino**. Bom, se está mais bem resolvido eu não discuto porque eu não sei, eu não tenho uma visão crítica de mim. Agora que ele não notou, que ele não viu o problema religioso de Quaderna, isso eu sei que ele não viu. E ele não viu porque ninguém viu. Para compreender o problema religioso de Quaderna

⁷ Cf. CRISTÓVAM, Fernando *Op. Cit*

e do romance da **Pedra do Reino** tem que conhecer a obra de São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Santa Teresa tem uma influência profunda em mim. Ela escreveu um livro chamado **O Castelo Interior com as Moradas**. Ela parte do pressuposto de que Deus mora dentro da alma, a alma humana é como um castelo interior formado por 7 moradas. E na morada mais interior e mais pura de todas, Deus está. E aquela busca do castelo de Quaderna é por um lado a busca do castelo real da **Pedra do Reino**, mas é a busca do castelo de Teresa, Santa Teresa também. E depois tem outra cena lá onde Quaderna diz que estava sonhando perto de um lajedo e sonhou que subia se queimando todo e quando chegava lá em cima ele via de repente que tudo era divino. Ele diz O bem e o mal, o sexo e a secura desértica, uma coisa mais ou menos assim e ele diz: 'Enfim, eu recebia de uma vez só, parece que o poder do amor, ele recebe três coisas'. Aí ele diz: 'As coisas mais importantes que provam que mesmo aqui nesse mundo duro, pardo, o homem pode alcançar', e ele diz três coisas que são do vocabulário poético e religioso de São João da Cruz. Se eu não me engano na página 468. Você pode ler lá que aquilo lá é um problema religioso muito profundo ligado a visão mística e religiosa de Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz e isso é uma coisa fundamental. Quaderna diz: meu problema principal é que eu não creio em nada e eu preciso de crer. Então ele pede a Deus que dê a ele uma estátua de padre na fé, uma visão religiosa para que o mundo como ele diz se transforme numa coisa bonita. Pronto, pois então eu acho que se tem em Quaderna um personagem complexo, como ele diz, assim como o universo dele na **Pedra do**

Reino é um universo complexo, porque tem uma vertente política, literária, filosófica e religiosa.

O castelo literário

A questão do castelo também é literária. Eu cito a peleja de Francisco Romano e Inácio da Catingueira. Eles diziam: 'Eu vou derrubar teu castelo que nunca se derrubou. A parede do castelo feita de 100 metros de fundura'. Bom, então os cantores me forneceram essa linha que é uma linha poética de erguer o castelo. Santa Teresa me deu a linha religiosa do castelo. O tesouro tem significado religioso também. Aquele tesouro que Quaderna sai para procurar, aquilo é a busca de toda pessoa que tem uma visão religiosa do mundo. É o Graal da **Demanda do Santo Graal**⁸ que está lá, no livro de Quaderna, na **Pedra do Reino** tem o folheto do Graal. Aquilo é uma novela de cavalaria que me marcou muito, eu li essa novela em português antigo, a **Demanda do Santo Graal**. Então, a busca do tesouro é a busca do Graal. Olha, as declarações que dei agora foram reveladoras até para mim mesmo. Por exemplo, essa observação que fiz agora sobre o universo religioso, eu descobri quando estava falando com você. Quando li essa observação em Fernando Cristóvam⁹, eu até dei razão a ele. Depois, pensando, comecei a me lembrar desse significado. Por exemplo, a importância de Santa Teresa e São João da Cruz que é fundamental para mim e para Quaderna.

⁸ Cf. **Demanda do Santo Graal**: manuscrito do século XIII/texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: Edusp, 1988

⁹ CRISTÓVAM, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Setão), em: **Revista USP**, Dossiê Canudos, Nº 20, São Paulo: 1997. pp 43-54

Pedra do Reino, o teatro e a literatura de cordel

Quando eu comecei a escrever **Pedra do Reino**, em 1958, fui obrigado a interromper várias vezes para atender a pedido de amigos. Durante esse tempo escrevi **O Santo e a Porca**, **O Casamento Suspeitoso**, se não me engano, escrevi **A farsa da boa preguiça** e **A pena e a lei**. Quer dizer, parava o romance e fazia uma peça. Mas as primeiras notas sobre a **Pedra do Reino** comecei a tomar em 58, eu ainda tenho essas notas.

Depois de um período de distanciamento, mudava muita coisa. A primeira coisa que mudou é que, a princípio, o narrador era eu. Até que comecei a notar que aquilo estava errado. Normalmente, quando estou escrevendo e começa a aparecer algo de errado eu sinto logo. Sinto que alguma coisa está falsa. Então parei e comecei a pensar. Vi que o que estava atrapalhando era o fato da minha pessoa estar narrando. De repente começou a surgir um narrador que não era mais eu. Mas a história principal era do rapaz do cavalo branco. Quaderna foi criado como narrador da história dele. Agora Quaderna começou a ganhar força, força, força aí terminou como personagem principal. Isso levou longo tempo porque eu parava e voltava para o texto.

Nessas ocasiões, eu costumava reler tudo e modificar. Essa versão primeira que mostrei a minha irmã. Ela começava com o depoimento do corregedor, do jeito que está na edição francesa. Depois eu senti necessidade de colocar a formação literária de Quaderna. Foi quando ele começou a adquirir importância e eu vi que tinha que escrever para contar como era

aquele personagem. Tinha que dar informações sobre aquela figura que tinha ficado mais importante. Um figura doida, danada, mas muito interessante.

Ainda do ponto de vista da formação literária de Quaderna, é preciso mencionar o universo da literatura de cordel. Primeiro vejo muitas diferenças entre o uso que faço no **Romance da Pedra do Reino** e o uso que faço na dramaturgia. Você veja, no **Auto da Compadecida**, por exemplo, que é uma peça na qual existe uma presença muito grande do folheto de cordel, ou melhor, o folheto fornece a própria intriga da peça. O primeiro ato é baseado no **Enterro do cachorro**, o segundo ato é baseado no folheto chamado **A história do cavalo que defecava dinheiro** e o terceiro ato é baseado em um outro folheto ainda chamado **O castigo da soberba**. Então a própria ação da peça é montada em cima de folhetos. Na **Pedra do Reino** não é a mesma coisa. O papel que é desempenhado pelo folheto no **Auto da Compadecida** é desempenhado aqui pelos textos históricos e literários. Como por exemplo, esse texto de Antônio Áttico de Souza Leite. Quer dizer, a intriga geral é ou inventada por mim ou baseado em textos históricos. O folheto entrou na formação de Quaderna. Tem três capítulos com a formação de Quaderna.

Inclusive, tem a personagem João Melchíades Ferreira, que é um personagem histórico, existiu, era um poeta popular. Aí então eu coloquei Quaderna como sendo aluno e afilhado dele para prestar uma homenagem exatamente ao cordel e tem os capítulos de formação. Naquele, o "Reino da Poesia", eu usei a palavra reino, que é muito forte na **Pedra do Reino**, o "Reino da Poesia". Então Quaderna conta ali a influência que o folheto teve na formação dele.

Ali eu cito também o folheto de Leandro Gomes de Barros, intitulado **Reino da Pedra Fina**¹⁰. Outros elementos são do mundo do cordel. É o caso do próprio título do romance. Esse título é baseado num folheto de cordel que tem um título muito bonito. **O Príncipe do Reino do Barro Branco e a Princesa do Reino da Vai-não-torna**¹¹. Eu acho lindo esses títulos, longos assim. Bem próprios do cordel. Então eu botei também o nome baseado nessa linha, baseado no nome dos folhetos para mostrar, que dizer que o folheto tinha influenciado Quaderna e a mim também. Eu cantava folheto quando eu era menino.

Da tradição oral, eu cantava um folheto quando era menino chamado **A Peleja de Riachão com o diabo**¹². Ainda hoje sei cantar alguma coisa. Deixa ver se me lembro pelo menos das duas estrofes.

Riachão estava cantando
na cidade do Açú
apareceu um negro
um espécie de urubu
a camisa de sola
e as calças de couro cru

Inclusive o racismo do sertanejo está bastante grave.

¹⁰ O título, na verdade, é **A história da princesa da Pedra Fina**. Cf. BARROS, Leandro Gomes de. **A história da princesa da Pedra Fina**.

¹¹ Cf. SILVA, Severino Milanês da. **O príncipe do barro branco e a princesa do reino do vai não torna**. S.l., s.d.

¹² BARROS, Leandro Gomes de. **A peleja de Manoel Riachão com o diabo**. São Paulo: Luzeiro, s.d. Os versos que Suassuna conheceu na tradição oral foram impressos nesse folheto de Barros. Cabe ressaltar que esses versos podem ter feito o percurso contrário: eles podem ter entrado na tradição oral depois de terem sido publicados como folheto.

E o beijo revirado
 como sola de chinelo
 um olho bem encarnado
 e o outro bem amarelo
 ele chamou o Riachão
 para cantar o martelo.

E esse negro era o diabo. Mais uma marca do racismo sertanejo, o diabo tinha que ser negro. Pois bem, então eu cantava esses folhetos quando menino e esse foi um que eu peguei na tradição oral.

La Condessa

Trago também a Cantiga de La Condessa, que peguei da tradição oral. Aquilo era cantado quando eu era menino como cantiga de roda pelas meninas e ainda hoje é muito cantado na Paraíba. A tradutora da **Pedra do Reino** para o francês¹³ fez um estudo muito bom sobre o romanceiro na Paraíba e mostrou não sei quantas versões de La Condessa. Eu só conhecia aquela e ela anotou várias versões. Agora essa influência que foi oral, da literatura oral, foi depois confirmada pela influência escrita porque li, quando muito jovem, um livro de Sílvio Romero chamado **Cantos Populares do Brasil**¹⁴ e quando cheguei lá tinha La Condessa. A gente cantava assim:

La Condessa, La Condessa
 que queres com a Condessa
 quero uma de vossas filhas
 para com ela casar.

¹³ Foi Idelette Muzart que traduziu **Pedra do Reino** para o francês, em 1998. Idelette foi professora da UFPB-João Pessoa por 18 anos e atualmente é professora na Universidade de Paris X- Nanterre.

¹⁴ ROMERO, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, s.d.

Eu não tiro as minhas filhas
 do mosteiro em que elas tão
 nem por ouro, nem por prata
 nem por sangue de Aragão.
 Tão contente que eu vinha
 tão triste que vou voltando.
 Volta, volta cavaleiro
 vem estola aqui pisando
 esta febre, esta febre
 esta como como a feira
 esta é a que eu queria
 pra ser minha companheira.

O mesmo não acontece com a Nau Catarineta. Com ela entrei em contato mais tarde. Foi uma influência mais literária já, com textos já lidos de Sílvio Romero e coisas desse tipo. Acho que ele foi o principal, foi Sílvio Romero. Agora eu tive uma influência muito grande a esse respeito de um pesquisador cearense chamado Leonardo Mota que era muito amigo de meu pai. Um dos livros dele, se eu não me engano é **Sertão Alegre**¹⁵, ele dedicava a alguns amigos dele, inclusive meu pai, que é citado no corpo do livro como sendo uma das fontes. Papai gostava muito de literatura de cordel, de cantador, e deu muitos versos que ele tinha ao Leonardo Mota. O primeiro cantador que vi eu tinha 7 para 8 anos de idade. Foi Antônio Marinho. Ele cantava com um cantador chamado Antônio Marinheiro, foi lá em Taperoá. Eu fui ouvir e me lembro que me impressionei muito porque ele além de improvisar, cantou um folheto sobre a história de uma aparição de um fantasma assim é isso me tocou muito. Então comecei ouvir cantadores, como também vi a primeira peça de mamulengo aí por essa idade, mais ou menos. Agora, talvez não tivesse dado grande importância ao tocador e ao folheto se

¹⁵ MOTA, Leonardo. **Sertão Alegre**. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

eu não tivesse lido Leonardo Mota. Eu achei o livro dele também na biblioteca de meu pai. Foi na fase que já estava lendo, encantado com a literatura. Aí quando vi que aqueles cantadores que eu tinha ouvido eram objetos de livros, que era uma coisa que eu respeitava, então eu disse: isso é um negócio importante. Isso é uma coisa séria. Então Leonardo Mota teve uma influência muito grande em mim por causa disso. E além do mais, para você ver eu já disse e repito agora que o **Auto da Compadecida**, foi uma peça baseada em três folhetos, todos os três estão citados por Leonardo Mota. O **enterro do cachorro**, por exemplo, a primeira versão que eu li na minha vida foi de num livro de Leonardo Mota e **A história do cavalo que defecava dinheiro**, também.

Eu acho que a Pedra do Reino é mais importante do que meu teatro

Vi as pessoas dizendo isso, “o teatro dele é bom, mas **Pedra do Reino**, não”. Alfredo Bosi, por exemplo, ele diz poucas palavras e coisas assim¹⁶. Ele nunca me colocou assim no primeiro time de romancistas brasileiros e ele é uma pessoa respeitada. Aí, eu digo, bom, Alfredo Bosi acha que a **Pedra do Reino** não está a altura de meu teatro. Aceita o teatro mas acha...[pausa] e eu acho que a **Pedra do Reino** é mais importante do que meu teatro. Aí eu digo: mas isso deve ser provavelmente porque eu sou o autor da **Pedra do Reino** e

¹⁶ As palavras de Bosi são: “Combinando lenda e humor, tradição popular e paródia, o dramaturgo paraibano Ariano Suassuna surpreendeu seu público com duas narrativas de fôlego, **A Pedra do Reino**(1971) e **O rei degolado**(1976)”. Cf. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1988, p. 484

estou com a visão falsa porque não tenho a importância que julgo. Agora com esse Reinaldo Azevedo que escreveu sobre meu romance¹⁷, agora vem você, eu estou começando a retomar a minha confiança. Não, a **Pedra do Reino** presta.

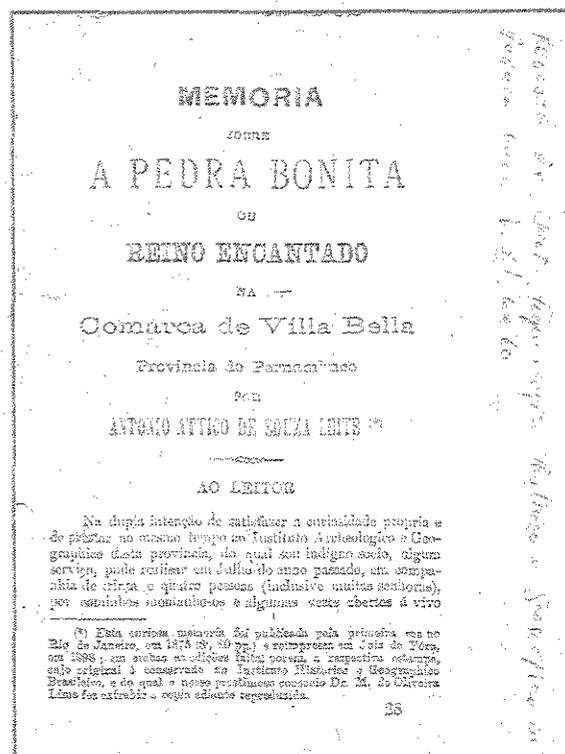
¹⁷ Cf. AZEVEDO, Reinaldo. "As armas dos barões assinalados" Em: **Revista Bravo**, n.º 08, 1998. pp. 58-75

A recriação de Pedra Bonita n'O
Romance da Pedra do Reino

Tomando-se por base apenas o título da obra romanesca de Ariano Suassuna - **O Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**-, é possível supor, antes mesmo que se faça uma leitura, que os acontecimentos de Pedra do Reino, Pedra Bonita ou Reino Encantado¹, ocorridos no sertão de Pernambuco, entre os anos 35 e 38 do século XIX, têm um papel decisivo na composição do romance.

Examinaremos aqui de que forma o autor de **Pedra do Reino** recria os “fatos” no espaço romanesco, as fontes nas quais se ancora e o uso feito de cada uma delas.

Antes porém, tentaremos situar o que foi a história de Pedra Bonita. A narrativa que segue terá como suporte um texto de Antônio Áttico de Sousa Leite Leite: “Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella- Província de Pernambuco,” [Fig. 8] foi publicado inicialmente em 1875, em Juiz



[Fig. 8] Capa de “Memórias sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella Província de Pernambuco,” de Antônio Áttico de Sousa Leite, publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**, em 1904

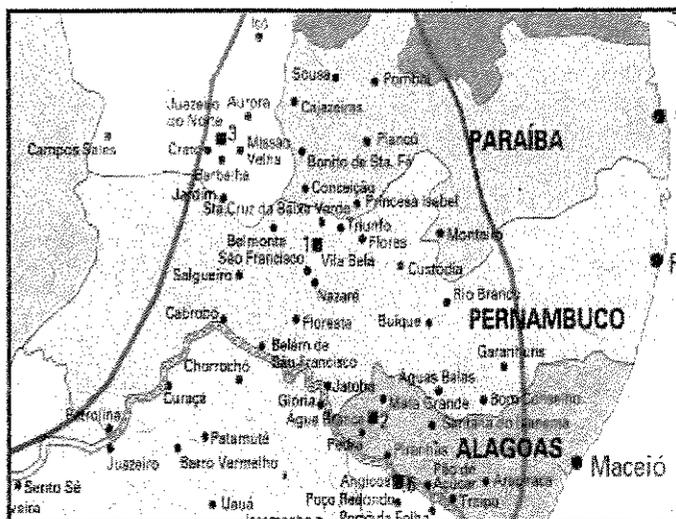
¹ Essas são as designações para o movimento messiânico ocorrido entre os anos de 1835-38. Nesse trabalho, todas as vezes que estivermos tratando do romance de Ariano Suassuna o chamaremos de **Pedra do Reino**; o fato histórico será tratado por Pedra Bonita e o romance de José Lins do Rego será referido como **Pedra Bonita**, diferenciando-se pelo destaque em negrito.

de Fora, Minas Gerais e reeditado em forma de artigo, no ano de 1902, pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco*, em Recife, instituição da qual o autor era membro.

Parte I

a) Pedra Bonita: um pouco de história

No século XIX, entre os anos de 1836 e 1838, o sítio de Pedra Bonita, no sertão do Pajeú de Flores (atual município de São José do Belmonte), Pernambuco, [Fig. 9] foi cenário de trágicos acontecimentos messiânicos de inspiração sebastianista. Findo o movimento contabilizavam-se 53 mortos, entre os quais velhos, adultos e crianças, além de vários feridos. As forças em conflito encontravam-se bem delimitadas: de um lado, proprietários de terras, com apoio de dezenas de jagunços fortemente armados; do outro, uma comunidade de mestiços, negros e índios, pobres, trabalhadores



[Fig. 9] Mapa atual das principais cidades envolvidas no episódio de Pedra Bonita: Flores, S. José do Belmonte, Vila Bela- atual Serra Talhada-, todas em Pernambuco. Em: OLIVIERI, A. C. Cangaco. SP: Ática, 1995, p. 21

braçais, agregados das fazendas.

Segundo Antônio Áttico de Sousa Leite, no começo de 1836, um “mameluco” chamado João Antônio dos Santos, morador do termo de Villa Bella (atual Serra Talhada), costumava reunir a população circunvizinha no sítio Pedra Bonita com o objetivo de alardear que o monumento natural, até então conhecido como Pedra Bonita, era, na verdade, parte de duas belíssimas torres de um templo, já meio visível, e que seria, por certo, o castelo de um reino.

João Antônio propalava aos moradores a crença de que estava recebendo em sonho El-Rei Dom Sebastião, que este lhe revelou a existência de um tesouro. Esse tesouro estaria numa lagoa, próxima à Pedra Bonita, local de onde ele teria retirado duas pedrinhas brilhantes, supostamente diamantes, que, segundo João Antônio, seriam pequena amostra do maravilhoso tesouro do reino de D. Sebastião.

Nessas ocasiões, portava um velho folheto português “de que nunca se apartava, e que encerrava um desses contos ou lendas, que andavam muito em voga acerca do misterioso desaparecimento d’ El- Rei- Dom Sebastião, na batalha de Alcácer-Quibir, e de sua esperada e quase infalível ressurreição.”²

De acordo com Áttico, João Antônio era detentor de forte poder de persuasão:

² SOUSA LEITE, Antônio Áttico. Op. Cit., 221

“o mameluco era homem sagaz, astuto e manhoso, e sabia insinuar-se no ânimo das pessoas a quem comunicava os mistérios, de que se inculcava depositário. Falava a cada um numa gíria especial, e sempre em linguagem adaptada à capacidade, inteligência, e interesses daqueles em quem pretendia inculcar suas doutrinas.”³

João Antônio, contando com a ajuda de seus familiares- pai, irmãos, tios-, que “iam dar o testemunho das riquezas e fazer repercutir os seus engenhosos embustes no meio das populações ignorantes de Piancó, Cariri, Riacho do Navio, e margens do Rio São Francisco”⁴, logo conseguiu inúmeros seguidores. Veio gente da redondeza e também de terras distantes, por onde a história se espalhou, alimentadas pela esperança de obter as maravilhas que o profeta não cansava de prometer com o retorno de D. Sebastião: as pessoas negras, ficariam “alvas como a lua, imortais, ricas e poderosas; se eram velhas, vinham moças, e da mesma forma ricas, poderosas, e imortais, com todos os seus.”⁵ O mentor dos sebastianistas sertanejos também angariou entre os “fazendeiros do lugar bois, cavalos e dinheiro em porção não pequena com a onerosa condição de restituí-lhes logo que operasse o pretense desencantamento do misterioso reino”.⁶

Conta Áttico que João Antônio se apaixonou por uma moça do lugar, chamada Maria. Porém, os familiares da pretendida não aceitavam o casamento dos dois. Para convencê-los, João utilizou-se mais uma vez dos

³ Idem. Ibidem

⁴ Idem, p. 222

⁵ Idem, p. 229

⁶ Idem ibidem

versos contidos no folheto que diziam:

Quando João casasse com Maria,
Aquele reino se desencantaria⁷

As pregações do visionário João Antônio tanto conseguiam êxito ao arregimentar seguidores, como também foram decisivas para que ele conquistasse a família de Maria e se casasse com ela. Mas atraía também sobre si a reprovação da cúpula da igreja católica. Assim é que o padre Antônio Gonçalves de Lima, apoiado pelos fazendeiros da região, tratou de reclamar a presença do missionário Pe. Francisco Correia naquele distrito, a fim de abrir uma missão especial para “combater a seita em seus fundantes, desmascarar o impostor em suas pretensões, e livrar o pobre povo das garras do falso profeta”. A missão do Padre Francisco surtiu efeito. João Antônio, diante da presença do missionário, entregou-lhe as duas pedrinhas, “que estavam longe de ser brilhantes e depois de confessar publicamente seus embustes”, retirou-se do lugar, com Maria.

Porém, João Ferreira, um dos seguidores do profeta assumiu a liderança do grupo, se auto-proclamou “rei” e distribuiu os demais títulos de nobreza às pessoas do grupo. Foi instituído um clero. Por isso todos os casamentos e outros atos religiosos eram presididos por um padre escolhido entre eles. A poligamia era permitida e instituiu-se uma antiga prática medieval: o rei acompanhava a noiva em sua primeira noite de núpcias.

Sempre que os súditos pediam para ver D. Sebastião e as riquezas que

⁷ Idem, p. 221

ele lhes reservava, o suposto rei distribuía entre eles um composto de jurema e manacá, ervas de comprovado poder alucinógeno, facilmente encontradas na região, adicionadas a aguardente. Sob o efeito da mistura todos eram capazes de “ver” D. Sebastião.

Certo dia, o rei chamou seus súditos para dizer-lhes que D. Sebastião estava triste e que era preciso lavar as pedras com sangue para que houvesse logo o desencantamento. Portanto, alguns deveriam ser sacrificados. Mas logo que EL-Rei D. Sebastião voltasse devolveria a vida a todas essas pessoas. Por essa causa, vários adultos se ofereceram para o sacrifício e ofereceram também seus filhos. A partir daí, muitos foram sacrificados.

Vendo aquela carnificina, um dos membros do grupo, um vaqueiro chamado José Gomes Vieira, fugiu para a vila mais próxima e contatou o chefe político do lugar, Manoel Pereira da Silva, e narrou os fatos ocorridos no Sítio Pedra Bonita .

Este reuniu alguns homens e partiu em direção à Pedra Bonita, ainda meio descrente em toda aquela história contada pelo vaqueiro. Chegando lá, encontraram o rei João Ferreira, “ O Execrável”, morto. Seu substituto, Pedro Antônio, irmão do primeiro profeta, João Antônio, juntamente com os seguidores sobreviventes, estavam num lugar um pouco afastado das pedras dado o estado de decomposição das vítimas, aguardando o desencantamento de D. Sebastião. Contudo, quem apareceu foi o grupo de Manuel Pereira da Silva.

Promoveu-se uma batalha contra os adeptos da seita, resultando na morte da maioria dos homens sebastianistas e na prisão de todos os sobreviventes, que foram levados a Flores. Lá, mulheres e crianças foram distribuídas entre as famílias do lugar e os homens, segundo Gustavo Barroso⁸, foram levados a julgamento. [Fig. 10]

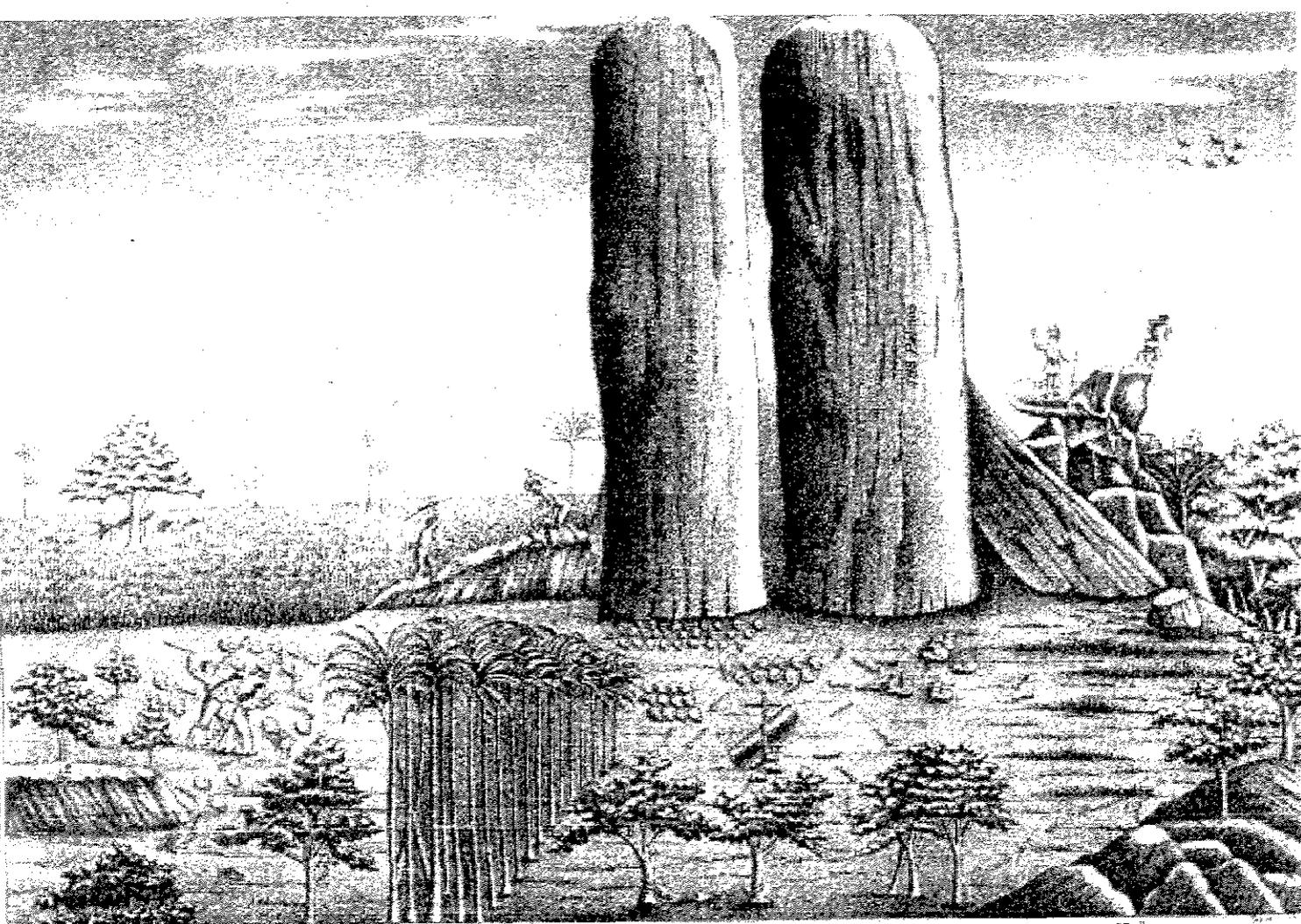
O primeiro profeta, João Antônio, foi perseguido e morto pela polícia no Sertão do Cariri, lugar para onde ele havia se mudado com Maria.⁹

b) Uma leitura das fontes históricas d'O Romance da Pedra do Reino

Não há dúvida quanto à importância do artigo de Áttico sobre Pedra Bonita. Antes dele, o único registro acerca do acontecimento era a carta enviada pelo então prefeito de Flores, Francisco Barbosa Nogueira Paes, ao

⁸ BARROSO, Gustavo. *Almas de lama e de aço*. São Paulo: Melhoramentos, 1930, p.15.

⁹ Segundo Ulisses Lins, João Antônio foi capturado pelos capangas de Simplicio Pereira, Roque de Freitas e Antônio da Cruz, "em Minas Gerais, de onde era filho(...)De regresso, ambos atacados de febra palustre, já no Estado da Bahia, Roque e o companheiro resolveram matar João Antônio e (...)ao chegar à fazenda do coronel Manuel Pereira, entregaram-lhe as orelhas do bruxo...Cf. LINS, Ulisses. *O sertanejo e o Sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 327.



Aspecto da Pedra Bonita ou Reino Encantado, na comarca de Villa Bella provincia de Pernambuco e
 scenas que n'elle tiveram lugar

Explicação da estampa da Pedra Bonita ou Reino Encantado, na comarca de Villa Bella, em Pernambuco

1. Estas duas pyramides de granito deram denominação ao reino e teem 148 a 150 palmos de altura, cada uma.
2. Estado em que foram encontradas 28 creanças immoladas pelo fanatismo da seita, além de se apressar à restauração do reino de D. Sebastião
3. Grupo de 11 mulheres sacrificadas igualmente para o mesmo fim.
4. Grupo de 12 homens igualmente sacrificados para o mesmo fim.
5. Grupo de 14 cães igualmente sacrificados para o mesmo fim.
6. Isabel levada forçosamente ao sacrificio em estado de embriaguez para (no dizer do rei) não soffrer duas dores, dá a luz no acto de receber o golpe
7. José Vieira descarregando o golpe sobre seu filho, faz voar o braço deste, que de mãos postas lhe bradava «Meu pai, você não dizia que me queria tanto hem?»
8. Carlos Vieira e José Vieira perseguindo e trazendo de novo ao sacrificio uma donzella que delles se escapara depois de ferida.
9. João Pilé, para ter melhor quinhão no reino, precipita-se, com dous netos nos braços, de uma altura maior de 50 palmos.
10. Especie de hachá ou terrazo pensil, onde o rei João Ferreira quotidianamente pregava aos seus sectarios.

11. Pequena casa de pedra de que se serviam como uma especie de cenaculo onde se banquetevam nos dias festivos.
12. Grande subterraneo formado por baixo de uma só pedra, que a seita denominava Casa Santa por ser o logar em que bebiam jurema e effectuavam os casamentos do reino.
13. Pequena rampa de pedra denominada dos sacrificios ou da matança.
14. Estado em que foi encontrado o cadaver do rei João Ferreira, victima de sua propria doutrina e da argucia de Pedro Antonio, terceiro e ultimo rei.
15. Logar em que se travou o combate entre as forças legaes commandadas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, e os sebastianistas commandados por Pedro Antonio, ultimo rei
16. Grupo dos sectarios dos reis fallecidos no combate; que tiveram com a força publica em 18 de maio de 1838.
17. Sepultura onde dous mezes depois, em acto de missão, o padre Francisco Correa e o povo recolheram a ossada, que jazia no campo, excepto a do rei João Ferreira.

(Explicações contidas no Tomo XI da «Revista do Inst. Arch. e Geog. Pernambucano» em memoria escripta por Antonio Atílio da Santa Leite.)

[Fig. 10] Estampa explicativa dos sucessos trágicos de Pedra Bonita, elaborada pelo Pe. Francisco Correia. Em: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**. Recife, 1904, n° 60

presidente da província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros, datada de 25 de maio de 1838.¹⁰

A partir da obra de Áttico surgiram outras publicações sobre Pedra Bonita centradas na descrição e interpretação dos fatos. Obras de historiadores e sociólogos, todos se reportando ao assunto como tributários do texto de Ático. Partindo de “Memória sobre Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella Província de Pernambuco”, e ao mesmo tempo, sempre que necessário, referenciando outros trabalhos, discutiremos essas obras, que há mais de um século representam uma versão sobre os fatos.

O trabalho de Áttico resultou da visita do autor ao sítio histórico de Pedra Bonita, em julho de 1874, 36 anos depois dos acontecimentos. Segundo ele próprio afirma, o maior objetivo era o de prestar serviço ao Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Uma primeira questão: quais as fontes empregadas na narração de Áttico? Além da carta do prefeito de Flores e da estampa de Pe. Francisco Correia, fica implícito que ele tenha utilizado o relato de pessoas da região. Áttico menciona, na parte dos esclarecimentos ao leitor, a informação de que tivera durante a visita ao sítio a “companhia de 34 pessoas (inclusive muitas senhoras)”¹¹; em outro trecho, no capítulo em que descreve as cenas de “atrocidades” ocorridas em Pedra Bonita, Áttico cita o depoimento do “abastado fazendeiro José Alves de Carvalho, morador na

¹⁰ Essa carta foi publicada, primeiramente, no **Diário de Pernambuco** e depois reproduzida por Sousa Leite em obra já citada. Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. *Idem*, 244-47.

¹¹ Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. *Idem*, p. 28.

Fazenda Santa Cruz, quatro léguas distante de Pedra Bonita.”

Um objetivo não-confesso, entretanto, parece indiscutível. Áttico não esconde a sua admiração e simpatia para com os fazendeiros e as autoridades envolvidas no caso, referidos na Dedicatória como exemplos notáveis de “amor às instituições” e “lealdade política a um modelo”. Com tal idéia sobre os atores envolvidos em Pedra Bonita, parece claro que as pessoas solicitadas a prestarem depoimento fazem parte do grupo social do historiador. Aliás, Áttico vinha de uma abastada família da mesma região de Flores, hoje município de Triunfo. Assim, depreende-se também que outras versões estivessem fora do “modelo”, embora não haja registro de depoimento de nenhum sebastianista.

As famílias abastadas, conforme narração de Áttico, viviam em conflito. Em meio a inúmeras desavenças, a população, composta de vaqueiros agregados, negros escravos e índios, vivia à margem dos acontecimentos. Para essas pessoas, a restauração do reino de D. Sebastião seria a oportunidade de se alcançar bens materiais, rejuvenescimento e imortalidade. Como afirma Maria Isaura Pereira de Queiroz. Essa crença apoia-se na existência de um messias:

“O messianismo se afirma, pois, como uma força prática e não como uma força passiva e inerte de resignação e conformismo. Diante dos espetáculos das injustiças o dever do homem é trabalhar para saná-las, pois sua é a responsabilidade pelas condições do mundo(...)Estes objetivos devem sempre ser, no entanto, religiosamente

alcançados, isto é, por meio de rituais especiais que um enviado divino revela aos homens.”¹²

Diferentemente ocorria com os proprietários de terra, a maioria de origem européia, donatários. Seus interesses se encontravam ameaçados, pois além da iminência de perder os bens, tornavam-se freqüentes as fugas dos agregados atraídos pelas profecias de João Antônio. Escasseava a mão de obra. A esse respeito, afirma Ulisses Lins:

Os fanáticos prometiam desalojar de sua propriedades os Pereiras e os Carvalhos, que residiam nas imediações, para que as distribuíssem entre os seus.¹³

Qual a reação dos fazendeiros às perdas materiais que vinham sofrendo? Não há registros acerca disso. No texto de Áttico, quando o coronel Manoel Pereira resolve organizar uma força de combate aos sebastianistas, o faz apenas três anos depois e mesmo assim, motivado pela notícia do grande número de mortos em Pedra Bonita. Essa hipótese de Áttico, entretanto merece maior atenção se confrontada com um fato envolvendo o coronel Simplício Pereira, irmão do citado coronel Manoel Pereira. Afirma Áttico que foi numa fazenda do Cel. Simplício que ficou hospedado o comissário Padre Francisco Correia, cujo objetivo era “desmascarar o impostor João Antônio, em suas pretensões e livrar o povo das garras do falso profeta.”

¹² QUEIROZ, Maria Isaura P. **Messianismo no Brasil e no mundo**. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1976, p. 29.

¹³ LINS, Ulisses. *Idem*, p. 325-6.

A publicação de Áttico tem início com uma rápida informação sobre as instabilidades políticas da comarca de Flores. Em seguida, o autor narra as condições em que se formou a comunidade de Pedra Bonita: a propagação do reino e das riquezas de D. Sebastião, por João Antônio e seus parentes, deixando implícita a idéia de que o movimento de Pedra Bonita teria sido causado pelo desonesto e desajustado João Antônio, que persuadiu os outros sertanejos, “graças a ignorância da população, e a bem conhecida tendência que o espírito humano teve em todas as épocas para abraçar o fantástico e o maravilhoso.”¹⁸

No capítulo seguinte é elaborada uma minuciosa descrição do sítio Pedra Bonita, dando ênfase aos lugares considerados sagrados, como por exemplo, o local em que se realizavam as festas, as rezas e as cerimônias.¹⁹

Áttico também narra em que condições se deu a missão de Padre Francisco Correia, cujo resultado foi a retirada de João Antônio do sítio Pedra Bonita. Logo adiante, no capítulo intitulado “Revelação do segredo e exposição das atrocidades praticadas na Pedra Bonita”, Áttico mostra como as autoridades foram avisadas das “atrocidades” do novo profeta de Pedra Bonita, João Ferreira, que assumiu o lugar de João Antônio, assim que este se retirou da região, em atenção à missão da igreja.

Esse trecho de Áttico revela algumas particularidades dignas de nota. Uma delas é a descrição da cena em que o vaqueiro José Gomes, que

¹⁸ Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. Idem, p. 221.

¹⁹ Este capítulo de Áttico é quase todo transcrito por Ariano Suassuna n' **O Romance da Pedra do Reino**, conforme veremos adiante.

havia desaparecido há vinte dias retorna à fazenda de seu “amo”, Manuel Pereira da Silva, com quem, “imundo, andrajoso, desfigurado e assustado,” teria travado o seguinte diálogo:

“Valha-me, meu amo, e perdoe-me pelo amor de Deus!”

“Levanta-se; conte-nos donde vem, aonde esteve, e porque quer valimento?”²⁰

O diálogo assim iniciado continua, entrecortado por intervenções do narrador, Áttico, até o fim do capítulo, contando-se vinte e seis falas. O recurso do diálogo é recorrente em outros capítulos. Ao que parece, Áttico adotou procedimentos próprios às narrativas ficcionais para narrar os acontecimentos, ou pelo menos, parte deles. De todo modo, as fontes utilizadas na composição do diálogo não estão explicitadas. Tanto assim que, pondo em revista outros autores, tributários de Áttico, constatamos a reprodução dos diálogos, ou parte deles, como se o texto de Áttico fosse a fonte primária dos acontecimentos. O problema é que tais autores, ao utilizarem Áttico como fonte não questionam a origem nem autenticidade das informações.

O referido capítulo é concluído com a transcrição de um bilhete que teria sido enviado por Manoel Ledo ao Coronel Manuel Pereira da Silva, comunicando a “mortandade em Pedra Bonita”. Necessário esclarecer que não conseguimos localizar a versão original de tal bilhete, assim como não encontramos os documentos relativos aos processos a que foram submetidos

²⁰ Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. *Idem*, p. 227

os homens sobreviventes de Pedra Bonita. Melhor sorte tivemos ao encontrar, no Arquivo Público de Pernambuco, a carta enviada pelo prefeito de Flores ao presidente da província, reproduzida por Áttico.²¹

Áttico retoma o texto descrevendo as medidas tomadas pelos fazendeiros liderados pelo comissário Manuel Pereira da Silva, com o objetivo de dissolver o movimento. Adiante, o autor dá a sua versão das condições em que as mortes de Pedra Bonita ocorreram. Além da reprodução da fala dos sebastianistas, sem a indicação da fonte, o que chama a atenção nesse trecho do artigo é a narração da “morte” de João Ferreira, segundo Áttico, o responsável pelas atrocidades em Pedra Bonita. Em Áttico a idéia de sacrificar João Ferreira teria partido de Pedro Antônio, irmão de João Antônio e último “rei” de Pedra Bonita, que indignado por ter visto duas irmãs suas serem mortas,²² subiu ao trono e anunciou em voz alta:

“ _ Que D. Sebastião, cercado de sua corte, lhe aparecera na noite antecedente, e reclamava a presença do rei, única vítima , que faltava para operar-se o seu completo desencantamento.’

‘ _ Viva El-Rei Dom Sebastião! Viva nosso irmão Pedro Antônio!...’

Tal foi o brado unísono de todos os circunstantes

²¹ Dos autores consultados- historiadores e sociólogos, quase não existe menção aos documentos relativos à Pedra Bonita. Trabalhos importantes como os de Pereira da Costa e Waldemar Valente nada mencionam, limitando-se a esclarecer que tomam seus apontamentos com base em Áttico. Entre aqueles que indicam as fontes trabalhadas incluí-se Gustavo Barroso e, mesmo assim, um tanto genericamente: “De tudo há documentos oficiais: partes, relatórios, ofícios, bem como processos dos principais chefes aprisionados, que foram submetidos a júri.” Cf. BARROZO, Gustavo. *Idem*, p. 23.

²² O episódio das mortes de Josefa e Isabel, irmãs de João Antônio e Pedro Antônio, respectivamente o primeiro e o último rei de Pedra Bonita, figura no romance de Suassuna, dando origem a Quaderna, personagem central da trama.

Em seguida acrescentaram, vendo que o rei tremia a ponto de não suster-se de pé:

— Ao sacrifício Carlos Vieira; ao sacrifício José Vieira, antes que ele se torne indigno como aquela tola rapariga. Andai, pois ele se amofina!

Poucas horas depois, Pedro Antônio era proclamado rei²³, e o cadáver do seu antecessor, de execrada memória, era amarrado de pés e mãos fora do campo em dois grossos arvoredos.²⁴

O que teria acontecido daí em diante é narrado por Áttico, enfatizando o elemento fantástico. Diz Áttico que:

“as pessoas que estiveram no reino são acordes em afirmar, sem admitir a mínima contestação, e isto desde aquela época até hoje, que viram-se forçadas a quebrar a cabeça de João Ferreira, a extrair-lhe as entranhas, e a atar o seu cadáver de pés e mãos naquelas árvores, por causa dos berros das roncarias, e dos sinistros movimentos, que ele, depois de morto executava com a boca, com o ventre e com os braços.”

Esse mesmo trecho do artigo de Áttico, narrando as cenas da morte de João Ferreira, a aclamação de Pedro Antônio e a participação dos sebastianistas aparecem em outros trabalhos. Waldemar Valente e Gustavo Barrozo, por exemplo, comentam o fato, incluindo a versão fantástica e comparando-a com a lenda de Rasputine, do livro do Príncipe Yussupof. Segundo esses autores, trata-se de uma lenda.

²³ O “reinado” de Pedro Antônio foi o mais curto da história de Pedra Bonita. Ele assumiu o trono logo depois da morte de João Ferreira e, no dia seguinte, foi morto pela tropa do comandante Manuel Pereira.

²⁴ Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. *Idem*, p.237.

Sousa Barros, em **Messianismo e Violência de massa no Brasil**²⁵, filia os sacrifícios de Pedra Bonita à tradição sacrificial do indígena. Para tanto, apoiado em Pereira da Costa, ele ressalta dois fatos. A origem indígena de um dos "reis" e o cuidado de que vítima não demonstrasse fraqueza na cerimônia de imolação, de modo que o ato adquirisse condições de força no sentido da destruição do encantamento de D. Sebastião. Por isso, explica Sousa Barros, quando o "rei" João Ferreira se acovarda miseravelmente, gritam os fanáticos: " 'Ao sacrifício! ao sacrifício! Antes que ele se torne indigno'"

* * *

Os trabalhos analisados adotam, em grande medida, uma narrativa assentada na descrição do episódio registrada por Áttico. Ainda assim, é possível verificar algumas tentativas de interpretação.

Gustavo Barrozo, em **Almas de lama e de aço**, insere Pedra Bonita numa tentativa de análise mais ampla do cangaço, justificando que "as explosões de misticismo", "o núcleo de fanatismo rude," e as "ociosidades perniciosas," seriam provocadas pela falta de trabalho, pela ausência de comunicação, instrução e justiça, por outros problemas de natureza econômica, inclusive a seca.

Por sua vez, Waldemar Valente explica que algumas crenças no maravilhoso e no fantástico, no misterioso e no sobrenatural, seriam suficientes para explicar a aceitação das idéias sebastianistas em Pedra Bonita.

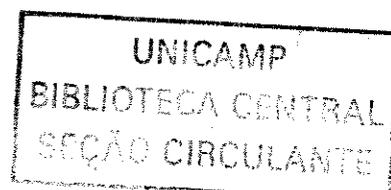
²⁵ Cf. BARROS, Souza. *Idem*

Nessa linha, Valente fala em “uma indução seja para o assassinio, seja para o suicídio”, cujo objetivo seria sempre a remissão do sofrimento e da infelicidade. Em outro trecho, afirma Valente, que aqueles indivíduos rudes e de baixo nível cultural estariam sujeitos à ação e a influência criminosas, conscientemente dirigidas por falsos profetas ou reis e sacerdotes de mentira. Waldemar Valente se apoia em teóricos como Wahl, Afrânio Peixoto e Arthur Ramos para explicar que acontecimentos como os de Pedra Bonita, Canudos e Contestado “são manifestações de psicoses epidêmicas(...)epidemia de astasia-abasia-coreiforme.”²⁶

A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz aponta para os fatos de Pedra Bonita outra possibilidade de interpretação, ainda que, um dos seus livros mais importantes sobre o assunto, **Messianismo no Brasil e no mundo**, tenha uma amplitude indiscutivelmente maior. Consideramos mesmo que, suas contribuições apresentam uma visão diferenciada sobre o fenômeno. Em seus escritos ela entende que o movimento de Pedra Bonita expressava um desejo de melhoria de vida, proveniente das camadas inferiores descontentes com as condições de sua existência.²⁷ Porém acreditemos que sua contribuição mais importante sobre o assunto tenha sido o próprio conceito de messias, com o qual resgata uma concepção não simplista do papel do messianismo para algumas comunidades. Isaura, apoiada em Marx Weber, explica que: “o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do bem

²⁶ VALENTE, Waldemar. Idem, p. 59.

²⁷ Cf. QUEIROZ, Maria Isaura P. “D. Sebastião no Brasil: o imaginário em movimentos messiânicos nacionais”. Em: **Revista USP**, Dossiê Canudos, Nº 20, 1997, p. 32-3



sobre o mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do paraíso terrestre, tratando-se, pois, de um líder religioso e social(...) e essencialmente carismático.”²⁸

Parte II

A apropriação dos textos dos historiadores

*“Daqui de cima, no pavimento superior, pela janela gradeada da cadeia onde estou preso, vejo os arredores de nossa indomável vila sertaneja. Da terra agreste, espinhenta e pedregosa, batida pelo sol esbraseado, parece desprender-se um sopro ardente, que (...) pode ser o arquejo de gerações e gerações de Cangaceiros, rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos nessas pedras selvagens(...) É meio-dia, agora, em nossa vila de Taperoá. Estamos a 9 de outubro de 1938”.*²⁹

Desse modo, o narrador personagem Pedro Dinis Quaderna inicia seu romance, ou como ele denomina, um memorial dirigido à nação brasileira, à guisa da defesa e apelo, no terrível processo em que se vê envolvido.

Quaderna afirma que, dentre os motivos de sua prisão, o mais remoto e o principal deles foram os sucessos ocorridos há um século, de 1835 a 1838, quando sua família ocupou o trono do Brasil, no sertão da Pedra Bonita.

Um dado importante é que a origem de Quaderna, que além de narrador é a personagem central da obra de Suassuna, está intimamente ligada à obra de

²⁸ Cf. WEBER, Marx. **Economia e sociedade**. Fondo de Cultura: México, 1944, Vol. 1, p. 252-3. Em: QUEIROZ, Maria Isaura P. **Messianismo no Brasil e no mundo**. 2ª ed., São Paulo: Alfa Ômega, 1976, p. 28.

²⁹ Cf. SUASSUNA, Ariano Villar. **O Romance da Pedra do Reino e Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. RJ: José Olympio, 1971, p. 03-04

Áttico. Qual a maneira encontrada por Suassuna para unir Quaderna aos “reis” da Pedra Bonita? O romancista cria uma genealogia para os Quadernas, aproximando-os da história de Pedra Bonita, tomando como base um trecho do memorial de Áttico.

Segundo a narração de Áttico, entre as mulheres que foram sacrificadas por João Ferreira, havia uma grávida, irmã de João Antônio (o primeiro “rei” da Pedra Bonita), de nome Isabel. No momento da degola, seu estado de gravidez era tão adiantado que ela deu à luz a um menino, sendo “através desse menino que continuou a estirpe real dos Quadernas.”³⁰

No espaço romanesco essa criança teria sobrevivido³¹ e, como as demais órfãs dos sebastianistas de Pedra Bonita, sua educação ficou aos cuidados de uma pessoa da comunidade de Flores, Pernambuco. Nesse caso específico, tal menino (e um outro que “depois foi Tabelião”³² do cartório de Flores) foram protegidos pelo Padre Manoel José do Nascimento Bruno Vanderley e recebeu

³⁰ Idem, p. 48

³¹ Mesmo tendo sido encontrado (por um vaqueiro que foi ao local guiado pela curiosidade de ver o campo de batalha) um dia depois do nascimento, a criança ainda estava com vida. A narração dessa parte do romance merece ser citada: “ (...)um Vaqueiro(...)ouviu um débil vagido por trás das pedras. Assombrado, aproximou-se do lugar de onde vinha o choro, e viu um quadro estarrecedor. No chão, estava o corpo jovem e desnudo de uma mulher degolada. Enrolada em suas coxas, havia duas Cobras corais, enormes, de um tamanho como nunca se viu na espécie. Lambendo e farejando o corpo, estavam duas Onças-Pintadas, que correram assim que intruso apareceu(...)O estranho, porém, é que menino sobrevivera. (...)Como teria o recém-nascido escapado assim? Não se sabe(...)Mas vá ver que são mesmo corretas uma das versões, correntes aqui no Cariri, de que uma daquelas onças era fêmea e teria amamentado o inocente aquele primeiro dia de vida, no que, aliás, teria somente seguido outros exemplos ilustres da História. Cf. p. 48”

³² De acordo com o memorial de Áttico a criança educada pela família do Padre de Flores, quando adulto, foi tabelião de um dos cartórios daquela cidade.

o nome de Pedro Alexandre Quaderna³³. Quando adulto, o padre o casou com sua filha Bruna Vanderley. E o narrador acrescenta:

“E foi do casamento de Bruna com o meu avô, D. Pedro Alexandre(subido ao trono com o nome de D. Pedro II), que nasceu D. Pedro Justino Quaderna (ou D. Pedro III), aquele que veio a ser meu Pai, por seu casamento com Dona Maria Suplícia Garcia-Barreto, filha bastarda do Barão do Cariri(...)”³⁴

Na primeira alusão aos acontecimentos de Pedra Bonita no romance, Pedro Dinis Quaderna, suplica que, ao julgarem sua participação nos crimes que lhe foram imputados, considerem sua ascendência real:

(...) sou, nada mais nada menos, do que descendente, em linha masculina e direta, de D. João Ferreira Quaderna, mais conhecido como El-Rei D. João II, O Execrável, homem sertanejo que, há um século, foi Rei da Pedra Bonita, no Sertão do Pajeú, na fronteira da Paraíba com Pernambuco. Isto significa que sou descendente, não daqueles reis e imperadores estrangeirados e falsificados da Casa de Bragança, mencionados com descabida insistência na **História Geral do Brasil**, de Varnhagen; mas sim dos legítimos e verdadeiros Reis brasileiros, os Reis castanhos e cabras da Pedra do Reino do Sertão, que cingiram, de uma vez para sempre, a sagrada coroa do Brasil, de 1835 a 1838, transmitindo-a assim a seus descendentes, por herança de sangue e decreto divino”.³⁵

³³ Uma personagem da História da Pedra Bonita que ganha vida no espaço romanesco de Suassuna é Frei Simão. Segundo Ático, Frei Simão, ou melhor, Manoel Vieira Moço, foi escolhido pelo “rei” de Pedra Bonita para ser o responsável pelo clero instituído na comunidade, sendo o responsável pela presidência de todos os atos religiosos dos sebastianistas. No romance, Frei Simão é um dos integrantes da comitiva do rapaz do cavalo branco que o acompanham no retorno à vila de Taperoá, naquele sábado, Dia de Pentecostes, em 1935.

³⁴ Idem, p. 49.

³⁵ Idem, p. 05.

Para narrar os acontecimentos de Pedra Bonita e explicar a origem da realeza de Quaderna, Suassuna, faz uso de todo um processo de bricolagem textual, conforme o próprio romancista explicita, através do narrador Quaderna:

“Para narrar essa história, valer-me-ei o mais que possa das palavras de geniais escritores brasileiros, como comendador Francisco Benício da Chagas, o Doutor Pereira Costa e o Doutor Áttico de Sousa Leite, todos eles Acadêmicos ou consagrados(...)”³⁶

Esta intenção não se concretiza completamente na criação de seu texto, pois, de fato, dos escritores mencionados acima apenas o memorial de Áttico e algumas poucas passagens da obra de Pereira da Costa fundamentam a narrativa ³⁷. É o que se verifica nos folhetos IV, V, VI, VII, VIII e IX, nos quais o autor do romance recria os sucessos de Pedra Bonita, cabendo ainda informar de que, cerca de 70% dessa parte da obra é constituída de citação literal do memorial de Áttico, indicada com aspas. Essa apropriação dá-se, sobretudo, sob dois aspectos. O primeiro, é de ordem formal, constituído por um intenso processo de recorte de trechos do memorial de Áttico e colagem no romance, que pode ser observado em diversos trechos dos

³⁶ Idem, p. 30.

³⁷ Em se tratando do outro “genial escritor brasileiro”, Francisco Benício das Chagas, não localizamos nenhuma menção ou citação de obras suas. Na verdade, a única menção que encontramos a Francisco Benício das Chagas foi no romance de Suassuna. Dele não localizamos nenhum título que abordasse o movimento de Pedra Bonita ou qualquer outro tema, mesmo tendo pesquisado no acervo da Fundação Biblioteca Nacional- RJ e nas Bibliotecas Central e do IFCH, na UNICAMP. Ele é, provavelmente, personagem fictício.

referidos capítulos, conforme demonstraremos adiante.

A narração dos sucessos de Pedra Bonita no romance suassuniano começa no capítulo V, “Primeira notícia dos Quadernas e da Pedra do Reino,” com a descrição do sítio histórico.

“A Pedra Bonita, ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas pirâmides imensas de pedra maciça, de cor férrea e de forma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra defronte uma da outra, elevam-se sempre à mesma distância, guardando grande semelhança, com as torres de uma vasta Matriz, a uma altura de cento e cinquenta palmos”.³⁸

Tal descrição é uma transcrição literal de um trecho encontrado na página 222 da obra já citada de Áttico. O narrador, antes de citar esse fragmento, explica que é assim que Áttico se refere às pedras, em ‘Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado, na Comarca de Vila Bela, Província de Pernambuco’, obra que Quaderna classifica como “crônica-epopéica”.

Quaderna continua descrevendo a paisagem de Pedra Bonita:

“A que fica para o lado do Nascente³⁹, em consequência de

³⁸ Idem, p. 33.

³⁹ Nesse ponto da obra de Áttico há um texto frases que foi omitido por Suassuna, sem que o romancista explicita que houve uma quebra na citação. O trecho é o seguinte: “mede 78 palmos da circunferência na base, que parece ser o lugar de sua maior grossura, e é dois ou três palmos mais alto do que sua companheira, se bem que duas vezes mais fina do que ela, por esta causa, e, tanto no texto de Áttico como no romance suassuniano o texto continua da maneira supra citada.

Esse recurso é diversas vezes utilizado por Suassuna. Ele começa citando um determinado trecho do artigo de Áttico e, sem explicitar, quebra a citação e retoma o texto de Áttico de um outro ponto qualquer, conforme ele julgue necessário.

uma espécie de chuvisco prateado de que está coberta, de meia altura para cima, e que infiltração de malacacheta, adquiriu o nome de Pedra Bonita, em completo prejuízo da companheira.”⁴⁰

Outro exemplo significativo do modo que Suassuna se utiliza do texto de Áttico, é quando o romancista narra o modo pelo qual o primeiro rei da Pedra Bonita, João Antônio, atraía seus seguidores.

“Inspirado num velho folheto, do qual nunca se apartava, e que encerrava um desses contos ou lendas que andavam muito em voga, acerca do misterioso desaparecimento de El-Rei Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir, em África, e da sua esperada e quase infalível ressurreição, tratou de propalar pela população daquele e dos vizinhos distritos, que estava sendo conduzido todos os dias, por El-Rei Dom Sebastião a um sítio pouco distante de sua residência, no qual mostrava-lhe El-Rei, além de uma Lagoa encantada, de cujas margens extraíra ele aqueles e outros brilhantes, duas belíssimas Torres, de um templo já meio visível, que seria, por certo, a Catedral do Reino, na época pouco distante da sua Restauração.

Assim, discurrindo, e nunca se esquecendo de mostrar, entre outros, um tópico do folheto em que o Visionário escritor, improvisado de Profeta, ensinava que ‘quando João se casasse com Maria, aquele reino se desencantaria’, conseguiu ele, graças à ignorância da população e à bem conhecida tendência que o espírito humano tem para abraçar o maravilhoso e o fantástico, não só conseguiu realizar o seu casamento com uma interessante rapariga de nome Maria, que sempre lhe fora negada, como mesmo obter, por empréstimo de muitos fazendeiros do lugar, bois, cavalos e dinheiro, em porção não pequena, com a onerosa condição de restituir tudo em muitos dobros, logo que se operasse o pretenso desencantamento do misterioso Reino”(Grifo nosso)⁴¹

* * *

⁴⁰ Cf. SUASSUNA, Ariano Vilar. Idem, p. 33. Este mesmo fragmento pode ser encontrado em SOUSA LEITE, Antônio Áttico, Idem, p. 223.

⁴¹ Cf. SUASSUNA, Ariano Vilar, Idem, p. 38-39. Esta citação que retiramos do romance de Suassuna tem como fonte a obra de Sousa Leite. Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. Idem, p. 221.

“Desde o começo de sua prédica o auxiliara seu próprio pai Gonçalo José dos Santos, seu irmão, Pedro Antônio, seus tios e parentes José Joaquim de Oliveira, Manuel Vieira, José Vieira, Carlos Vieira, José-Maria Ferreira Quaderna, João Pilé Vieira Gomes, os quais, constituindo, por assim dizer, o seu apostolado, iam dar o testemunho das suas riquezas e fazer repercutir os seus engenhosos embustes no meio das populações ignorantes do Piancó, do Cariri, do Riacho do Navio e margens do Rio São Francisco.”⁴²

Transcrevemos esta passagem tal qual está escrito no romance. Contudo, a leitura desse mesmo trecho no memorial de Áttico leva-nos a apontar algumas pequenas modificações realizadas por Suassuna. Em Áttico, lê-se: “Inspirado ao mesmo tempo num velho folheto, de que nunca se apartava(...);” as duas outras palavras grifadas não figuram no texto-fonte. Mas não é só isso.

Não há no romance essa separação na citação que fizemos através dos asteriscos. A razão dessa divisão no contexto do nosso trabalho é mostrar que o nome sublinhado aparece em Áttico como José Maria Juca; e a principal é dizer que Suassuna, apesar de não marcar quebra de citação, deixa de citar dois parágrafos que constam no mesmo trecho da obra-fonte, ou seja, no texto de Áttico. O trecho ocultado no romance é o seguinte:

“O mameluco era homem sagaz, astuto e manhoso, e sabia insinuar-se no ânimo das pessoas a quem comunicava os mistérios, de que se inculcava depositário. Falava a cada um numa gíria especial, e sempre em linguagem adaptada à capacidade, inteligência, e interesses daqueles em quem pretendia inculcar suas doutrinas.

Aos mais crédulos e ignorantes falava sem reboço de Dom Sebastião, da restauração de um reino encantado, e de grandes riquezas:

⁴² Cf. SUASSUNA, Ariano Vilar, *Idem*, p. 39. Este trecho Suassuna transcreveu da obra de Áttico. Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. *Idem*, p. 222.

aos menos fáceis de acreditar essas patranhas falava apenas em algumas dessas coisa; e finalmente, a quem não era possível embair com tais embustes, mas de quem precisava haver dinheiro e proteção para o fim, a que se propunha, falava apenas de um grande tesouro, que achava-se à sua disposição, e cuja publicidade estava apenas dependente de um evento próximo”.⁴³

No corpo do romance, o texto de Áttico é sucessivas vezes quebrado e retomado de outro ponto, sem que esse recurso seja explicitado, embora o romancista use as aspas e registre o título da obra, “Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella- Província de Pernambuco”, e o nome do autor.

A ocultação de certos trechos de obra de Áttico, em alguns casos, dá-se porque se trata de trechos que contêm informações acessórias como, por exemplo, a descrição minuciosa que Áttico faz do sítio histórico, e incorpora da apenas parcialmente no romance. Entretanto, esse não nos parece o motivo porque o romancista deixa de contemplar o trecho acima. No nosso entender, uma interpretação mais cuidadosa deveria considerar a diferença de sentido que cada autor, em particular, quer imprimir à sua obra.

Já dissemos que Ariano Suassuna considera Áttico, Francisco Benício das Chagas e Pereira da Costa como “geniais escritores”. Esse tipo de tratamento dá ao leitor a impressão de que o pensamento desses escritores constituirá o sentido do texto de Suassuna. Entretanto, isso não ocorre. Na peça de defesa de Quaderna, seu romance ou memorial, é necessário retirar desses “acadêmicos ou consagrados” qualquer grau de suspeição, pois ao citá-

⁴³ Cf. LEITE, Antônio Áttico de Sousa. *Idem*, p. 221-2

los Quaderna apõe, antes, a justificativa de que “nas palavras dos outros, fica mais provado que a história da minha família é uma verdadeira Epopéia, (...) uma história épica.”⁴⁴ É o próprio Quaderna quem arremata: “Tenho perfeita consciência da má vontade de Áttico para com minha família. Mas isso é bom, porque assim, tudo que ele diz a nosso favor é absolutamente insuspeito.”⁴⁵ Ressalte-se ainda o fato de que o memorial de Áttico é utilizado por Quaderna como a prova mais importante acerca dos fatos observados em Pedra Bonita.

Feitas tais ressalvas, o que se verifica em seguida é a desconstrução do sentido impresso por Áttico. Observamos no interior do texto o confronto de sentidos, quando, por exemplo, discute-se o caráter de Pedra Bonita. Em Áttico, a descrição dos acontecimentos não apresenta circularidade, o que equivale a dizer que, Pedra Bonita começa e termina com ela mesma.

O caminho seguido por Quaderna opera uma reconstrução histórica dos sucessos de Pedra Bonita como parte de outros tantos movimentos messiânicos. Se em Áttico são apontados os três “reinados” consecutivos de João Antônio, João Ferreira e Pedro Antônio, Suassuna data a origem dos reinados em alguns anos antes, em 1819, na Serra do Rodeador. Nesse local teria sido fundado o primeiro reinado, ocupado por D. Silvestre I, soberano de um reino erigido sob a forma de uma grande pedra sertaneja, constituída de

⁴⁴ Cf. SUASSUNA, Ariano Vilar, *Idem*, p. 30

⁴⁵ Cf. *Idem*, p. 45

fortaleza, catedral e castelo.

No reinado de D. Silvestre I, o messianismo se incorpora através do mito de D. Sebastião, cujo retorno era esperado. Segundo Quaderna, D. Silvestre I pregava também a “ressurreição daquele rei antigo, sangrento, casto, e sem mancha que foi Dom Sebastião, o Desejado.”⁴⁶

O conflito verificado na Serra do Rodeador envolvia os interesses do povo e os dos proprietários da redondeza. Pregava-se a revolução, a degola dos poderosos e a instauração de um novo reino com o povo no poder. Ao final, temerosos, os proprietários se articularam e exigiram do governo da província providências enérgicas. A tropa deslocada para a Serra do Rodeador incendiou o arraial, matou homens, mulheres e crianças e passou os sobreviventes a “fio de espada”⁴⁷.

O texto acima, localizado no Folheto VI representa, simultaneamente, um corte e um novo sentido. Nele Suassuna rompe e, ao mesmo tempo, distingue-se da perspectiva e dos compromissos políticos, visíveis em Áttico e para, logo depois, imprimir um outro sentido ao seu texto. É que Suassuna refaz o fio histórico de Pedra Bonita, resgata o jogo de interesses sociais contraditórios, o imaginário das comunidades messiânicas. Cabe ressaltar que sempre que isso acontece Suassuna se apóia em Pereira da Costa, com o qual indica ter mais afinidades teórico-ideológico, na medida em que o utiliza como recurso de contraponto às posições de Áttico.

⁴⁶ Cf. Idem, p. 35.

⁴⁷ Idem. *Ibidem*

Só se tem notícia de um documento escrito à época dos acontecimentos de Pedra Bonita. É uma carta emitida pelo então prefeito de Flores ao governador da província de Pernambuco, no dia 20 de maio de 1838.⁴⁸ O prefeito relata com detalhes os acontecimentos de Pedra Bonita.

Suassuna lança mão desse documento e, através de Quaderna, usa-o para demonstrar os interesses sociais contraditórios: de um lado, o poder ansioso por preservar seus bens, inclusive os escravos – negros, índios e mestiços, muitos já integrantes do séquito de Pedra Bonita; do outro, os seguidores de João Antônio, alimentados pela certeza do retorno de D. Sebastião. Sobre isso, Quaderna afirma:

“(...)a carta-relatório omite uma porção de fatos importantes ligados à política dos Quadernas. Não explica, por exemplo, que o exército d’El-Rei Dom Sebastião viria era para destruir os poderosos. Nem relata que, além das pessoas, meu bisavô mandava também degolar, cachorros que, no dia da ressurreição, deveriam voltar, transformados em dragões, para devorar todos os proprietários, repartindo-se então as terras dos finados com os pobres. Por isso, Pereira da Costa(...)diz que, ‘além do fanatismo religioso’ transparecia também ‘entre esses visionários, um como que pensamento socialista’ ”.⁴⁹

Este mesmo trecho do romance sugere algumas considerações quanto ao sentido que Quaderna confere ao “banho de sangue” de Pedra Bonita, descrito em *Áttico*. A compreensão do “banho de sangue” em Quaderna remonta

⁴⁸ Esta correspondência encontra-se no Arquivo Público de Pernambuco, encadernado juntamente com vários outros documentos, sob o título de Prefeituras das Comarcas de Fora, págs. 251-252.

⁴⁹ *Idem*, p. 41.

à questão do sagrado, um dos elementos mais significativos presentes em **Pedra do Reino**.

Ora, segundo Ângelo Monteiro, poeta e integrante do movimento armorial, a **Pedra do Reino** situa-se no quadro das obras pioneiras e geniais, mas entre aquelas, pouquíssimas na história dos povos, que podem ser tidas na ordem das 'revelações' no significado primitivo e sagrado em que este termo pode ser tomado(...)⁵⁰. De fato, tal revelação do sagrado, deduz-se do juízo que Quaderna faz do momento da sagração do reino de sua família. Para ele, o banho de sangue, o 'instante de fulminação', se reveste de uma gloriosa missão libertadora e ressurrecional.

Por outro lado, a dimensão sagrada do banho de sangue parte de uma interpretação bíblica. Neste caso, Quaderna é o profeta e decifrador; é o mensageiro enviado por Deus na trilha das grandes tradições bíblicas. Pedra Bonita, para ele foi palco dos sacrifícios e conciliábulos com as divindades: "E Doeg passou ao fio da espada aos homens de Nobe, cidade sacerdotal, e mulheres e crianças, e meninos de mama, e passou ao fio da espada, bois, jumentos e ovelhas".⁵¹

Com esse sentido de revelação do sagrado, Suassuna indica ter-se inspirado nas profecias de Antônio Conselheiro, segundo as quais D. Sebastião, com seu Exército, viria para libertar a todos do domínio

⁵⁰ MONTEIRO, Ângelo. "Roteiros e chaves da Pedra do Reino". Em: **Jornal do Comércio**. Recife, 13/09/72

⁵¹ Cf. BARROS, Sousa. **Messianismo e Violência de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, p. 11.

republicano, quando o sangue haveria de correr até “junta grossa”. Para isso Suassuna complementa a citação com trechos de uma carta de E.P. Almeida, um seguidor de Antônio Conselheiro, com a seguinte advertência: o príncipe é o verdadeiro dono do Brasil. “Quem for republicano, mude-se para os Estados Unidos!” Acrescente-se que Áttico interpreta o movimento messiânico de Pedra Bonita como caso de polícia; obra de fanáticos desvairados.

A sagração do reino dos Quadernas também assume o papel de reafirmação da autenticidade da coroa diante do outro império, o império dos Braganças, tido como “falso e estrangeirado”, defendendo da monarquia.

* * *

Como vimos, o episódio de Pedra Bonita é recriado no romance por Ariano Suassuna. O autor de **Pedra do Reino** toma como principal fonte o artigo “Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado, na Comarca de Villa Bella, Província de Pernambuco”. Para o romancista, basear-se em Sousa Leite na composição de **Pedra do Reino** representou algumas comodidades, pois trata-se de um texto com características próprias às obras de ficção, (embora tenha sido utilizado, como única fonte de historiadores e sociólogos). Dentre essas características algumas são mais evidentes: a inserção do elemento fantástico e de diálogos, bem como a ausência, quase que completa, das fontes primárias utilizadas na elaboração do referido artigo.

Embora haja ampla utilização do texto de Áttico, nota-se que o romancista compõe uma peça de defesa dos seguidores de Pedra Bonita. Ao contrário de Áttico, que narra os fatos do ponto de vista do interesse dos

poderosos, Suassuna, através de Quaderna, redime os sebastianistas das acusações. No romance defende-se a justiça do que era pleiteado pelos mestiços: o confisco dos bens dos poderosos, a fim de serem divididos entre os pobres. Importa destacar que, sempre que se deixa clara esta defesa, recorre-se a Pereira da Costa.

No próximo capítulo, abordaremos os modos como o autor de **Pedra do Reino** lança mão do universo dos folhetos nordestinos no interior da narrativa.

A filiação de **Pedra do Reino** com os
folhetos nordestinos

“em mim, a imaginação criadora sente verdadeira necessidade de trabalhar com as raízes fincadas nessa inesgotável e rica fonte brasileira que é o Romancero Popular Nordestino (...) com o qual tive estreito contato desde a minha infância de menino criado no Sertão do Cariri da Paraíba.”

Observando-se a produção literária de Ariano Suassuna, incluindo a sua obra dramática e lírica, constata-se facilmente a presença do romancero popular nordestino, sobretudo da literatura de cordel. Esta participa, decisivamente, tanto na poesia² [Fig. 11], na dramaturgia³, como na prosa de ficção do paraibano.

Neste capítulo, examina-se a contribuição trazida pela literatura de cordel ao **Romance da Pedra do Reino**. Iniciaremos, buscando localizar os elementos do cordel que, de algum modo, conferem forma ao romance. Com isso, desejamos saber como tais elementos participam da própria matéria e dos valores da obra.

¹SUASSUNA, Ariano. Em: RIBEIRO, Leda Tâmega. **Mito e Poesia Popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1986, p. 75.

² As poesias de Ariano Suassuna foram publicadas de maneira esparsa, em diversos jornais e revistas do Brasil. Recentemente foi lançado um CD **A poesia viva de Ariano Suassuna**, em que o próprio escritor declama 16 de suas poesias, acompanhado de um fundo musical de Antônio Madureira. Nas poesias de Suassuna o maior tributo à literatura de cordel revela-se no plano visual. Ele manuscreeve e ilustra ricamente suas poesias com desenhos que imitam as xilogravuras, denominada pelo o autor de iluminogravuras.

³ A estruturação do **Auto da Compadecida**, marco na obra de Ariano Suassuna, é um exemplo significativo de como ao autor trabalha o universo da literatura popular em verso nordestino. Trata-se de uma peça em três atos, montada a partir de folhetos de cordel, os quais fornecem a própria intriga da peça. Para uma maior compreensão da dramaturgia suassuniana confira: MATOS, Geraldo. **O texto popular e o palco palimpséstico de Ariano Suassuna**. Tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Juiz de Fora: Esdeva, 1988.

Parte I

Em torno à narrativa

O título do Romance

O nome completo do romance, que até agora temos chamado puramente de **Pedra do Reino** é **Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta. Romance Armorial Popular Brasileiro**. A escolha deste título longo é uma clara homenagem do autor, Ariano Suassuna, à literatura de folhetos nordestina. Entre os poetas de cordel é freqüente o uso de títulos longos e explicativos para designar as suas obras.⁴ A esse aspecto, observa Lêda Ribeiro que este título:

“poderia muito bem ser uma paródia do título dos folhetos **O Príncipe do Barro Branco** e a **Princesa do vai-não torna**; de Severino Milanês da Silva, ou então, da **História do Príncipe João Corajoso** e a **Princesa do Reino Não-Vai-Ninguém**, de Joaquim Batista Sena ”⁵.



[Fig. 12] “Oreino da Acauhan”, iluminogravura e poesia de Ariano Suassuna, com o tema de Abaeté de Medeiros. Em: **Revista Cláudia**, nº 466, p. 193

⁴ Alguns exemplos podem ilustrar melhor: **A vitória o príncipe Roldão no reino do pensamento**, de Severino Gonçalves de Oliveira; **O romance da princesa do reino do mar sem fim**, de Severino Borges da Silva; **História dos três irmãos lavradores os três cavalos encantados**, de Joaquim Batista de Sena; **O príncipe que trouxe a sina de morrer enforcado**, de João José da Silva.

⁵ RIBEIRO, Lêda T. Op. cit. p.74

Antes mesmo que o romance fosse publicado, Ariano Suassuna, numa entrevista concedida a J.A. Guerra ⁶, reconhece esta influência da literatura de cordel e afirma que o título de **Pedra do Reino** é baseado em um folheto de cordel denominado **A princesa da solidão e o príncipe do reino do vai-não-torna**. Entretanto, em uma outra entrevista, Suassuna declara que o nome de sua obra é baseado no folheto **A chave encantada e a princesa do reino do vai-não-torna**.⁷ Se bem que em ambas as entrevistas Suassuna tenha acrescentado a expressão de dúvida “se não me engano”, acreditamos que os folhetos citados por Suassuna não existam, sendo mais aceitável a hipótese levantada por Leda Tâmega Ribeiro de que se trata de uma paródia.⁸ Buscaremos resgatar os principais trechos do enredo desses “romances” e anotar os traços comuns com **Pedra do Reino**.

O Príncipe do Barro Branco e a Princesa do vai-não torna⁹ é um folheto de 16 páginas que conta a história de João, um rapaz órfão, que resolveu sair pelo mundo sem destino [Fig. 12]. Em suas andanças, João chegou

⁶ GUERRA, José Augusto. **O mundo mágico e poético de Ariano Suassuna**. p. 96 à 102

⁷ CAMPOS, Gilse de. “Aventuras de um cavaleiro do sertão”. Rio de Janeiro: **Jornal O Dia**, 20/09/1972.

⁸ Entenda-se como paródia as definições de Linda Hutcheon na tentativa de cercar o conceito do fenômeno. Paródia seria, “uma superposição estrutural de textos que incorpora o antigo ao novo.” Outro conceito de paródia proposto pela pesquisadora é que paródia seria “um misto de respeitosa homenagem e um gesto de desprezo irônico,” pelo texto-matriz. Cf. HUTCHEON, Linda. **A Theory of Parody. The Teachings of Twentieth Century Art Form**. New York: London: Methuen, p. 33 *Apud* MOSER, Walter. “A paródia: moderno, pós-moderno.” Em: **Remate de Males**, nº 13. Campinas, 1993, p. 138.

⁹ SILVA, Severino Milanês da. **História do príncipe do barro branco e a princesa do reino do vai não torna**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco. Editor proprietário: José Bernardo da Silva, s.d., 16 p.

ao reino do barro branco, comandado por um impiedoso monarca. Quando o príncipe do barro branco conheceu João, obrigou-o a realizar certos desafios, com tempo limitado, sob pena de o rapaz perder a vida.

A mais complicada tarefa imposta pelo príncipe foi a de João raptar a princesa do reino do vai-não-torna para casar-se com ele, o monarca do reino do barro branco. Esta incumbência era muito perigosa. Todos sabiam que os pretendentes da princesa jamais conseguiam voltar as suas casas. Por isso o reino se chamava de vai-não-torna. Só se casaria com a princesa o homem que fosse capaz de esconder-se de forma que nada nem ninguém o encontrasse. Tarefa difícil visto que a princesa possuía um livro e um espelho mágicos, os quais, em sonho, contavam-lhe o esconderijo do pretendente a sua mão.

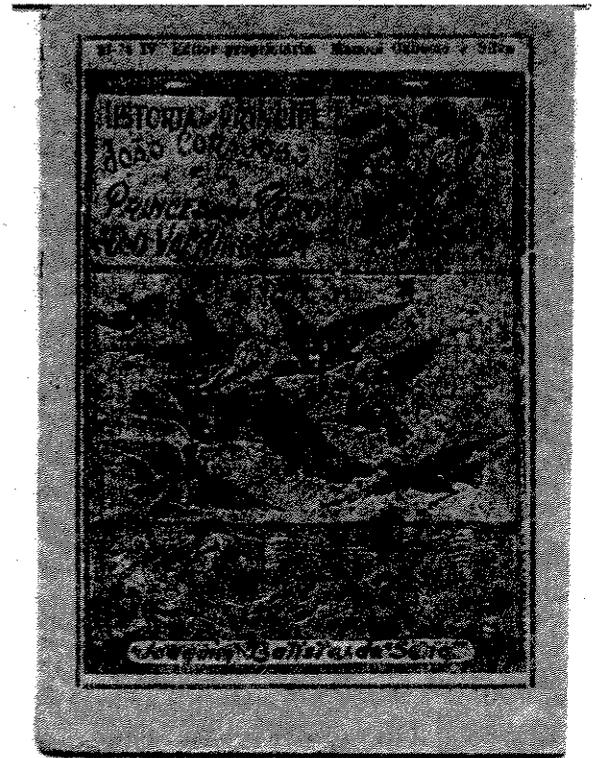


[Fig. 12] Capa do folheto *O Príncipe do Barro Branco e a Princesa do Reino do Vai e Não Torna*, de Severino Milanês da Silva. Acervo próprio.

Cada pretendente tinha três chances para esconder-se. Depois de duas tentativas frustradas, João, com a ajuda de um carneiro mágico, foi transformado em uma pulga, que atormentou o sono da princesa a noite inteira, impedido-a de dormir e, conseqüentemente, de sonhar com o livro e o espelho que lhe contariam onde João estava.

A princesa admirou-se do feito do rapaz e quis casar-se imediatamente com ele. Mas João tinha ido ao reino do vai-não-torna para cumprir um mandado do príncipe do barro branco que desejava casar-se com ela. João levou a princesa até o reino do barro branco. Mas quando eles chegaram lá, souberam que o príncipe havia sido morto num duelo. Então, livres, voltaram ao reino da princesa, onde se casaram.

A História do Príncipe João Corajoso e a Princesa do Reino Não-



[Fig. 13] Capa do folheto **O príncipe João Corajoso e a princesa do Reino do vai ninguém**, de Joaquim Batista de Sena. Coleção FCRB

Vai-Ninguém¹⁰ é um romance de 32 páginas. [Fig. 13]

Narra a história do príncipe João Corajoso, que percorreu o mundo dizimando monstros, fantasmas, mistérios e assombrações que atormentavam a vida de muitas pessoas. Ao sair da casa de seu pai, João segredou-lhe que só se casaria depois que encontrasse algo que lhe causasse medo. Depois de muito andar, João Corajoso chegou a um reino que estava passando por sérias dificuldades, pois os soldados de um outro reino, com o qual ele estava em guerra, morriam em combate e no dia seguinte, reapareciam, vivos, como se nada tivesse acontecido. João Corajoso descobriu que a responsável pela façanha era uma bruxa, que ungia os mortos com uma poção, ressuscitando-os. João Corajoso tirou o remédio da bruxa, dando fim a todos os problemas do rei a quem ele estava ajudando. Depois o próprio João resolveu comprovar a eficácia do medicamento ao pedir a um rapaz que o degolasse com uma espada e em seguida colasse a cabeça ao corpo dele novamente. E, assim o rapaz o fez. Só que ele colou a cabeça de João virada para as costas, o que o obrigou a degolar outra vez o príncipe corajoso e fazer a colagem certa.

Quando isso aconteceu, João, que teve muito medo, lembrou-se do segredo que contou ao pai em relação ao casamento. No mesmo dia, João viu a foto de uma moça, a princesa Anita, sobrinha do rei a quem ele ajudou. Mas o rei adiantou logo que aquela sua sobrinha estava encantada, num deserto muito distante. Mesmo assim, o príncipe corajoso encontrou-a, mas logo uma

¹⁰ SENA, Joaquim Batista de. **O príncipe João Corajoso e a princesa do reino não-vai-ninguém**. Juazeiro do Norte: Editor proprietário- Manoel Caboclo, 1974, 32 p.

bruxa a levou para o reino não-vai-ninguém. Este reino era assim chamado porque ele era separado das demais partes da terra por um mar revolto, em ininterrupto maremoto. Astucioso, João conseguiu chegar ao reino não-vai-ninguém na barriga de um cavalo morto, levado pelos urubus, os únicos capazes de transitar entre o reino e as demais partes da terra. Chegando ao reino, João aproximou-se de Anita através de uma aliança que ele lhe dera antes que a bruxa a levasse para o reino do não-vai-ninguém. Anita, quando soube da presença do príncipe João Corajoso naquele reino, casou-se ele.

Observamos que tanto o herói de **O Príncipe do Barro Branco** e a **Princesa do vai-não** torna quanto o da **História do Príncipe João Corajoso** e a **Princesa do Reino Não-Vai-Ninguém** só são capazes de levar a cabo as difíceis missões que lhes são impostas porque receberam ajuda do sobrenatural. Constrói-se assim um universo povoado por cavalos alados dotados de superpoderes, bruxas más, fadas encantadas, deuses capazes de mudar o destino dos homens, histórias de mortes seguidas de ressuscitamentos, histórias fantásticas. Todos estes ingredientes somam-se no contexto da trama com o objetivo de resgatar a missão humana a partir de valores como valentia, honra, amor.

Note-se que os folhetos nordestinos absorveram a noção de maravilhoso associado ao sobrenatural, aqui compreendidos como “o universo dos deuses, da magia, dos bruxedos, dos encantamentos.”¹¹ Por sua vez, Suberville classifica o maravilhoso em várias modalidades. Uma delas, “o

¹¹ MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 318

maravilhoso fantástico,” indica ter maior referência com os enredos mencionados, na medida em que se origina da superstição que se afasta da realidade ou a distorce, manifestando conflitos do real e do possível, de que é exemplo o bestiário fantástico¹². Embora não seja uma peculiaridade dos folhetos nordestinos, o elemento maravilhoso está presente em muitos folhetos e romances.

Cabe ressaltar que a presença do cavalo é de fundamental importância para o desenrolar da trama dos folhetos de Sena e Milanês. Trata-se de seres cujas ações são personificadas, humanizadas.

A importância do cavalo no romance suassuniano é observada nos títulos dos capítulos, visto que pelo menos cinco deles fazem referência a este animal: “O caso da estranha cavalgada,” “A sessão a cavalo e o gênio da raça”, “O estranho caso do cavaleiro diabólico,” “O cantar dos nossos cavalos”, “A estranha aventura do cavalo concertante”. Não nos alongaremos narrando o enredo desses capítulos. A presença desses títulos tem como objetivo tão somente destacar que presença do cavalo é relevante tanto no contexto da obra suassuniana quanto na literatura de folhetos.

¹² SUBERVILLE, Jean. *Théorie de Part et des genres littéraires*. 7ª ed. 1964, pp. 249 e ss. Apud MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. Idem, p. 318-20

Dedicatória

Ariano Suassuna oferece **Pedra do Reino** à memória de João Suassuna, seu pai, ex-presidente da província da Paraíba, morto em 1930, e a doze outras pessoas a quem ele considera seus santos, poetas, mártires, profetas e guerreiros do seu mundo mítico de sertanejo: José de Alencar, Jesuíno Brilhante, Sílvio Romero, Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, Leandro Gomes de Barros, José Pereira de Lima, José Lins do Rego, além de quatro parentes seus, inclusive os tios que lhe despertaram o gosto pela literatura. Segundo Suassuna, a escolha de seu pai e mais doze, revela um tributo aos romances de cordel do chamado ciclo carolíngio. Para o autor, eles representam seu Carlos Magno e os doze pares de França.

Dentre os doze, retirando aqueles que são parentes do autor, facilmente reconhecidos pelos sobrenomes, poucos leitores desconhecem informações bio-bibliográficas acerca de José de Alencar, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Antônio Conselheiro, José Lins do Rego. Entretanto, o leitor menos avisado de assuntos como cangaço, poetas de cordel e história da Paraíba, pode não saber quem são os demais.

Jesuíno Alves de Melo, depois chamado de Jesuíno Brilhante, "foi cangaceiro gentil-homem, o bandoleiro romântico, espécie matuta de Robin Hood adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos anciãos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas(...)Uma rixa de sua família com a dos Limões, em Patu-RN, valentões protegidos pelos políticos,

torna-o de pacato agricultor em chefe de bandidos invencível, em 1871.”¹³

Por que Suassuna não dedicou **Pedra do Reino** a cangaceiros mais conhecidos como Lampião ou Antônio Silvino? Talvez o romancista tenha se pautado em Gustavo Barroso, que diz que Jesuíno Brilhante é o “cangaceiro honrado,” ao passo que “os outros dois grandes chefes de bandoleiros que foram Antônio Silvino(...) e Virgulino Ferreira da Silva, Lampião,” foram a “explosão da coragem dirigida para o mal.”¹⁴

O livro é dedicado também a Leandro Gomes de Barros, que embora possa ser desconhecido para quem vive fora do Nordeste, é referência obrigatória para aqueles que se interessam pela literatura de folhetos. Segundo Ruth Terra, “escrever sobre o folheto até 1918, é, de certa forma, escrever sobre o poeta popular Leandro Gomes de Barros. A partir de temas da tradição oral e de acontecimentos do momento ele criou a literatura escrita do Nordeste. Enquanto viveu foi ‘primeiro sem segundo’ na sua arte.”¹⁵

Leandro, como a maioria dos poetas de cordel contemporâneos a ele, era paraibano. Autor de “clássicos” do cordel, é considerado o fundador da literatura de folhetos nordestina.

Um dos legados desse poeta foi a iniciativa de, pela primeira vez, imprimir regularmente os folhetos de cordel. Isto se deu ainda no século XIX, no ano de 1893. Cabe destacar que, até então, sua obra e a dos demais poetas

¹³ Cf. CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Em NONATO, Raimundo. **Jesuino Brilhante, o cangaceiro romântico**. RJ: Pogenti, 1998, p. 105

¹⁴ NONATO, Raimundo. **Jesuino Brilhante, o cangaceiro romântico**. RJ: Pogenti, 1998, p. 105

¹⁵ Cf. TERRA, Ruth B. Lemos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste-1893-1930**. São Paulo: Global, 1983, p. 40

era difundida exclusivamente pela tradição oral. Daí por diante, sabe-se que Leandro Gomes de Barros publicou muitos folhetos. Depois de sua morte, outros poetas, especialmente João Martins de Athaide, apropriaram-se de seus folhetos. Contudo, realizados estudos acerca das principais características de sua poesia, hoje mais de 200 títulos são identificados como de Barros.

Falar em José Pereira de Lima é se reportar à Revolução de 1930¹⁶, deflagrada na Paraíba entre os dias 3 e 4 de outubro. Dentre os movimentos que culminaram com a Revolução, na Paraíba, havia uma acirrada disputa entre duas facções. De um lado, a burguesia citadina, chefiada pelo então governador da Paraíba, João Pessoa. Do outro, a burguesia rural, oligárquica, comandada por João Suassuna, pai de Ariano¹⁷.

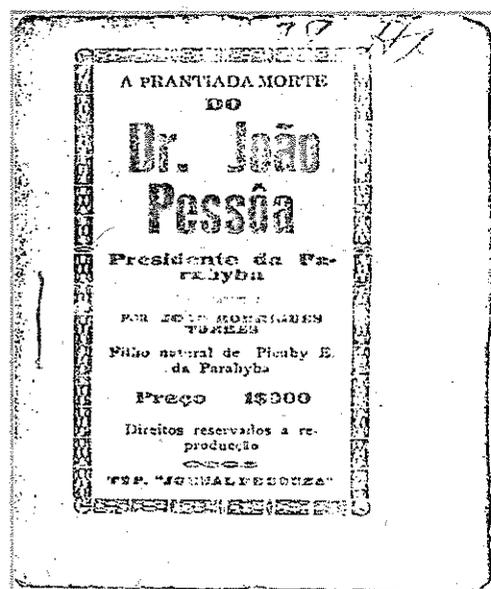
¹⁶ Ariano Suassuna dedica longos trechos de **Pedra do Reino** a discussões acerca da Revolução de 30. Para isto, o romancista envolve personagens do romance com políticos brasileiros para pontuar a origem da luta política na Paraíba. A título de exemplo, eis um dos muitos trechos do Romance que ilustram a assertiva: “(...) os dois fidalgos [Antônio Moraes e Pedro Sebastião, personagens de Pedra do Reino. Este último era tio e padrinho de Quaderna, a quem Quaderna chamava de Dom Sebastião.] viveram se odiando até a morte do velho Rei, em 1930(...) Não é preciso dizer que essa separação e esse ódio tomaram também, imediatamente, um caráter de luta política. Foi assim que, na Guerra de 12, que ensanguentou o Sertão paraibano em 1912, o nosso velho Rei do Cariri tomou partido do Coronel Rêgo Barros, dos Dantas e do Bacharel da Santa Cruz, representantes do velho Partido Liberal do tempo do Império; Antônio Moraes imediatamente tomou o outro lado, o do Senador Epitácio Lindolpho da Silva Pessoa, herdeiro do Partido Conservador e do primeiro partido republicano do Senador Venâncio Neiva. Também foi por causa disso que, em 1930, na Guerra de Princesa, D. Sebastião tomou partido dos sertanejos comandados pelo Coronel José Pereira, e Antônio Moraes o da Polícia do Governo do Presidente João Pessoa.” Cf. SUASSUNA, Ariano. **Pedra do Reino**, p. 394 [Grifo nosso]

¹⁷Tanto João Suassuna como João Pessoa foram brutalmente assassinados em decorrência dessa contenda política. Para Suassuna e família as conseqüências foram de várias ordens. Houve perseguição política, além de sérias dificuldades financeiras. Por outra via, João Pessoa passou para a história como um dos mártires da Revolução. Prova disso que a capital da Paraíba, Nossa Senhora da Neves, cidade natal de Ariano, passou a se chamar João Pessoa. Um dos maiores desgostos dos Suassuna.

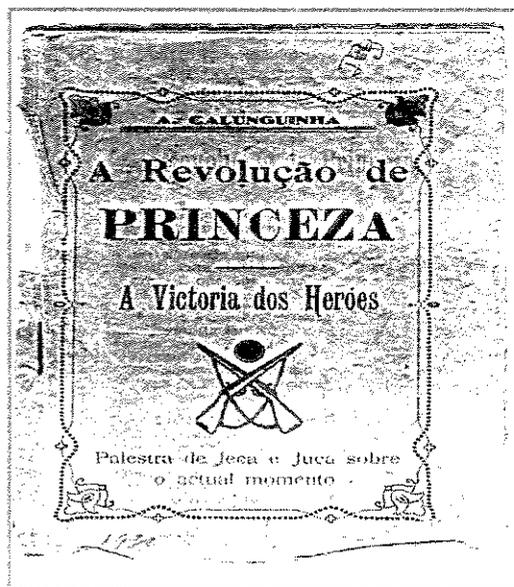
No sertão paraibano, o pai de Suassuna contou com muitos aliados, dentre eles o Cel. José Pereira de Lima. O coronel, apoiado por João Suassuna, comandou uma luta armada ao declarar “independente do Brasil” a cidade de Princesa Isabel. Sob o nome de “Território Livre de Princesa,” o lugar possuía hino, constituição, bandeira, exército¹⁸. A insurreição, bem como os demais movimentos ocorridos no sertão, pautavam-se em idéias feudatárias.

Por que Suassuna dedica **Pedra do Reino** a essas personalidades? Todas elas participam decisivamente da trajetória pessoal e literária de Ariano.

Vejamos o caso de José de Alencar. Contrariando a crítica literária brasileira que atribui a Machado de Assis o título de



[Fig. 14] Capa do folheto **A pranteada morte do Dr. João Pessoa, presidente da Paraíba**, do poeta João R. Torres. Coleção FCRB



[Fig. 15] Capa do folheto **A Revolução de Princesa**, do poeta A. Calunguinha. Coleção IEB- USP

¹⁸ A Revolução de Princesa e a morte João Pessoa foram temas de folhetos de cordel. Cf. [Fig. 14] e [Fig. 15]

expoente máximo de nossas Letras, Suassuna considera José de Alencar o maior literato brasileiro:

José de Alencar às vezes é olhado assim, por cima do ombro, como se fosse um romancista para adolescente. Mas eu nem acho, eu considero José de Alencar um sujeito importantíssimo e, na minha visão, ele foi o primeiro escritor que procurou, com sua obra, dar uma interpretação do Brasil(...) Há gente por aí que torce o nariz para José de Alencar e exalta Machado de Assis, mas o próprio Machado admirava Alencar.¹⁹

Quanto a José Lins do Rego e Euclides da Cunha, Suassuna em diversas entrevistas, principalmente as mais recentes, reafirma o valor desses literatos. Segundo Ariano, tais escritores fazem parte de sua "família literária". Suas obras são, inclusive, matrizes de **Pedra do Reino**. Especialmente **Os Sertões**, de Euclides e **Pedra Bonita** e **Cangaceiros**, obras em que Lins do Rego abandona a temática que o consagrou, o ciclo da cana de açúcar, e aborda temas como misticismo e cangaço.

Leandro Gomes de Barros e Sílvio Romero, poeta de cordel e folclorista, compõem o universo do literato e do sertanejo Ariano Suassuna. O primeiro, foi a maior expressão da poesia de cordel, a qual o romancista elegeu como principal fonte de sua obra. O segundo, um folclorista, compilador e estudioso da produção de bens simbólicos no Nordeste, sobretudo as manifestações de origem ibérica, indígena e africana. Todas elas fontes da obra suassuniana.

¹⁹ SUASSUNA, Livia. "Ariano Suassuna fala sobre leitura, escrita e ensino". Entrevista de Ariano Suassuna a Livia Suassuna. Em: **Leitura: teoria e prática**, Revista semestral da ALB, ISSN0102 - 387X, pp. 8 e 9

Por último, Antônio Conselheiro, líder religioso do Arraial de Canudos, sertão da Bahia. Talvez **Pedra do Reino** tenha sido dedicado a Conselheiro por causa do tom sebastianista e monarquista que Suassuna confere ao romance. Dentre os líderes de movimentos messiânicos brasileiros, Antônio Conselheiro é aquele que defendeu tais valores com maior propriedade e sem impor condições.

Epígrafes

São seis epígrafes atribuídas a D. Sebastião, Rei de Portugal; Antônio Conselheiro, líder e profeta do Arraial de Canudos- BA; Dom Pedro I, Imperador de Brasil; José Pereira, líder do movimento separatista da cidade de Princesa Isabel- PB; E. P. Almeida, guerrilheiro de Canudos; João Ferreira, “rei” da Pedra Bonita. Vejamos as epígrafes:

“Guardai, Padre, esta Espada, porque um dia me hei de valer dela com os Mouros, metendo o Reino pela África adentro!”

DOM SEBASTIÃO I – ou DOM SEBASTIÃO, o
DESEJADO – Rei de Portugal, do Brasil e do Sertão,
1578.

“*Quem não sabe que o digno Príncipe, o Senhor Dom Pedro III, tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil? Das ondas do mar Dom Sebastião sahirá com todo o seu exército. Tira a todos no fio da Espada deste papel da República e o sangue hade ir até a junta grossa.*”

DOM ANTÔNIO CONSELHEIRO, profeta e regente do
Império de Belo-Monte de Canudos, Sertão da Bahia,
1897.

“Soldados de todo exército do Império! Lembrai-vos das fogueiras do Sertão Bonito! Aqui me tendes: quem defende o Brasil não morre! Com esta Bandeira em frente do campo da honra destruiremos os nossos inimigos e, no maior dos combates, gritaremos: Viva a Independência do Brasil!”

DOM PEDRO I, Imperador do Brasil e Rei de Portugal,
1882.

“Passa o município de Princesa a constituir, com seus limites atuais, um Território Livre, que terá denominação de Território de Princesa. Cidadãos de Princesa aguerrida! Celebremos com força e paixão, a beleza invulgar desta Lida e a Bravura sem-par do Sertão.”

DOM JOSÉ PEREIRA – ou DOM JOSÉ I, O
INVENCÍVEL, Rei Guerrilheiro de Princesa, Sertão da
Paraíba, 1930.

“Estejão [sic] certos que a República se acaba em breve. É princípio de espinhos. Entrando a Monarquia, serão formados novos Batalhões, pois por serem os Batalhões feitos de canalhas é que tem chegado a tal ponto. O Prismo[sic] é o verdadeiro dono do Brasil. Quem for republicano mude-se para os Estados Unidos!”

De uma carta encontrada no bernal de balas de E.P.
ALMEIDA, guerrilheiro do Império de Canudos, Sertão
da Bahia, 1882.

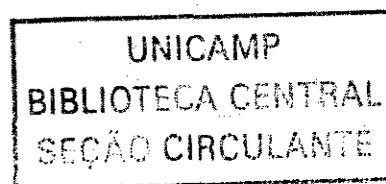
“Dom Sebastião está muito desgostoso e triste com seu Povo, porque o perseguem, não regando o Campo Encantado e não lavando as duas torres da Catedral de seu Reino com o sangue necessário para quebrar de uma vez este cruel Encantamento!”

DOM JOÃO FERREIRA-QUADERNA – ou DOM JOÃO II, O
EXECRÁVEL, Rei da Pedra Bonita, Sertão do Pajeú,
Pernambuco- Paraíba, 1838.

Os pensamentos em epígrafe expressam ideais sebastianistas, do retorno de Dom Sebastião e da restauração da monarquia no Brasil²⁰. Aliás, as experiências históricas de Canudos e de Pedra Bonita, associados a outros movimentos milenaristas, representaram momentos de franca defesa da monarquia ou, pelo menos, de denúncia das mazelas da República.

Para Suassuna, a presença da monarquia no romance não se restringe a uma atitude meramente estética, antes decorre de uma reflexão histórica acerca dos processos de constituição do regime político brasileiro. Segundo

²⁰ A presença do sebastianismo em **Pedra do Reino** extrapola as fronteiras das epígrafes e tem papel fulcral no desenrolar da trama, pois, conforme observou Lind, “no romance de Suassuna encontramos(...) um sebastianismo brasileiro, cuja afiliação ao português se realiza através da figura do fundador da família dos Garcia Barreto, Sebastião Barreto que desembarcou, conforme o relato de Dr. Samuel, no ano da batalha de Alcácer-Quibir, no Brasil(...) e o sebastianismo aqui significa, em primeiro lugar o desejo de erigir um reino de justiça social e felicidade para todos no meio do sertão brasileiro(...) a cavalgada do de seu filho Sinésio não é somente a tentativa de reclamar a herança do pai assassinado, mas simultaneamente a tentativa de implantar uma nova ordem social mais justa no sertão.” Cf. LIND, Georg R. Op. Cit. p. 33



ele, o Brasil “renunciou a monarquia por falta de personalidade,” enquanto a República nunca conseguiu superar estruturas autoritárias e elitistas. Mesmo assim, afirma Suassuna, ainda que a Monarquia fosse restaurada no Brasil, teria que se levar em conta a realidade atual e os cem anos de República²¹.

Ao tratar desses assuntos Ariano Suassuna provocou polêmica, sobretudo na década de 70, quando o mesmo passou a ser entendido como um monarquista convicto, por defender no romance uma quase inexplicável modalidade de monarquista: o “monarquista de Esquerda”. Embora o autor de **Pedra do Reino** tenha esclarecido os “equivocos” a esse respeito, esta é uma impressão que permanece ainda com bastante força.

Epítome do enredo

É uma espécie de sinopse do enredo que certos poetas de cordel costumam utilizar com o objetivo de situar previamente o leitor. Este sumário aparece localizado abaixo do título do folheto, na primeira página. No folheto **Amor de Perdição**, reeditado por José Bernardo da Silva em 1951, João Martins de Athaíde anota :

²¹ FARIA, Álvaro. “Eu sou um hipócrita” Entrevista de Ariano Suassuna a Álvaro Faria. **Folha de São Paulo**, 27/08/1978.

Amôr de Perdição

*História de ódio, amor e vingança extrai-
do romance do mesmo nome.²²*

Esta forma utilizada pelo poeta para a sinopse do enredo não parece, entretanto, ser uma prática generalizada. Encontramos na maior parte dos folhetos consultados a epítome escrita nas estrofes iniciais.²³ Seja como for, tanto numa como na outra forma utilizada, objetiva-se informar o leitor sobre o que ele lerá.

Precisamente com essa finalidade e características é que encontramos uma espécie de resumo para o enredo de **Pedra do Reino**. Escreve Suassuna na primeira página:

Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta

ROMANCE ENIGMÁTICO DE CRIME E SANGUE, NO QUAL APARECE O MISTERIOSO RAPAZ DO CAVALO BRANCO. A EMBOSCADA DO LAJEDO SERTANEJO. NOTÍCIA DA PEDRA DO REINO, COM SEU CASTELO ENIGMÁTICO, CHEIO DE SENTIDOS OCULTOS! PRIMEIRAS INDICAÇÕES SOBRE OS TRÊS IRMÃOS SERTANEJOS, ARÉSIO, SILVESTRE E SINÉSIO! COMO SEU PAI FOI MORTO POR CRUÉIS E DESCONHECIDOS ASSASSINOS, QUE DEGOLARAM O REI E RAPTARAM O MAIS MOÇO DOS JOVENS PRÍNCIPES SEPULTANDO-O NUMA MASMORRA ONDE ELE PENOU DURANTE DOIS ANOS! CAÇADAS E EXPEDIÇÕES HERÓICAS NAS SERRAS DO SERTÃO! APARIÇÕES ASSOMBRATÍCIAS E PROFÉTICAS! INTRIGAS, PRESEPADAS, COMBATES E AVENTURAS NAS CAATINGAS! ENIGMA, ÓDIO, CALÚNIA E AMOR, BATALHAS, SENSUALIDADE E MORTE.

No interior do romance, Quaderna tenta apontar o valor dessa prática para o público:“(...) o folheto trazia na primeira página, por baixo do título, uma espécie de explicação, destinada a causar ‘água na boca’ aos que iam comprá-lo. Assim, por exemplo:

O Príncipe João Sem Medo e a Princesa da Ilha dos Diamantes

ROMANCE DE PÁGINAS MISTERIOSAS, ONDE SE VÊ UM JOVEM PRÍNCIPE VIAJANTE E ERRANTE PELAS MAIS TEMEROSAS ESTRADAS, EM BUSCA DE INTRINCADOS LABIRINTOS QUE LHE CAUSASSEM MEDO, AMOR, SACRIFÍCIO E TRIUNFO !”²⁴

Por esta “explicação” o leitor pode ter acesso a informações essenciais sobre o enredo do folheto. Informações estas que geralmente eram dadas pelo comerciante de folheto, que podia ser o próprio poeta ou um outro vendedor qualquer. Costumava-se apresentar os folhetos oralmente ao público, contribuindo assim para sua maior divulgação. A partir de tais apresentações, conquistava-se a atenção e o interesse do leitor para a continuidade da leitura, cujo enredo era apenas sinalizado na epítome. O público leitor de folhetos nordestinos processa suas leituras de um modo bastante peculiar, tanto ouvindo terceiros cantar os versos, como também memorizando-os a fim de recitá-los.²⁵

²² ATHAÍDE, João Martins. **Amor de Perdição**. 1951

²³ A título de exemplo vejamos a estrofe inicial do folheto **A vitória do príncipe Roldão no reino do pensamento**: Neste livro aqui se vê/ Um drama misterioso/ Do rei mais caritativo/ Hospitaleiro e bondoso/ pai de dois filhos solteiros/ Um justo e outro orgulhoso. Cf. OLIVEIRA, Severino G. **A vitória do príncipe Roldão no reino do pensamento**. São Paulo: Luzeiro, 1993, p. 03

²⁴ **Pedra do Reino**, p. 63. Observando o folheto **O príncipe João sem medo e a princesa ilha dos diamantes**, editado recentemente pela Luzeiro, maior editora de folhetos da atualidade, observa-se que esta característica do cordel é suprimida.

²⁵ Ruth Terra recorre a Antônio Cândido e aproxima as características do “público leitor” de folhetos nordestinos aos “leitores” do Brasil até o início do Século XX: “Pode-se falar, em relação à literatura de folhetos, de um ‘público de auditores,’ expressão utilizada por Antônio Cândido para designar a elite analfabeta que no Brasil escutava, em saraus e reuniões familiares, a leitura de romances e poemas, o que era muito frequente até o início deste século. Antônio Cândido chama a atenção para o fato de haver se desenvolvido no país uma literatura sem leitores.” Caso semelhante à literatura de cordel. Cf. TERRA, Ruth B. Lemos. *Idem*, p. 35 [Grifo nosso]

Evocação

A evocação é encontrada na primeira estrofe de alguns folhetos nordestinos. Através dela os poetas pedem inspiração e apoio a deuses pagãos ou cristãos. Dessa forma os poetas esperam receber dos deuses o “dom” da escrita, a habilidade de produzir versos capazes de impressionar o leitor²⁶.

Este recurso estilístico é transposto por Suassuna logo na primeira página de seu romance, quando o narrador evoca a “Musa incandescente do deserto do sertão,” como inspiradora para a história de Sinésio, o Alumioso.

Ave musa incandescente
do deserto do Sertão!
Forje, no Sol do meu Sangue,
o Trono do meu clarão:
cante as Pedras encantadas
e a Catedral Soterrada,
Castelo deste meu Chão!

Nobres Damas e Senhores
ouçam meu Canto espantoso:
a doida Desventura
de Sinésio, o Alumioso,
o Cetra e sua centelha
na Bandeira aurivermelha
do meu Sonho perigosos!²⁷

No folheto XIII, o próprio Quaderna explica que tais recursos são

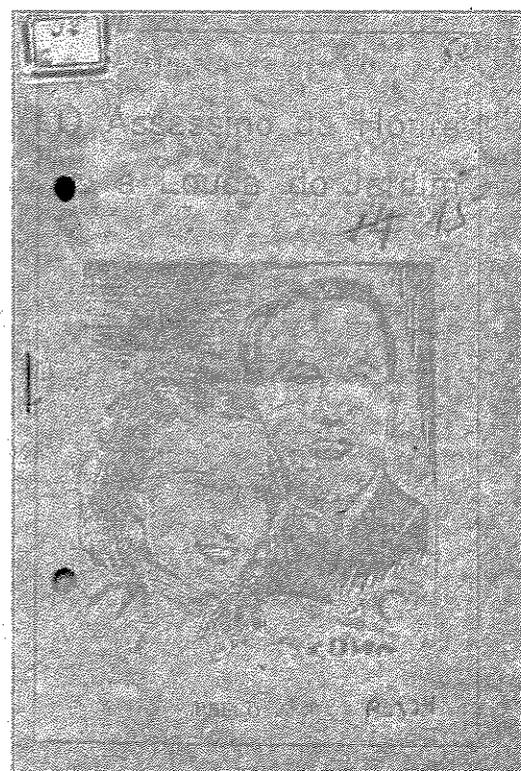
²⁶ Severino Borges da Silva inicia seu romance com o seguinte poema evocação: “Santa musa, irmã de Apolo/ Manda um anjo querubim/ Trazer as setas poéticas/ Para auxiliar a mim/ Que vou contar o romance/ Do Reino do Mar Sem Fim.” Cf. SILVA, Severino B. **O romance da princesa do reino do mar sem fim**. São Paulo: Luzero, 1979, p. 03. Por sua vez, Minelvino Francisco Silva evoca: “Deus, Pai de todos os pais/ Criador Onisciente/ Abençoa a minha pena/ neste romance presente/ Com a luz da inspiração/ Ilumina a minha mente.” Cf. SILVA, Minelvino F. **João valente e a montanha maldita**. São Paulo: Luzero, s.d., p.03.

²⁷ **Pedra do Reino**, p. 01

bastante utilizados pelos poetas de cordel e reconhece que esse tipo de invocação inicial, dirigida às divindades teve grande importância em sua vida. Mais precisamente, Quaderna cita o folheto **O assassino da honra ou A louca do jardim**, que lhe serviu de inspiração para introduzir em seu “memorial” um poema evocação.²⁸ [Fig. 16]

Vinde musa mensageira
do reino de Eloim
traz a pena de Apolo
e escreve aqui por mim
o Assassino da honra
ou A Louca do Jardim²⁹

Suassuna, através de Quaderna, afirma que encontrou nos folhetos nordestinos a inspiração para introduzir o poema evocação em **Pedra do Reino**. De fato, ele o faz. No entanto, o romancista confere ao poema invocação um estilo grandiloquente, inexistente na poética dos folhetos nordestinos.



[Fig. 16] Capa do folheto **O assassino da honra ou A louca do jardim**.
Coleção FCRB

²⁹ Este verso é um dos muitos exemplos de transcrição literal de fragmentos de folhetos realizadas por Suassuna ao longo do romance. Abordaremos esse aspecto da apropriação do cordel pelo autor de **Pedra do Reino** ainda neste capítulo da Dissertação. Cf. **O assassino da honra ou A louca do jardim**. s.a., s.l., s.d., editor proprietário João José da Silva, acróstico CAETANO e **Pedra do Reino**, p. 65 (Fig.)

Parte II

No interior do texto

Divisão dos capítulos do Romance

Pedra do Reino é um romance composto por oitenta e cinco capítulos. Cada um deles, no entanto, recebe o nome de “folheto,” de modo a aproximar o livro do universo da poesia de cordel. O parentesco se potencializa à medida que o autor de **Pedra do Reino** intitula alguns desses “folhetos” com o exato nome, paródia ou alusão de títulos de folhetos de cordel. É o caso dos “folhetos” LXVI, XLV e XLVI: “A filha noiva do pai ou Amor, culpa e perdão,” “As desaventuras de um corno desambicioso ” e “O reino da Pedra fina,” que são, respectivamente, a) o título do folheto de cordel homônimo de Joaquim Batista (Sena³⁰); b) a paródia do título dos folhetos **Desaventuras de um corno ganancioso**³¹ e **As aventuras de um corno conformado**³²; c) “O reino da pedra fina” é uma alusão ao folheto **A princesa da pedra fina**³³. Não apenas os títulos são semelhantes: há aspectos comuns entre o enredo dos capítulos do romance suassuniano e enredo dos folhetos de cordel que lhes servem de fonte.

“A filha noiva do pai ou Amor, culpa e perdão” é o único capítulo do

³⁰ SENA, Joaquim Batista de. **A filha noiva do pai ou Amor, culpa e perdão**. Fortaleza: Tipografia Graças-Fátima e Folhetaria São Joaquim, s.d. 32 páginas.

³¹ FILGUEIRA, Osvaldo. **A desventura de um corno ganancioso**. s.l., s.d. 8 páginas.

³² PONTUAL, José Pedro. **As aventuras de um corno conformado**. Olinda: Casa das crianças de Olinda, s.d. 8 páginas.

³³ BARROS, Leandro Gomes de. **A História da Princesa da Pedra Fina**. São Paulo: Luzeiro, s.d.

romance, cujo título é exatamente igual ao de uma obra da literatura de cordel. Capítulo este que também é uma alusão ao folheto **O pai que quis casar com a filha**³⁴ Conforme sugerem os títulos dos citados folhetos, são histórias nas quais tematiza-se a relação incestuosa entre pai e filha.

A filha noiva do pai ou Amor, culpa e perdão³⁵ é um romance de 32 páginas, que narra a história das personagens: Maria, Aldery, Sami, José Sena, Laura. [Fig. 17] É um romance de amor. Tudo começa quando Aldery, filho do abastado comerciante José Sena, sai de férias do Rio de Janeiro, onde estuda, e vai visitar seu pai que morava em São Paulo. Chegando lá, apaixona-se por Maria, filha do velho Semi. Maria engravida, mas o rapaz volta para o Rio de Janeiro, recusando-se a assumir a mulher e o filho que ela esperava. Quando o pai de Maria sabe da gravidez da filha, expulsa-a de



[Fig. 17] Capa do folheto **A filha noiva do pai ou Amor, culpa e perdão**, do poeta Joaquim Batista de Sena. Coleção FCRB

³⁴ ALMEIDA FILHO, Manuel. **O pai que quis casar com a filha**. Salvador: Tipografia e Livraria Bahiana, s.d., 16 páginas.

³⁵ SENA, Joaquim Batista de. Op. cit.

casa. Maria resolve morar no Rio de Janeiro, onde dá à luz uma menina, que recebe o nome de Laura. Durante os meses que Maria viveu no Rio de Janeiro, ela contou com o apoio de uma irmã de caridade, a quem Maria confiou a educação da pequena Laura. A partir desse momento a vida dessas personagens será marcada por uma sucessão de desencontros. Até que um dia, Aldery conhece Laura e deseja se casar com ela. Porém, nenhum dos dois sabia do laço consanguíneo que os unia; não sabiam que eram pai e filha. Maria, a mãe de Laura, é convidada para o casamento. Ao chegar à igreja, reconhece Aldery e esclarece que Laura é sua filha. Finalmente, decorridos 13 anos do dia em que se conheceram, Maria e Aldery se casam, pegam a guarda de Laura, que era criada por irmãs de caridade, e vão viver em família.

A despeito da semelhança no tocante a aspectos como título e temática, quando comparado ao cordel, em **Pedra do Reino** o problema da relação incestuosa ganha um enredo diferenciado. Esse capítulo faz parte do interrogatório a que Quaderna é submetido e é onde ele narra um dos acontecimentos paralelos à chegada do rapaz do cavalo branco a Taperoá, em 1º de julho de 1935. Conta o narrador que enquanto toda vila se preparava para assistir a cavalhada, Antônio Moraes, poderoso usineiro, mantinha relação incestuosa com sua própria filha, a bela Genoveva, presenciada pelo pedreiro “Teodoro Barba de Bode(...)membro mais ou menos influente da Ordem dos Cavaleiros da Pedra do Reino”³⁶ que, no mesmo dia, contou todo acontecido a Quaderna.

Para relatar os mesmos fatos ao Corregedor, ele introduz um fragmento do romance³⁷ português **Dona Silvana**, que ele conheceu na infância, e que cumpre um papel diferenciado no desenrolar da narrativa. Antes mesmo de qualquer menção a um tipo de folheto, ele assume um papel metafórico, uma vez que problematiza a questão do incesto.

“Andava Dona Silvana
 pelo corredor acima,
 viola de ouro levava,
 vai cantando uma Modinha.
 Chegou-se para ela o Pai
 A quem o diabo impelia;
 A cada passo que dava
 De amores a acometia:
 _ Silvana, tu não te atreves
 uma noite a seres minha?
 _ Fora uma, fora duas,
 fora, meu Pai, cada dia,
 malas Penas do inferno
 quem por mim las penaria?
 _ Pená-las-ei eu Silvana,
 que las peno todo dia.”³⁸

Retomando o interrogatório, Quaderna diz que a casa da fazenda encontrava-se vazia. Todos os empregados haviam se deslocado para Taperoá, exceto Teodoro, que por acaso adormeceu no andaime que o auxiliava no

³⁶ **Pedra do Reino**, 381

³⁷ Entenda-se por Romance, o Rimance “equivalente ibérico da balada européia”, que “caracteriza-se pela simplicidade de expressão com que o poeta discorre sobre um assunto terno e tocante, com que desenvolve uma narração que deve ser singela./ Esta singeleza e um quê de monotonia proposital, na expressão darão ao Romance um certo ar de narrativa popular que é a própria alma desta composição.”

³⁸ **Pedra do Reino**, 388. Além dos folhetos supramencionados que abordam a temática do incesto, segundo Muzart há outros folhetos nordestinos com temática semelhante: **Delgadina, Faustininha, Faustina Bela, Faustina e Milingrina**.

conserto do estuque, local de onde foi possível ver quando Antônio Moraes foi ao quarto de Genoveva, que dormia:

Aproximou-se, então da cama e olhou a filha durante largo espaço de tempo. Depois, sentou-se à beira do leito(...)Teodoro julgou, a princípio que Antônio Moraes estava simplesmente acordando a filha(...)quando viu o homem, por cima do vestido, apalpar e acariciar os seios de Genoveva(...)ele se deitou do lado da moça e, sem deixar de acariciar o seio com a mão esquerda, deslizou a mão direita embaixo, por sob o vestido(...)Então o homem montou, deitando-se sobre Genoveva(...)montou mesmo, como um pai-d'égua que não distingue a filha das outras potrancas do rebanho, ele[Teodoro] teve a impressão de que Genoveva tinha acordado, pois viu no rosto dela uma expressão estranha, de quem sorria a contragosto.”³⁹

O desenrolar desse capítulo, que recebe o nome do folheto de cordel, em quase nada corresponde aos acontecimentos narrados no romance de Joaquim Batista de Sena. Em primeiro lugar, Laura e Aldery, ao contrário de Antônio Moraes e Genoveva, não tinham conhecimento da ligação consanguínea entre eles; o ato sexual de Laura e Aldery não se consuma, pois Maria chega antes mesmo que a cerimônia do casamento começasse e põe a história a limpo. No caso das personagens suassunianas, as evidências indicam o contrário. Em alguns momentos, os acontecimentos desse capítulo se aproximam mais do folheto de cordel. **O pai que quis casar com a filha**⁴⁰, de Manuel de Almeida Filho.

³⁹ **Pedra do Reino**, 388-9[Grifo nosso]

⁴⁰ Almeida Filho, Manuel de. **O pai que quis casar com a filha**. Salvador: Tipografia e Livraria Bahiana, s.d., 16 p

É um “folheto” de 16 páginas em que tomam parte três personagens: Minervina, Joaquim Costa Moraes, o pai da moça, e José da Silva Muniz, um empregado deste. O pai de Minervina, depois que ficou viúvo, resolveu se casar novamente. Sem que achasse uma moça que lhe tivesse amizade, resolveu, então, investir num relacionamento com a própria filha. [Fig. 18]

Esta, relutou até o fim, e não cedeu às pressões do pai, que terminou expulsando-a de casa. José, voltando de viagem, encontrou Minervina perdida. Tão logo a moça contou ao rapaz o que se passara, ele levou-a de volta para casa. Lá chegando, houve uma luta entre o empregado e o patrão. Nesse meio tempo, Minervina, em defesa de sua honra, mata o pai e propõe casamento a José, que depois de relutar em aceitar, por ser pobre, casa-se com ela.



[Fig. 18] Capa do folheto **O pai que quis casar com a filha**, do poeta Manoel de Almeida Filho.
Coleção IEB- USP

Folheto e romance assemelham-se no desejo do pai de possuir a filha, mesmo tendo consciência do ato incestuoso que cometeria. No folheto de Almeida Filho, no entanto, a filha, Minervina, não compactua com as intenções do pai e luta até o fim para não se entregar a ele. Genoveva, a personagem de Suassuna, é apresentada não através de sua psicologia, mas por sua exuberância física, capaz de “deixar os homens perturbados e as outras mulheres de mau humor”⁴¹. Isto causa impressão no leitor de que a mesma não se opõe às investidas de seu pai.

Essa alteração é fundamental para compreender que, se por um lado o autor de **Pedra do Reino** afirma que aproxima sua obra ao universo do cordel, por outro, ele rompe contundentemente com características próprias dessa literatura quando aborda, por esse ângulo, o tema incesto. Minervina, protótipo das heroínas da literatura de cordel, é descrita da seguinte forma, por Manoel de Almeida Filho:

“Chamava-se Minervina
Parecia uma princesa
Rica, bela e educada,
Com estilo da nobreza
Parecia uma estátua
Feita pela natureza”

Genoveva, ao contrário do que acontece com Minervina, não é capaz de se evitar o mal que lhe é causado pelo vilão, seu pai Antônio Moraes. Valores como honestidade, firmeza, lealdade, formam o código de honra dos heróis

⁴¹ **Pedra do Reino**, p. 386

dos folhetos nordestinos. Personagem “bela” como Geneveva jamais teria aquele comportamento em um folheto nordestino. Na convenção do cordel

“os atributos físicos e morais formam um todo que será recuperado através da menção a uma de suas características(...) o poeta pode dizer apenas que ela[o personagem] era ‘bela’ ou ‘firme e constante’ e isto será o suficiente para que se saiba que ela possui todos os predicativos morais e estáticos que caracterizam uma personagem principal feminina.”⁴²

Geneveva, como heroína do cordel, passaria por toda sorte de sofrimento, mas, em hipótese alguma, permitiria que seu pai ou qualquer outro homem maculasse sua honra. Pela estrutura narrativa do cordel a vitória do bem contra o mal é ponto pacífico⁴³.

⁴² ABREU, Márcia. Pobres leitores. Em: www.unicamp.br/iel/memória/ensaios/marcia, em 21/09/1998, p. 19.

⁴³ Geneveva é nome de personagem de um romance de cordel. Porém, as ações das duas são presididas por valores totalmente distintos, como veremos. Conta o romance que Geneveva era uma menina inteligente, honrada e muito querida pelos seus pais. Seu pai deu-a em casamento ao Conde Sigifroi porque ele o salvou a vida. Depois do casamento, Geneveva despediu-se dos pais e foi morar em um castelo, às margens do Rio Reno. A vida do casal era harmoniosa e feliz. Logo que chegou ao castelo, Geneveva intercedeu pelos criados junto ao marido, a fim de que eles ganhassem melhores salários e pagassem menos impostos. Com esse gesto, ela encantou a todos.

Até que um dia, Sigifroi foi convocado para guerra. Este, preocupado com os dias que Geneveva passaria sozinha, deixou um intendente guardando sua família e o castelo. Com o tempo, o guardião revelou-se indigno da confiança do seu senhor. Passou a vestir-se como conde, a cometer sérias injustiças para com os empregados e, o que é pior, tentou violentar Geneveva sexualmente. Como Geneveva repeliu veementemente as investidas de Gole, começaram seus martírios. Primeiro ela foi presa na masmorra, onde deu à luz a um filho; depois salvou-se da morte indo morar em bosque distante, lugar em que passou toda sorte de privação.

Depois de muitos anos, Geneveva e o filho são encontrados pelo conde. O algoz intendente ficou na prisão até o fim da vida e Geneveva, o Conde e o filho finalmente viveram em paz e felizes. Cf. DUDA, José Galdino da Silva. **Os martírios de Geneveva**. São Paulo: Luzeiro, 1988

Note-se que Geneveva, personagem do cordel, não se assemelha em nada com a Geneveva de Suassuna. A primeira sofreu horrores, inclusive muita fome, mas preservou sua candura e honra, a fim de não trair o marido. A Geneveva de **Pedra do Reino** não esboçou nenhum sinal de repúdio à relação incestuosa que manteve com seu pai. Entre elas, a única semelhança é o nome.

Folheto XLV: "As desaventuras de um corno desambicioso".

O título desse "folheto", capítulo de **Pedra do Reino**, é uma paródia dos folhetos nordestinos **Desaventuras de um corno ganancioso** e **As aventuras de um corno conformado**. [Fig. 19 e 20]. Nesse capítulo acontece um longo diálogo entre Quaderna e Pedro Beato. Na conversa, falam sobre vários assuntos: o processo a que Quaderna está sendo submetido, questões de poder, de família, o relacionamento de Quaderna com Maria Safira, a beberagem da cardina. Pedro Beato é o marido de Maria Safira, amante de Quaderna. Tal qual nos folhetos, no romance há uma situação de adultério, aprovada pelo esposo. Mas no caso dos folhetos, o interesse dos maridos das adúlteras é a "boa vida" financeira que as mulheres lhes proporcionam, graças aos relacionamentos extraconjugais que mantêm.



[Fig. 19] Capa do folheto **A desventura de um corno ganancioso**, do poeta Oswaldo Figueira, acompanhado da nota "Impróprio a 18 anos." Coleção FCRB



[Fig. 20] Capa do folheto **As aventuras de um corno conformado**, do poeta José Pedro Pontual. Coleção FCRB

O retorno financeiro era a grande motivação para as mulheres, personagens dos folhetos de cordel, se amasiarem. Pedro Beato, ao contrário, recusa qualquer ajuda do amante da mulher. Para “o santo homem,” como Quaderna o denomina, essa seria uma alternativa para poupar “Maria Safira de ouvir das pessoas maldosas que o marido dela era sustentado pelo amante.”⁴⁴ O móvel para Quaderna e Maria Safira tornarem-se amantes fora a promessa de Safira, “uma mulher de malefícios diabólicos” a Quaderna de que recuperaria a virilidade, sem perder a inteligência. Quaderna perdeu a “homênciã” depois que seu pai, “raizeiro, meio profeta e astrólogo,” lhe deu para beber “um chá de cardina, uma beberagem que abre a inteligência das pessoas”.

Para Wilson Martins, este episódio de **Pedra do Reino** mostra até onde vai a malícia de Suassuna, num livro repleto de referências e subtendidos, característica que leva os críticos à perigosa tentação de super-interpretá-lo, pois, Martins anota que, segundo Bretas, a cardina foi também ingerida por Aleijadinho, na sua juventude, e para o mesmo fim; “só não sabemos se com os mesmos resultados”.⁴⁵

⁴⁴ **Pedra do Reino**, 243

⁴⁵ Cf. MARTINS, Wilson. Op. Cit.

Folheto XLVI: "O reino da Pedra Fina"

O título do capítulo-folheto XLVI, "O Reino da Pedra Fina", é tributário do folheto de cordel **História da Princesa da Pedra Fina**. Trata-se de um romance

de 32 páginas cujo autor é Leandro Gomes de Barros. [Fig. 21]As personagens da história são as três princesas da Pedra Fina, e um casal de lavradores que tinha três filhos, João, Antônio e José, o mais novo deles. Conta a história que José numa conversa informal com os irmãos revelou-lhes que gostaria de ver as pernas das moças da Pedra Fina. O pai temeroso de que isso chegasse aos ouvidos das princesas, e para "cortar o mal pela raiz", bateu em José. Ficando este muito desgostoso, se sentindo muito humilhado, foi embora de casa. Em suas andanças, José ia atravessando um rio quando sentiu sede, tirou o chapéu para beber água.



[Fig. 21] Capa do romance **A história da Princesa da Pedra Fina**, do poeta Leandro Gomes de Barros. Acervo próprio

Junto com a água veio uma enorme pedra. Ele julgou-a sem valor, mas guardou o que havia achado. Ao chegar na cidade, foi vender a pedra a um lojista, que informou a José que sua pedra era um brilhante e a única pessoa capaz de comprá-lo seria o imperador. Assim que o imperador viu a jóia, “comprou-a por um milhão” e como paga deu-lhe também um palacete e título de nobreza.

Um dia, o rei, aconselhado pelo barbeiro, encomendou a José uma outra pedra igualzinha à primeira para que ele colocasse do outro lado da coroa. José saiu muito triste, pois caso não fizesse a vontade do rei, seria condenado à morte.

José seguiu para o mesmo rio, onde encontrou o diamante. Depois de muito procurar e nada encontrar, avistou de longe, uma briga entre uma serpente e um leão. Ambos pediram-lhe ajuda, prometendo que, caso ganhassem a luta, auxiliariam-no em sua incumbência. José matou o leão, e em lugar da serpente, surgiu uma das princesas da Pedra Fina, que o ajudou a encontrar três pedras iguais à primeira. Em companhia da princesa, ele voltou ao reino e entregou a pedra ao rei.

O barbeiro aconselhou o rei a conquistar a princesa, mas, para isso, o rei tinha que dar cabo de José. Daí por diante, o rei, sempre aconselhado pelo barbeiro, fez outros desafios a José e ele conseguiu cumprir todos, por causa da ajuda da princesa. Nos folhetos nordestinos o “mal” é sempre suplantado

pelo “bem.”⁴⁶ Depois que o barbeiro e o rei morreram, José passou a ser o rei.

Uma das primeiras providências do novo rei foi mandar buscar sua família para junto dele. Desse momento em diante, o enredo do folheto torna-se uma paródia da história de José do Egito.⁴⁷ José reúne seus familiares, mãe, pai e irmãos, revela-se como parentes deles, casa seus irmãos com as outras duas princesas da Pedra Fina.

Quaderna afirma que este romance de Leandro exerceu profunda influência na sua formação político-literária. O narrador lembrou-se desse folheto quando se dirigia à cadeia, onde seria interrogado. Tomado por assomos de profunda melancolia, uma vez que estava prestes a ser preso, Quaderna via o sertão “como uma enorme cadeia de serras pedregosas.” Simultaneamente, o mesmo sertão lhe parecia com um “Reino do qual falava o genial Poeta sertanejo Leandro Gomes de Barros(...) **O reino da pedra fina(...)**

Havia um grande País
De nação mouro-cruzada,
E havia as Pedras do Reino
Por outras pedras cercadas:
Diziam que lá morava
Uma princesa encantada”⁴⁸

⁴⁶ José Galdino da Silva Duda, poeta de cordel, explicita a visão maniqueísta dos folhetos nordestinos através desses versos: “Nesta história se vê/ A virtude progredir,/ A verdade triunfar,/ O mal se submergir,/ A honra salientar-se,/ A falsidade cair.” Cf. DUDA, José Galdino da Silva. **Os martírios de Genoveva**. São Paulo: Luzeiro, 1988

⁴⁷ José do Egito foi vendido pelo pai e foi morar em terra distante. Depois de decifrar os sonhos do rei, torna-se um monarca. Uma de suas primeiras providências é mandar buscar sua família que continuava passando por toda sorte de necessidade.

⁴⁸ **Pedra do Reino**, 256

Este trecho de cordel faz parte de uma das modalidades de fragmento folheto encontradas em **Pedra do Reino**. Ele foi elaborado pelo próprio Suassuna e atribuído a Leandro Gomes de Barros. Além do mais, Suassuna nomeia o capítulo com um título que é uma paródia de um dos folhetos de Barros, criando no espírito do leitor a impressão de que o capítulo do romance corresponde ao folheto de cordel nordestino. No entanto, esta obra de Leandro não guarda nenhum traço em comum com o texto de Suassuna.

Como vimos, o cordel de Leandro é uma colagem da História de José do Egito, texto bíblico do Antigo Testamento. E, como podemos perceber, o fragmento de cordel supramencionado, que retiramos de **Pedra do Reino**, versa sobre a história de Pedra Bonita. Cabe salientar que nenhum folheto nordestino que verse sobre Pedra Bonita publicado em data anterior ao romance suassuniano foi encontrado, mesmo tendo pesquisado em arquivos como o da Biblioteca Nacional e Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, IEB-USP, em São Paulo e CEDAE e AEL, em Campinas.

Xilogravuras

Encontramos em **Pedra do Reino** um número considerável de gravuras, acompanhadas do título e de um texto explicativo. São, ao todo, vinte e seis ilustrações, cujos traços guardam semelhanças com as xilogravuras⁴⁹. A aparência do traço, do material utilizado, bem como dos motivos dos desenhos alimentam a idéia de que Ariano Suassuna associa-se ao cordel,

através desse conjunto de ornamentos. Tais gravuras ganham formas variadas, podendo ser reproduções de bandeiras, escudos, fotografia, mapas e insígnias.

O artista responsável pela confecção dessas imagens revela-se em dois planos: no ficcional, todas são supostamente produzidas pelo “cortador de madeira, riscador de gravuras” e irmão de Quaderna, Taparica Pajeú Quaderna. No plano real, sabe-se que elas foram elaboradas pelo próprio Ariano Suassuna.

Uma ilustração no princípio do romance é a de uma das bandeiras desfiladas na Cavalgada do Rapaz do Cavalo Branco. A presença dela, a exemplo do que acontece com outras, tem como um dos fins reforçar a narrativa. Senão, vejamos. Quaderna afirma que a cavalgada do rapaz do cavalo branco fora registrada, em versos, pelo cantador Lino Pedra Verde e cita um fragmento desse suposto folheto de cordel, que só existe na ficção.

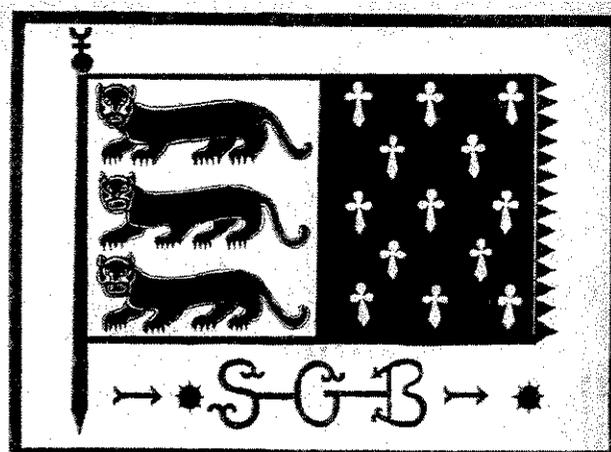
⁴⁹ A xilogravura é uma técnica de gravura em relevo que “tem por base a escavação de uma placa ou prancha, deixando salientes as áreas a serem impressas, as quais recebem a tinta e, depois por meio de pressão exercida por prensa ou colher, são transferidas para o papel.” Cf. HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias**. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999, p. 23. O material utilizado como suporte, conforme o termo indica, é a madeira. As xilogravuras, como representações específicas das capas de folhetos de cordel, surgiram a partir de 1910.

“ Dividida por dois campos
 - um Direito e outro Esquerdo -
 tinha três onças vermelhas
 em campo de ouro - o Direito -
 e Contra-arminhos de Prata
 semeado o Campo negro” [Fig. 22]

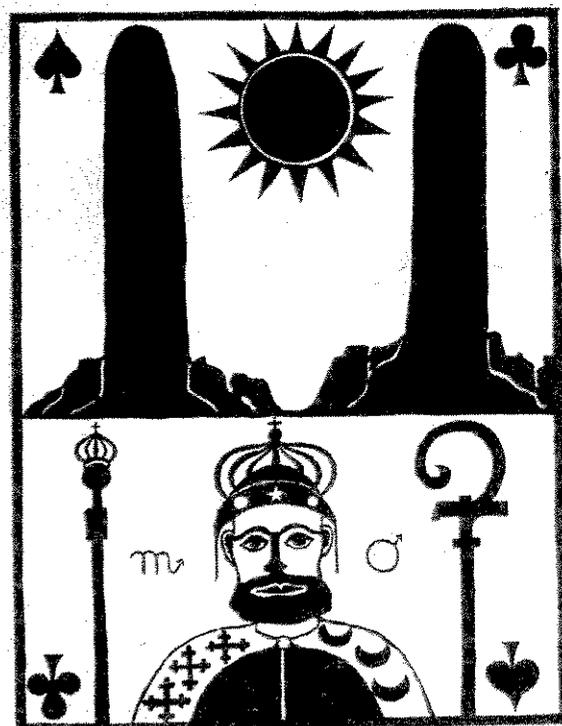
Teria sido com base nessa descrição, que o irmão de Quaderna, Taparica Pajeú-Quaderna, haveria composto a gravura.

Para Idelette Muzart, dentre a série de gravuras incluídas em *Pedra do Reino* há uma que, sozinha, representa o universo simbólico do romance:

“integrando todos os elementos iconográficos presentes na obra: o popular, tanto pela gravura do folheto que lhe serve de modelo quanto pela técnica utilizada, ou ainda pelos símbolos das festas populares, O Cordão Azul e o Cordão Encarnado; o heráldico, pela divisão em dois campos distintos e pela utilização de símbolos-padrão; o tarô, pela presença, nos quatro cantos, das marcas representativas das cores do baralho, bem como pela figura do rei, relacionada ao sol; pela astrologia, enfim, com a presença dos signos de marte e de Escorpião, insígnias zodiacais do ‘glorioso e terrível Quaderna.’”⁵⁰ [Fig. 23]



[Fig. 22] Bandeira da Onças elaborada por Ariano Suassuna. Em: *Pedra do Reino*, p. 10



[Fig. 23] Gravura que representa o universo de Quaderna. Em: *Pedra do Reino*, p. 112

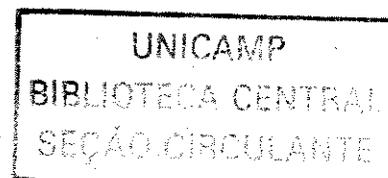
⁵⁰ Cf. MUZART, Idelette. Op. cit. p. 223.

Os temas das gravuras traduzem o universo fantástico, maravilhoso e armorial de Quaderna, ora apresentando monstros, animais ferozes e cavaleiros diabólicos, ora apresentando imagens heráldicas. Para alguns autores, o universo simbólico da obra de Suassuna deriva de permanências medievais.

É preciso destacar ainda que **Pedra do Reino** quer manifestar a mundivivência nordestina. Essa é uma das propostas do Movimento Armorial: iniciado em Pernambuco, na década de 70, este Movimento surgiu a partir de duas exposições plásticas e dois concertos, realizados simultaneamente na cidade do Recife. À frente da organização dos eventos, como diretor do Departamento de Extensão Cultural (DEC) da Universidade Federal de Pernambuco, estava Ariano Suassuna. A concepção do Movimento Armorial é explicada nos seguintes termos:

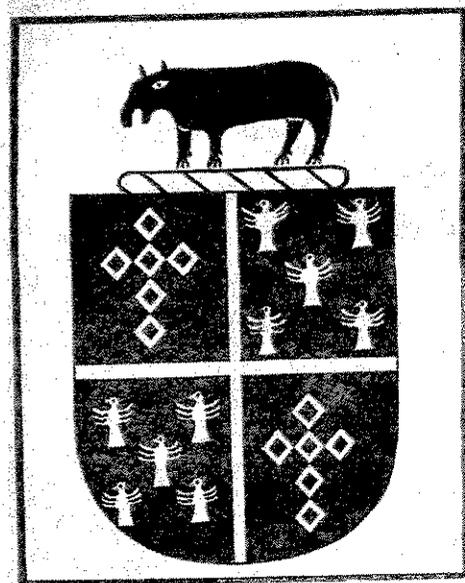
“Em nosso idioma armorial é substantivo: é o conjunto de brasões, bandeiras e insígnias de um Povo. Ora, em nosso país, a Heráldica é uma arte essencialmente popular, com estandartes dos autos de guerreiros, com as cores azuis e vermelhas das cavalcadas e Pastoris, com as camisas das Escolas de Samba, dos Maracatus ou dos clubes de futebol. Por isso foi que chamei de “armorial” a nossa Arte e o nosso movimento: eles são armoriais porque a nossa preocupação fundamental é a de procurar uma Arte brasileira erudita, fundamentada nessas heráldicas raízes populares, sejam estas do sertão, da mata, do litoral ou da cidade”⁵¹

⁵¹ SUASSUNA, Ariano. “O movimento armorial”. Em: *Correio Brasiliense*. Caderno Cultural. Brasília: 08 de julho de 1972



Isto posto, convém ressaltar que o material iconográfico inserido por Suassuna no **Romance da Pedra do Reino**, antes mesmo de indicar apenas relação imagem/texto em proveito da estética, revela uma concepção de arte literária filiada ao Movimento Armorial, à medida que as iconografias detalham aspectos do Romancero Popular Nordestino, especificamente imitações de xilogravuras, no contexto de uma obra erudita. Isto se verifica quando Ariano Suassuna descreve fielmente as imagens e, logo após, expõe-nas.

Cumprе ressaltar que, no caso das gravuras, Suassuna usa o mesmo procedimento que emprega com as narrativas. Ou seja, assimila a técnica, o estilo, mas não incorpora o temário. [Figs. 24 e 25]



[Fig. 24] Escudo de Armas de Samuel. Em: **Pedra do Reino**, p. 552



[Fig. 25] Escudo das armas de Clemente, elaborada por A. Suassuna. Em: **Pedra do Reino**, p. 556

As xilogravuras estampadas nas capas dos cordéis “são imediatamente remetidas ao título ou vice-versa.”⁵² [Fig. 26] São bastante recorrentes títulos em que se incluem palavras que remetem à realeza, tais como príncipe, princesa, reino. Mesmo assim, não se vê, por exemplo, xilogravuras de brasões, escudos de armas e insígnias. Esses motivos não fazem parte do universo dos xilógrafos, apesar da aproximação com tema freqüentemente abordado pelos poetas. Na iconografia de **Pedra do Reino**, há pelo menos onze delas.

Fragmentos de cordel

Um dos tributos à literatura de cordel é a inclusão de fragmentos de textos dessa poesia, repetidas vezes, ao longo do



[Fig. 26] Escudo das armas de Quaderna. Em: **Pedra do Reino**, p. 560

⁵² HATA, Luli. Op. Cit., p.82

romance. Esses fragmentos podem ser cópias quase literais de textos de cordel conhecidos como no seguinte trecho de **O encontro de Antônio Silvino com o valente Nicácio**, de Severino Cesário, considerado por Quaderna como uma importante reflexão “filosófica, filantrópica e litúrgica”: [Fig. 27]



[Fig. 27] Capa do folheto **O encontro de Antônio Silvino com o valente Nicácio na Vila de Trapiá**, do poeta Severino Cesário. Coleção FCRB

Neste planeta terrestre,
o Homem não se domina
tem que viver sob o jugo
da *Providência* Divina
Foi feito do Pó da terra,
No Pó da terra termina!

Assim, eu mostro a estrada
Do Passado e do Presente,
Estrada onde morrem *Reis*
Molhados de sangue Quente!
Hoje, tornados em Pó,
Resta a *Memória*, somente.”⁵³

“Neste planeta terrestre,
O homem não se domina
tem que viver sob o jugo
da *Natureza* Divina
Foi feito do pó da terra
Neste mesmo pó termina

Assim, eu mostro a estrada
Do Passado e do Presente,
Onde morreram *tiranos*
Em busca de sangue quente
Hoje tornado em pós
Resta a *tradição* somente”⁵⁴

⁵³ *Pedra do Reino*, p. 63-65

⁵⁴ CESÁRIO, Severino. *O encontro de Antônio Silvino com o valente Nicácio na vila de Trapiá*. s.l., s.d., p. 01, Acróstico: cesário, capa: Dila

Há também fragmentos que são paródias, caso do folheto **Vida, Aventuras e Morte de Lampião e Maria Bonita** que o narrador de **Pedra do Reino** cita e parodia um dos trechos com a intenção de descrever o Dr. Pedro Gouveia, tutor do rapaz do cavalo branco.

[Fig. 28]



[Fig. 28] Capa do folheto **Vida, aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita**, de Amador Santelmo. Coleção FCRB

Dizem que uma sombra escura
 com duas pontas na testa
 por onde o donzel caminha,
 ao lado se manifesta.
 Desde a cadeia onde o Moço,
 esta Sombra cornipêta
 caminha sempre ao seu lado.
 Como irmã-de-caridade
 seguindo o jovem defunto,
 carcará de chavelhos
 vai sempre ao mancebo junto.
 doutor, luz verde-escura
 na cidade de pés junto,
 lampa acesa dos jazigos
 fogo-fátuo dos defuntos
 donzel estrela errante,
 facho dos Lumes eternos
 ouro do sol desafio
 às negras chamas do inferno.

Dizem que uma sombra
 escura
 Com duas pontas na testa,
 Por onde vai **Lampião**,
 Ao lado se manifesta
 Desde a fazenda de Angicos
 Aonde foi degolado,
 Essa sombra cornipeta
 Caminha sempre ao seu lado
 Como irmã de caridade
 A seguir o seu defunto
 A sombra com dois chavelhos
 Vai sempre à cabeça junto(...)
 E o vagalume[sic], luzindo,
 No fundo da escuridão
 Voava como uma mósca
 À roda de Lampião(...)
 E pelo mato, no escuro,
 O sinistro caminhão

O Doutor vela de sebo,
 Sinal dos magos errôneos,
 Lume lúgrube da Morte
 Lampadário do demônio
 Donzel lustre cadeia(...)
 Que o sol do sangue espadana,
 Carne cravada de estrelas,
 Coroa da Raça Humana!"⁵⁶

Que leva as onze cabeças
 Rodava pelo sertão(...)
 E o vagalume[sic]luzindo
 Cada vez voa mais junto;
 Até parecia um círio
 Dando luz a seu defunto
 donzel, lustre candeia (...)⁵⁵

Uma terceira modalidade são as poesias elaboradas por Suassuna e atribuídas, por Quaderna, a João Melchíades Ferreira, João Martins de Athaíde, Leandro Gomes de Barros, Lino Pedra Verde e outros, todos reconhecidos mestres da literatura de cordel. Com isso, o leitor tende a confiar plenamente na existência de tais obras, quando, na verdade, elas só existem na obra ficcional de Suassuna.

"No Reino do Pajeú
 morava o Rei João Ferreira.
 Ele era Conde e Barão :
 Foi o terror da ribeira!
 Tinha Coroa de Prata
 lá no trono da Pedreira !

Havia, lá, dois Rochedos
 bem juntos e paralelos..
 A Pedra era cor de ferro
 e incrustada de amarelo.
 Foi delas que, por grandeza,
 o Rei fez a Fortaleza,
 levantando seu Castelo !"⁵⁷

⁵⁵ Cf. SANTELMO, Amador. *Vida, Aventuras e Morte de Lampião e Maria Bonita*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes LTDA, 1958, pp. 84-5. Comparando os dois poemas, percebe-se que Suassuna faz a paródia de Santelmo até certa altura do poema e logo depois, modifica-o completamente os versos.

⁵⁶ *Pedra do Reino*, p. 17.

⁵⁷ *Pedra do Reino*, p. 66.

Estes versos são atribuídos pelo narrador ao poeta popular João Melchíades Ferreira. Quaderna sentia falta de um folheto que cantasse as grandezas da “Casa Real da Pedra do Reino”. Sendo assim, ele pediu ao seu professor na arte da poesia “que escrevesse um romance sobre a Pedra do Reino.”⁵⁸

Entretanto, não há registro de nenhum folheto de cordel de João Melchíades Ferreira, ou outro poeta popular, anterior à publicação de **Pedra do Reino**, que verse sobre Pedra Bonita. Segundo o escritor Antônio Áttico de Sousa Leite, havia um folheto bastante conhecido na região de Pedra Bonita o qual teria inspirado João Ferreira, 1º “rei” da Pedra Bonita, a profetizar o retorno de D. Sebastião, no sertão do Pajeú. Porém, este folheto nunca foi localizado.⁵⁹

Fazendo ainda referência aos últimos versos citados, ressalte-se que são raros os registros de folhetos nordestinos com características semelhantes:

⁵⁸ Idem, *Ibidem*

⁵⁹ Amparando-nos em recentes estudos da Prof. Dr. Márcia Abreu é possível afirmar que este folheto, se existiu, foi transmitido pela tradição oral, pois, os folhetos impressos que aportaram no Brasil, oriundos de Portugal, nenhum versa sobre a restauração do reino de D. Sebastião nem sobre Pedra Bonita. Os folhetos enviados para o Brasil são: **Carlos Magno, Bertoldo, Bertoldinho e Cacasseno, Entremezes e Comédias, Belizário, Magalona, D. Pedro, Imperatriz Porcina, Donzela Teodora, Roberto do Diabo, Paixão de Cristo, D. Ignez de Castro, Divertimento para um quarto de hora, João de Calais, O diabo coxo, Santa Bárbara, Reinaldo de Montalvão**. Cf. ABREU, Márcia A. **Cordel Português/ Folhetos Nordestinos: confrontos - Um estudo histórico comparativo**. Tese de Doutorado apresentada à área de Literatura Comparada do Dept. de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1993, pp. 64-5.

seis versos na primeira estrofe e sete versos na segunda⁶⁰. A constância na forma deve-se ao fato de a literatura de folhetos situar-se “na encruzilhada entre o oral e o escrito.”⁶¹ Poemas irregulares dificultam a memorização, o que é um problema na cultura oral:

“Em uma cultura oral a memória é o único recurso de conservação de produções intelectuais. Sabe-se que a regularidade é um auxiliar mnemônico poderoso; assim, a existência de um padrão para a estrutura estrófica, rímica e métrica é uma ferramenta fundamental(...) Também para os ouvintes será mais fácil compreender e memorizar poemas em que hajam recorrências e repetições. A participação do público é importante pois a tarefa de conservação cabe não só ao autor mas a toda comunidade.”⁶²

De fato, a composição de folhetos nordestinos é presidida por regras poéticas bastante rígidas. Eles são publicados com números de páginas que variam entre 8 e 64 páginas. O número de versos e sílabas são bastante codificados. No **Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas e bancada**⁶³, os autores desdobram-se em informações e exemplos das variantes formais da literatura de folhetos. Excetua-se o caso dos desafios. Neles, sim, “é comum a utilização de estrofes de seis, sete, oito e dez versos(...) A mudança de ritmo, freqüente durante a cantoria, como parte das tentativas de

⁶⁰ **A peleja da alma** é exemplo de folheto “irregular do ponto de vista formal”. Cf. ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999, pp. 86-7. Outro folheto com essa natureza é **Suspiros de um sertanejo**, de Leandro Gomes de Barros: são 26 sextilhas intercaladas por galope miudinho ou parcela que é “estilo antigo em complexo desuso. São dez versos de cinco sílabas.” Cf. ALMEIDA, Átala Augusto F. de. & ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. JoãoPessoa: Universitária, 1978, pp. 19-20

⁶¹ Idem, 118

⁶² Idem, pp. 87-8

⁶³ Idem, pp. 9-52

vencer o adversário, é mantida no desafio escrito.”⁶⁴

Funções dos fragmentos de cordel

Muitas são também as funções dos trechos de poesia popular inseridas no interior do romance. Uma delas é demonstrar que as principais decisões da vida do narrador, sejam elas pessoais ou intelectuais estão atreladas a algumas trechos da literatura de cordel. Samuel, Clemente e Quaderna resolveram fundar a “Academia de Letras dos Emparedados do Sertão do Cariri”, da qual eles eram os únicos componentes. Três, também, eram os tipos de sessões realizadas pelos acadêmicos: de gabinete, a pé e a cavalo. Esta última, por sugestão de Quaderna que, “sempre impressionado com os amores, as cavalarias, os cangaços e as quengadas dos folhetos”, queria que eles “discutissem essas literaturas, a cavalo e heroicamente, vagando como Valente Vilela, pelos campos do sertão”.

⁶⁴ TERRA, Ruth B. Lemos. Op. cit, p. 62.

História do Valente Vilela

era um dos “romances” que mais impressionaram o narrador, quando ele era menino, sobretudo a estrofe:

[Fig. 29]

“Sai o Alferes vagando
pelos campos do Sertão.
Adiante encontra um rapaz
e lhe dá voz de prisão
_ Você me mostra o Vilela,
quer você queira, quer não!”⁶⁵

Segundo ele, depois do contato com esse cordel, especialmente essa estrofe, “os campos do Sertão” tornaram-se sagrados, pois, conforme o narrador explica: “toda vez que eu montava no meu cavalo ‘Pedra Lispe’ e saía pelas estradas ou pelos matos, mesmo que não fosse praticar nenhum feito guerreiro, como os de Vilela, sentia-me como um cavaleiro, um herói errante pelos campos do Sertão.”



[Fig. 29] Capa do folheto **História de Valente Vilela**, de João Martins de Athaide.
Coleção FCRB

⁶⁵ Pedra do Reino, 123

A julgar pelo enredo do “Valente Vilela” alguns elementos influenciaram decisivamente a vida de Quaderna: Vilela é o espelho do herói, do valente, do errante, da vitória da justiça ainda que esta seja operada no campo da lenda. Mas, segundo o próprio Quaderna, o que mais o influenciou na narrativa de aventuras do Valente Vilela foi a sua vida errante “pelos campos do sertão”. Quaderna recupera esta imagem em seu proveito e ao fazê-lo pretende restaurar no espaço sertanejo “um reino de justiça e para libertar os pobres de seus opressores.”⁶⁶ Dessa forma, “os campos do sertão” constituem-se no espaço escolhido por Quaderna para a concretização de suas aventuras quixotescas. Aliás, conforme lembra Muzart, no romance o sertão “aparece logo nas primeiras páginas como uma cadeia, um mundo de violência e de morte, povoado de animais perigosos(...)um mundo onde o homem é reduzido a piolho face à divindade, representada por uma onça.”⁶⁷ Situado neste espaço, o narrador detém uma visão muito peculiar que longe de ser realista, prima pela divinização da natureza, com alternância de imagens. Ora o sertão é castelo, ora é prisão, inferno, purgatório, paraíso; fonte de vida e inspiração.⁶⁸

Enfim, o reino do sertão a que Quaderna se propõe descobrir ultrapassa

⁶⁶ LIND, Georg R. “Suassuna e a Pedra do Reino”. Em: *Diário de Pernambuco*. Recife: 23/12/1979

⁶⁷ SANTOS, Idellete Fonseca dos. “Roteiro para leitura do Romance da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna”. Em: *A literatura na Paraíba ontem e hoje*. João Pessoa: Casa de José Américo, 1989, p.92

⁶⁸ Idem. p. 95

os puros limites de Taperoá, cidade onde Suassuna viveu parte de sua infância. Abrange, na verdade, o imenso território que é o sertão nordestino. Aí localiza-se o centro místico e cultural ao qual se vincula a história de Quaderna.

O romancista apropria-se dos folhetos nordestinos a fim de caracterizar algumas personagens de **Pedra do Reino**. O narrador diz que para descrever o Doutor Pedro Gouveia, tutor do rapaz do cavalo branco, recorreu aos versos de Jerônimo do Junqueiro.⁶⁹ No entanto, é provável que estes versos não sejam mesmo de autoria de Jerônimo do Junqueiro, mas uma paródia,⁷⁰ elaborada pelo próprio romancista, dos versos de Ezechias da Rocha. Esta afirmação fundamenta-se na semelhança que há entre os versos de Suassuna e os versos de Ezechias da Rocha, Zabelê, o cangaceiro-poeta do bando de Lampião.

“Era magro e espigado,
metido um tanto a pimpão
Trazia Cruz ao pescoço,
trancelim, Colar, cordão.
Todo vestido de preto
- sela, bride, estribo, arção -

Era brabo, era marvado
o temido Lampião
Mas era, prá que negá
Nas fibra do coração
O mais perfeito retrato
Das catingas[sic] do sertão. ⁷¹

⁶⁹ Jerônimo Junqueiro. Foi um cantor cearense que fazia versos de narrativas de encontros. As cantorias de Junqueiro eram inventadas, decoradas e recitadas por ele nas feiras. Consta-se que o diabo nunca se saiu bem nas pelepas com os cantadores cearenses, porque Jerônimo havia firmado um pacto com o sinistro. Segundo Câmara Cascudo, em **Vaqueiros e Cantadores**, Pe. Ibiapina, missionário que correu os sertões do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, foi o confessor de Jerônimo, absolvendo-o do referido pacto. Cf. ALMEIDA, Atila Augusto F. & ALVES SOBRINHO. Op. cit. p. 148

⁷⁰ Outro conceito de paródia proposto por Linda Hutcheon é que paródia seria “um misto de respeitosa homenagem e um gesto de desprezo irônico,” pelo texto-matriz. Cf. HUTCHEON, Linda. *Idem*, *Ibidem*

⁷¹ Versos muito conhecidos de Zabelê, que aparecem, sem referência completa, em muitos lugares, dentre eles em CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 272; MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife/Zürich: Stähli, 1993, p. 85

com seu chapéu também negro,
 com luz do sol na mão,
 de botinas-borzeguim,
 passa-pé como um Barão,
 sobre o colete cinzento
 ajeitava o correntão.
 No dedo da mão direita,
 Seu anel de condição.
 No dedo da mão esquerda,
 Seu Anel, com Brasão.
 Era um dele e outro emprestado:
 Mau costume do Sertão !”⁷²

A misteriosa Clara, pretendida de Arésio, irmão do rapaz do cavalo branco, também teve sua descrição diretamente ligada a um folheto de cordel.

“Era mais alta do que baixa, tinha grandes olhos redondos e azuis, os cabelos de um louro bronzeado, o nariz reto, o queixo e as ancas firmes. Quem conhece, como eu conheço, o folheto da **Descrição das Mulheres por seus Sinais** notaria que ela tinha quatro defeitos físicos que, como acontece sempre nas moças bonitas, eram, nela, quatro encantos a mais: suas panturrilhas eram um pouco espessas e musculosas(...), suas pernas eram quase nada arqueadas(...); a testa ampla contrastava, um pouco mais do que o permitido, com o queixo que era forte nas mandíbulas mas fino na ponta; finalmente,(...) a espádua direita era mais alta do que a esquerda.”

Descrição da mulheres conforme seus sinais⁷³, de acordo com a edição que tivemos acesso, é um folheto de 8 páginas. Nele o autor confere qualidades morais às mulheres, conforme seus atributos físicos:

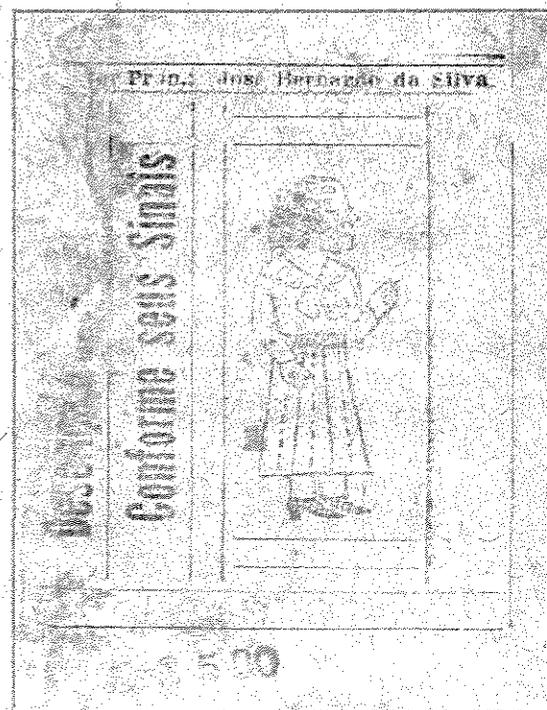
⁷² **Pedra do Reino**, pp. 14-15

⁷³ **Descrição das mulheres conforme os seus sinais**. Juazeiro do Norte, 05/07/1956, s.a. Editor proprietário: José Bernardo da Silva, 8 páginas. Na bibliografia da obra **Em demanda da poética popular**, Idellet Muzart informa que o folheto **Descrição das mulheres conforme seus sinais**, numa edição publicada por J.B. Silva, em 1963 tem 16 páginas. Cf. MUZART, Idellete. Op. cit. p. 321.

“Mulher de embuço de barba
de pernas grossas e banzeira
com três cabelos no queixo
não convém que ninguém queira
tem acessos de loucura
e além disso é perjura
devassa e namoradeira.”

O narrador, apesar de aproximar a descrição de Clara do folheto, utiliza o texto apenas como uma referência, já que não inclui nenhum verso ou paródia de verso no corpo do romance; a descrição de Clara não chega nem a ser uma “versão desrimada” de **Descrição das mulheres conforme seus sinais**. [Fig. 30]

Trechos de romances do ciclo carolíngio, especialmente **Carlos Magno** e os **doze pares de França** servem para ilustrar a origem dos torneios que Quaderna vem a organizar, na véspera de Pentecostes, em Taperoá.⁷⁴ Essas



[Fig. 30] Capa do folheto **Descrição das mulheres conforme seus sinais**, s. a.

Coleção FCRB

⁷⁴ Cf. LIND, Georg R. “Ariano Suassuna romancista”. Em: Colóquio/Letras, Lisboa, 1974, p. 38

contendas simbolizam as lutas entre mouros e cristãos, sendo os primeiros representados pelo cordão encarnado e os últimos representados pelo cordão azul. Tradicionalmente, essas festividades são conhecidas com a designação de cavalhadas, em várias regiões do Brasil, inclusive no sertão nordestino. [Fig. 31]

“Os figurantes das Cavalhadas sertanejas são vinte e quatro Cavaleiros armados de lanças e representando os Doze Pares de França do Cordão Azul e os Doze do Cordão Encarnado! Os Azuis, são os Cavaleiros cruzados e cristãos, e os Encarnados são os Cavaleiros mouros e muçulmanos. E o mais bonito, para mim, é que, representando os Vermelhos o partido dos Mouros, ainda assim tenham nomes iguais aos dos azuis, havendo, por exemplo, um Roldão e um Oliveiros azuis e cristãos, e outros Roldão e Oliveiros mouros e encarnados!”⁷⁵

No campo da ficção, Quaderna era o organizador das cavalhadas de Taperoá. A pretensão era alcançar um meio de diversão ociosa e, além disso, fixar no imaginário coletivo as imagens dele e de seus irmãos como de gloriosos cavaleiros



[Fig. 31] Capa de um suposto folheto, sob o título de *A história de Carlos Magno e os doze pares de França*, elaborada pelo próprio Suassuna. Em: *Pedra do Reino*, p. 64

⁷⁵ *Pedra do Reino*, p. 310

do sertão. Para chamar esse grau de nobreza a sua família, ele escolhia uma dúzia entre os seus mais de vinte irmãos bastardos, para representar a gesta dos doze pares de França.

“No Cordão Encarnado, meu irmão Virgolino Pinagé Quaderna, que, na Vida civil, é Cantador, fazia o papel de Roldão. Sílvio Junco-Brabo Quaderna, que é Vaqueiro e rabequista, fazia o papel de Oliveiros. Bento Guará-Vieira Quaderna, que é Tangerino e boiadeiro, era Gui de Borgonha. Euclides Seriema Quaderna, Almocreve, era Ricarte da Normandia. Matias Maciel Carnaúba Quaderna, Santeiro e Imaginário, era Urgel de Danoá. E Gregógio Camaçari Quaderna, fotógrafo e Poeta, era Guarim de Lorena. No Cordão Azul, Joaquim Braz Quaderna, tipógrafo do meu suplemento, era Bosim de Gênova. Augusto Maracajá Quaderna, Cavalariano, era Tietri de Dardanha. Antônio Papacunha Quaderna, tocador de pífano e Pintor das bandeiras e santos das procissões, era o Duque de Nemé. Rubião Timbira-Tejo Quaderna, fazedor de fogos e Fogueteiro, era Hoel de Nantes. Taparica Pajeú-Quaderna, cortador de madeira, Riscador e tipógrafo-ajudante, era Geraldo de Mondifér. E finalmente, último mas não derradeiro na minha admiração, vinha o predileto entre os meus prediletos, Malaquias Nicolau Pavão Quaderna, aguardenteiro, conquistador, folheteiro e Cambiteiro, no papel guerreiro e heróico de Lamberto de Bruxelas!”

Mas, indubitavelmente, a presença da literatura do cordel em **Pedra do Reino** é mais fecunda nos capítulos em que é narrada a formação de Quaderna na escola de poesia da Fazenda Malhada da Onça, por seu padrinho de Crisma, João Melchiádes Ferreira.

Pedra do Reino: uma “escola” de folheto nordestino

Dentre as muitas classificações para **Pedra do Reino**, uma, a que o coloca como um romance metapoético, deve ser melhor discutida. A meta-

literatura é um recurso utilizado para explicar a literatura dentro do próprio discurso literário, fato que, segundo Hamon, leva o escritor a explicar o seu texto, a desdobrá-lo sobre si mesmo e a conferir-lhe inteligibilidade.⁷⁶ É o que observamos com a narrativa de Quaderna. À medida que ela vai se construindo, o narrador explica suas escolhas relativas ao estilo, à temática e ao gênero aos quais será filiada sua obra.

Há, por exemplo, uma longa discussão entre Quaderna, Clemente e Samuel acerca de como deveria ser a “Obra da Raça Brasileira”. Clemente opina que uma obra dessa estirpe deveria ser escrita em prosa porque é assim que são escritas hoje as grandes sínteses intelectuais e emocionais da humanidade. Por sua vez, Samuel interpela argumentado que as grandes obras de países estrangeiros são chamadas de poemas nacionais. Tendo debatido o assunto, Quaderna conclui que o romance seria o único gênero capaz de fundir num só livro um enredo fantástico, uma narração baseado em aventuras e um poema em verso de assunto heróico.

Questões como essa, amplamente abordadas pelos críticos e historiadores da literatura, são analisadas ao longo do romance, envolvendo sempre as personagens Quaderna, Samuel e Clemente.⁷⁷ No entanto, cabe-nos aqui discutir as formas pelas quais **Pedra do Reino** se revela enquanto meta-

⁷⁶ HAMON, Philippe. “Texte Littéraire et Métalangage.” *Poétique*: Paris, 1977, 31, 261-284

⁷⁷ Para uma discussão mais aprofundada da função metapoética em **Pedra do Reino** do ponto de vista do gênero, da temática e estilo confira: PINHEIRO, Kilma de Barros. **A Pedra do Reino e a tradição literária brasileira**. Dissertação de Mestrado. UNB, 1983, pp. 150-170.

literatura ao informar seu público sobre particularidades dos folhetos nordestinos, no que se refere aos autores, temática e estrutura. Em **Pedra do Reino** o desdobramento da estrutura dos folhetos se verifica inclusive através das personagens. Entre elas, Quaderna, o narrador; João Melchiádes Ferreira, poeta e mestre de poesia; Samuel e Clemente, críticos mordazes da literatura de folhetos.

Quaderna, pautado nos ensinamentos de João Melchiádes, é a personagem que detém conhecimento aprofundado sobre os folhetos nordestinos. Sua função é explicar ao leitor as particularidades da literatura de folhetos. O narrador explica também que domina o assunto, que é conhecedor do *métier*, por duas razões principais: a primeira, porque, desde criança ele ouvia e decorava os folhetos e romances antigos que sua tia Felipa e a velha Maria Galdina cantavam, enquanto faziam trabalhos domésticos.

A velha Maria Galdina e tia Felipa são depositárias de alguns romances “esquisitos, ao mesmo tempo diferentes e parecidos com os do velho João Melchiádes(...)que somente elas sabiam.” Esses romances que elas cantavam, circulavam exclusivamente na tradição oral, mesmo num tempo em que já se imprimiam folhetos. Sá Maria Galdina e tia Felipa eram as “portadoras de tradição”⁷⁸, Quaderna era o auditor das cantigas e, tempos depois, tornou-se o responsável pela transmissão dessas obras na tradição oral, motivado pelas suas pretensões político-literárias de escrever uma obra

⁷⁸ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

de gênio, que representasse a raça brasileira e universal.

A segunda e a principal delas, porque ele foi discípulo do mestre João Melchiádes Ferreira, seu padrinho de crisma, que mantinha uma escola na sede da “Onça Malhada,” fazenda em que Quaderna viveu. Nesta escola de cantoria Quaderna aprendeu com o seu mestre “a Arte, a memória e o estro da poesia.”⁷⁹

Com os ensinamentos do professor João Melchiádes, Quaderna aprendeu que havia dois tipos de romance: o versado e rimado, ou em poesia; e o desversado e desrimado, em prosa. O principal exercício praticado durante as aulas consistia em ouvir um determinado romance “desrimado”, para logo depois “versá-lo,” ou seja, contar a história em versos⁸⁰.

Neste caso Quaderna revela que uma das histórias preferidas para este tipo de exercício era a **História de Carlos Magno e os Doze pares de França**, isto pela grande semelhança entre o enredo desta história e os episódios ocorridos em Pedra Bonita. [Fig. 32]

⁷⁹ Lino Pedra Verde, Marcolino Arapuá, Severino Putrião e Quaderna eram os discípulos de João Melchiádes.

⁸⁰ Essa é uma prática recorrente no universo do cordel. Francisco Chagas Batista, por exemplo, adaptou para a forma do cordel nordestino “**História da Imperatriz Porcina**” é versificada a partir do livro homônimo de Balthasar Dias; o **Triunfo do Amor**, inspirado no romance **Quo Vadis?**; a **História da Escrava Isaura**, do romance homônimo de Bernardo Guimarães e a **História de Esmeraldina**, que tem o mesmo motivo da nona novela da segunda jornada do **Decameron**(...) Além das [adaptações] realizadas por Chagas Batista, encontram-se ainda versões de **Ubirajara**, **Iracema**, **A Viuvinha**, de José de Alencar; **Amor de Perdição**, de Camilo Castelo Branco, **Paulo e Virgínia**, de Bernardin de Saint Pierre; **Romeu e Julieta**, de Shakespeare, **O Conde de Monte Cristo**, de Alexandre Dumas, para citar alguns exemplos.” Para saber sobre os critérios que presidem a escolha de apenas algumas obras da literatura, o que é preservado e o que é alterado no momento da adaptação, os critérios que norteiam as alterações e preservações, confira: ABREU, Márcia A. “Pobres leitores.” Em: www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/marcia, pp. 14-31

Quaderna destaca que vários poetas populares e cantadores já haviam versado a história do Imperador Carlos Magno. Uma dessas versões é registrada no romance:

‘ Depois que o Rei Carlos Magno
venceu a grande campanha,
fez a Igreja de Sant’Iago,
padroeira da Espanha,
e a de Nossa Senhora,
em Aquisgrã, na Alemanha.

Tomou dezesseis cidades,
da Guerra saiu feliz !
Deu muitas graças a Deus
por conquistar um País :
Foi visitar a Alemanha,
daí tornou a Paris.

Acompanhado dos Pares
Reinaldo de Montalvão,
de Gui, Duque de Borgonha,
de Oliveiros e Roldão,
Guarim, Duque de Lorena,
e do Conde Galadão ;

de Lamberto de Bruxelas,
Frisa, Rei de Gardená,
Tietri, Duque de Dardanha,
Gerardo e Urgel Danoá,
De Bosim, Duque de Gênova,
homens-bons no guerrear ;

e o Duque de Regner,
mais Engelo de Almirante,
e Nemé da Baviera,
Hoel e Riol de Nantes,
Reinaldo e Anselmo Fiel
mais Oton, Príncipe de Anglante.



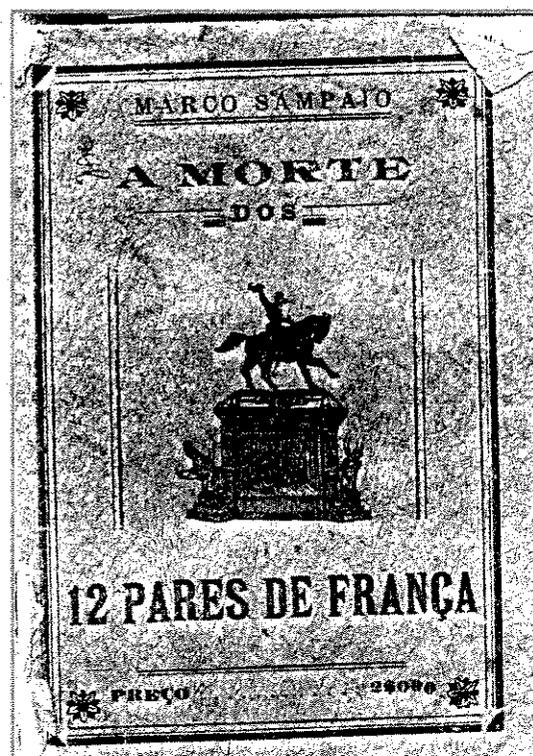
[Fig. 32] Capa de um dos muitos folhetos do Ciclo de Carlos Magno, que circularam amplamente no nordeste. O autor deste cordel é João Lopes Freire. Coleção IEB/USP.

Aí passou Carlos Magno
vinte anos de campanha.
Aquartelou os Exércitos
d'Itália, França e Alemanha.
Mas lhe chega uma Embaixada :
novas guerras na Espanha! ”⁸¹

Câmara Cascudo observa que A história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França era o livro mais conhecido pelo povo brasileiro do interior e que raríssima era a casa no sertão sem um exemplar dessa história, nas velhas edições portuguesas. Atesta que as façanhas de Carlos Magno e seus companheiros, forneceram assunto vasto:

“Leandro Gomes de Barros versejou aproveitando motivos da **História do Imperador Carlos Magno, A batalha de Oliveiros**. Com o mesmo título publicou João Martins de Athaide folhetos populares. José Bernardo da Silva tem igualmente **A prisão de Oliveiros e seus companheiros** e Marcos Sampaio **A morte dos 12 pares de França**. ”⁸² [Fig. 33]

Por isso, cabe ressaltar a enorme importância dos folhetos nordestinos na popularização da história de Carlos Magno.



[Fig. 33] Capa de um dos folhetos do Ciclo Carolíngico citados por Câmara Cascudo, do poeta Marco Sampaio. Coleção IEB-USP

⁸¹ **Pedra do Reino**, 56-7. Esses versos foram copiados pelo romancista de um folheto de João Melchades Ferreira da Silva, tal qual o poeta de cordel escreveu na **História de Carlos Magno e os Doze Pares de França**.

⁸² Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 441 e 448. Além desses, podemos destacar ainda a **História de Carlos Magno e os Doze Pares de França**, de João Lopes Freire.

Registra-se um número considerável de exemplares desta história vendida para os folhetos como exemplos acima.

A conversão de uma história em prosa para folheto nordestino, geralmente mantém-se inalterada a estrutura do enredo e o texto é versejado. Esta mudança, que embora seja a mais visível, não é a única. Quando um poeta de cordel adapta narrativas em prosa para literatura de folhetos, ele suprime algumas dificuldades encontradas pelo público de tradição oral. No processo de transposição para a forma nordestina, eliminam-se as dificuldades sintáticas, os períodos longos, suprimem-se as inversões e as orações intercaladas. O número de versos e estrofes obedece a determinadas regras. Márcia Abreu, apoiando-se em artigo de Rodolfo Coelho esclarece:

“Uma narrativa ‘tem que ser em sextilhas,’ já as setilhas são usadas, predominantemente, nos folhetos que narram fatos circunstanciais, ‘jornalísticos,’ enquanto as décimas são fundamentalmente empregadas em glosas a partir de motes, como ocorre nas cantorias. O tipo de rima, coincidente com o estabelecido para as apresentações orais, prevê sextilhas [setessilábicas] com rima ABCBDB, setilhas[também setessilábicas] em ABCBDDDB ou décimas em ABBAACDDDC[com sete ou dez sílabas].”⁸³

Os 7 tipos de romances

Quaderna, orientado por João Melchíades Ferreira, propõe a seguinte tipologia para os “romances versados:”

“(...) entre os romances versados, havia sete tipos principais: os romances de amor; os de safadeza e putaria; os cangaceiros e cavalarianos; os de exemplo; os de

⁸³ ABREU, Márcia. Op. cit., p.111-2

espertezas, estradeirices e quengadas; os jornaleiros; os de profecia e assombração”.⁸⁴

Em **Pedra do Reino** é colocada a história de Alonso e Marina, de Leandro Gomes de Barros como exemplo de “romance de amor”. Esta história foi publicada em dois “romances:” **Alonso e Marina ou a Força do Amor** e **A morte de Alonso e a vingança de Marina**.⁸⁵

Quaderna levanta uma hipótese: [Fig. 34]

“Quando o romance era muito grande, era publicado em folhetos separados, como a **História de Alonso e Marina**, dividido em dois: **Alonso e Marina ou a Força do Amor** e **A morte de Alonso e a vingança de Marina**. Este era uma mistura de romance de amor com romance cavalárico de heroísmos, e eu achava maravilhoso esses títulos duplos, ‘isto ou aquilo’”.⁸⁶

Mas, na verdade, essa é uma única história repartida e publicada em dois folhetos, como se faz com livros publicados em vários volumes, ou com folhetins.



[Fig. 34] Capa do romance **A morte de Alonso e a vingança de Marina**, do poeta Leandro Gomes de Barros. Coleção FCRB.

⁸⁴ **Pedra do Reino**, p. 63

⁸⁵ Cf. BARROS, Leandro Gomes de. **A morte de Alonso e a vingança de Marina**. São Paulo: Luzeiro, s.d.

⁸⁶ **Pedra do Reino**, p. 58. É recorrente nos folhetos nordestinos os títulos duplos, com “isto ou aquilo”, de que Quaderna tanto gosta: **Coco verde e Melancia ou Armando e Rosa**, de João Camelo de Melo Rezende; **O assassino da honra ou A louca do jardim**, Op. Cit. **O príncipe encantado ou O passarinho verde-linho**, de Gregório Neves, entre outros.

Como exemplo de “romance de safadeza e de putaria” Suassuna utiliza o nome de quatro folhetos que, se existem, não os encontramos, nos arquivos consultados. São eles **A história do velho que brigou 72 horas com um cabaço sem chegar no fundo e sem lascar as beiras**, **O homem da rua do fogo**, **A prostituta do céu** e **A afilhada do Monsenhor Agnelo ou O castelo de amor**⁸⁷. Mesmo não existindo, eles cumprem sua função à medida que Quaderna, sob a orientação de João Melchiádes, fornece dados verídicos sobre uma das particularidades dos autores desses folhetos: via de regra eles não assinam suas obras, e quando o fazem, escondem-se em um pseudônimo, pois sabem que, caso fossem descobertos, seriam presos, acusados de atentado ao pudor.

Talvez seja por isso que tal modalidade de folheto tenha sido pouco praticada. Embora ciente desse fato, é curioso como Ariano Suassuna evidencia largamente os folhetos com essa temática. Destacam-se, além dos citados acima, os títulos **Desaventuras de um corno ganancioso** e **As aventuras de um corno conformado**, citados anteriormente nesse mesmo capítulo. Não há registro de nenhum “romance de safadeza e putaria” de autoria de Leandro Gomes de Barros. Apesar disso, são atribuídas a ele as glosas do mote “Qual será o beco estreito/ que três não podem cruzar?/ só

⁸⁷ Este era o “romance de safadeza” preferido de Quaderna porque, segundo ele, “além das putarias, tinha, ainda, aquele elemento heróico do Castelo de amor.” Isto indicava que a Fortaleza de um rei, poeta e cantador como ele, além dos heroísmos e cavalarias das estradas e catíngas, devia ter, também, camarinhas e alcovas para o amor e as safadezas, o que acontecera em Pedra Bonita, onde João Ferreira dispensava as donzelas. Cf. **Pedra do Reino**, p. 71

entra um, ficam dois/ajudando a trabalhar!”:

“Frei Bedegueba dizia a
Frei Manzapó, em disputa:
- Existe uma certa gruta
Onde hei de ter moradia
Hei de conhecê-la um dia,
embora quebre o Preceito.
Vou penetrá-la direito
para a verdade saber,
pois preciso conhecer
qual será o beco estreito.

Dizem que tem pouca altura
e fica no pé dum monte
a entrada é uma fonte
vou medir sua largura!
para saber-lhe a fundura
vou lá dentro mergulhar.
Para me certificar,
não podendo entrar os três,
só entre o cabo pedrês
que três não podem cruzar.

Um padre me contou,
que foi dá uma caçada e
nessa mata fechada,
viu um bicho e não matou
de dentro uma voz gritou:
- Padre, digei-me quem sois!
Podereis entre depois,
respondendo ao que eu pergunto:
mas dos três que eu vejo juntos,
Só entra um, ficam dois!

um monge de lisa fronte,
também já contou a mim :
- Já brinquei nesse capim,
já ressonnei nesse monte!
Quase sempre a essa fonte
venho eu e mais um par :
os dois não podendo entrar,
por serem moles e bambos,
eu entro só, ficam ambos,
ajudando a trabalhar!”⁸⁸

Quaderna, mesmo indicando a presença do mote e da glosa enquanto elementos formais da poesia de cordel, não elucida para o público a definição dos mesmos.⁸⁹ Essa é uma das raras vezes que o romancista não explica

⁸⁸ **Pedra do Reino**, p. 69.

⁸⁹ A glosa é uma “composição de heptassílabos tratados de dois modos, conforme o mote tivesse dois versos ou quatro. No primeiro caso o primeiro pé [ou seja, o primeiro verso] de mote figurava no quarto verso da glosa e o segundo como o último(...)Modernamente os dois versos do mote entram na composição como os dois últimos da décima(...)No segundo caso, quando o mote é de quatro pés, faziam-se quatro décimas, terminada cada uma por um dos versos do mote.” (Dicionário, Págs. 15 e 16) O mote, além de interferir significativamente no tema da glosa, é uma “regra de cantoria para as décimas de heptassílabos ou decassílabos apoiados num mote que pode ser de um, dois ou três ou quatro pés.” Cf. ALMEIDA, Átila Augusto F. de. & ALVES SOBRINHO, José. Op. Cit., pp. 15-6/40

ao leitor sobre elementos tão importantes para a compreensão da poética dos folhetos nordestinos. Ressalte-se que o mote de quatro pés, bem como essa forma de glosar, tomadas como exemplo no romance, estão completamente em desuso. Os de um e dois pés são mais usados atualmente. A título de exemplo uma glosa de Rodolfo Coelho Cavalcante, a partir do mote Quem ama mulher casada/ Não tem vida segura:

Mato fechado tem olho
 E parede tem ouvido
 Da mulher que tem marido
 Esta porta tem ferrolho
 Tem veneno e tem abrolho
 É um mal que não tem cura
 Infeliz da criatura
 Quando cai na emboscada
 Quem ama mulher casada
 Não tem a vida segura⁹⁰

Dentro dos “romances cangaceiros e cavalarianos”, Quaderna menciona um folheto de Severino Cesário, **O encontro de Antônio Silvino com o valente Nicácio**. Neste exemplo Quaderna não se detém em maiores explicações sobre as especificidades desse “ciclo de valentes.” Entretanto, percebe-se que são bastante freqüentes em **Pedra do Reino** outras histórias de valentes, sendo que tais passagens cumprem, também, a função de expressar os traços principais desse “ciclo.” Dessa forma aparecem citados **A história de Carlos Magno, o ABC de Jesuíno Brillhante, História de Roberto do Diabo, História do valente Vilela e a História da vida,**

⁹⁰ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Quem ama mulher casada, não tem vida segura**. São Paulo: Luzeiro, s.d., p. 23

aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita. Esses folhetos indicam o heroísmo de seus protagonistas, bem como demonstram o nível de recriação dos valores típicos da cavalaria.

Os “romances de quengadas e estradeirices” remetem à estrada, aos deslocamentos contínuos do herói. Os quengos-estradeiros são apresentados como pessoas astutas, capazes de enganar facilmente os outros, sendo bastante populares no sertão. O narrador cita, entre eles, Pedro e João Malazarte, Pedro Quengo, João Grilo e o famoso personagem Cancão de Fogo. A título de exemplo dessa modalidade de folheto, o autor insere trecho de uma das histórias de João Malazarte.

“Chegou no Seridó, liso:
 não tendo de que viver,
 arranjou umas pimentas
 e foi pra feira vender.
 Porém, no caminho, fez
 Um Português se morder.

João achou o Português
 com um Jumento acuado,
 carregado de panelas,
 lá no caminho, parado,
 com o Português dando nele,
 porém o burro emperrado(...)”

Depois da leitura desses versos, supomos que se tratava de mais um exemplo de versos escritos pelo próprio Suassuna. Isto porque nas vezes que o autor do romance citou trechos de cordel, ele sempre indicou o título do folheto. Esse é o único caso que foge do que pareceu ser uma convenção para o romancista na composição intertextual de **Pedra do Reino**: quando Ariano

apropriar-se de obras literárias eruditas, ele sempre cita o título da obra e jamais deixa de explicitar o nome do autor. Por outra via, quando o romancista cita obras da literatura de folhetos nordestina, raramente expõe o nome do autor; nesse último caso a evidência recai exclusivamente sobre o título da obra, mesmo que este seja apresentado de forma truncada ou incompleta.

Mas, através de Muzart, tomamos contato com a informação de que Suassuna, utiliza no romance “longos excertos do folheto (...) **A vida de João Malazarte**⁹¹, de João Lira.”⁹² Comparando o texto de Lira com os versos acima citados, não há dúvidas de que o folheto nordestino também é matriz de **Pedra do Reino**. [Fig. 35]

Além dos tipos de folhetos já citados, Quaderna, baseado em Melchiades, inclui os “romances de exemplo, jornaleiro



[Fig. 35] Capa do folheto **A vida de João Malazarte**, do poeta João Lira. Coleção FCRB

⁹¹ LIRA, João. **A vida de João Malazarte**. S.l., s.d.

⁹² Cf. MUZART, Idellet. Op. Cit. p.154

e de profecias e assombrações,” sem comentar nenhum deles.

Para demonstrar tipos de “romances de exemplo” o narrador de **Pedra do Reino** cita o folheto **O exemplo dos quatro conselhos**⁹³. Quanto a outra modalidade de romance, “profecias e assombrações,” ela não aparece como objeto de explicação, de elucidação. Constata-se, porém, que o elemento “maravilhoso”, traço acentuado desse tipo de folheto, é bastante recorrente no contexto geral da obra suassuniana, especialmente nos capítulos de **Pedra do Reino** intitulados “O estranho caso do cavaleiro diabólico” e “A visagem da onça caetana”.

[Fig. 36]

Acrescente-se ainda que Quaderna tem o cuidado de informar ao leitor menos avisado acerca de outros importantes elementos, característicos dos folhetos nordestinos. São eles o castelo ou marco⁹⁴, uma espécie de fortaleza poética,



[Fig. 36] Capa do folheto **O exemplo dos quatro conselhos**, de Vicente Severino de Melo.

Coleção FCRB

⁹³ MELO, Vicente Vitorino. **O exemplo quanto conselhos**. S.l., s.d.

⁹⁴ Castelo, também denominado Forte ou Marco, é um longo poema de caráter épico, uma construção imaginária feita pelos poetas populares e cantadores, simbolizando uma Fortaleza inespugnável. Cf. BATISTA, Sebastião N. **Poética Popular do Nordeste**. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982, p.35

construída pelos cantadores em momentos de desafio:

“Meu Castelo está fincado
em Pedra de grande altura.
É feita de pedra e cal
sua Muralha segura !
Governo tem lutado,
mas ele não foi tomado,
pois a Pedra é muito dura !”

Os desafios escritos, por sua vez, são contendas entre dois cantadores, nas quais, conforme explica Quaderna, tentava-se destruir palmo a palmo, à força de audácia e de fogo poético, as fortalezas erigidas. Saber da existência de castelos e desafios poéticos teve, para Quaderna, um sabor de revelação, porquanto, ali havia uma solução para sua vida. É que, tornando-se cantador, poderia Quaderna “reerguer, na pedra do verso, o castelo” de seu reino, reinstalando os Quadernas no trono do Brasil.⁹⁵ E, como ele mesmo anota: “tornando-me rei sem degolar os outros e sem arriscar minha garganta”⁹⁶, diferentemente do que aconteceu com os seus antepassados.

Para ilustrar a possibilidade da construção de castelos e do embate poético dos desafios, Quaderna mostra um trecho de **O desafio de Francisco Romano com Inácio da Catingueira**. [Fig. 37]

ROMANO

“Inácio tu me conheces
E sabes bem quem eu sou!
Eu posso te garantir
Que à catingueira ainda eu vou:
Vou derrubar teu castelo

⁹⁵ Pedra do Reino, p. 68

⁹⁶ Idem, p. 147.

Que nunca se derrubou!

INÁCIO

A parede do castelo
Tem cem metros de largura!
Tem ainda um alicerce
Com bem trinta de fundura,
E, do nível para cima,
Mais de uma légua de altura

ROMANO

Pra tudo o que lá tiveres
Tenho trabalho de sobra: Eu
dou veneno a cachorro,
Meto o cacete na cobra!
Derrubo-te a fortaleza,
Escangalho a tua obra.⁹⁷

As intervenções de Quaderna levam o leitor a compreender boa parte das peculiaridades da literatura de folhetos nordestinos. Isto fica mais claro à medida que observamos que nos capítulos XII ao XIV, os diálogos de Quaderna com João Melchíades Ferreira são sempre elaboradas com expressões do tipo: “ele começou ensinando que”/ “ao consultar ele me explicou que”/ “ele ensinou-nos ainda que”/ um dia eu perguntei- e ele(a) me respondeu que/ “explicaram-me que.”⁹⁸



[Fig. 37] Capa da *Peleja de Francisco Romano com Inácio da Catingueira*. Acervo próprio

⁹⁷ Cf. *Pedra do Reino*, p. 67-8

⁹⁸ Cf. *Pedra do Reino*, pp. 56, 58 e 66, respectivamente.

A inclusão de João Melchíades Ferreira em **Pedra do Reino** é um exemplo de “Transrealismo”, defendido pelo crítico literário João Camilo de Oliveira Torres, conforme exposição no Capítulo 1 dessa Dissertação. Afinal, antes de figurar como personagem suassuniana, Melchíades sempre foi um nome lembrado, quando o assunto é literatura de cordel.

O “Cantador da Borborema”, como se auto nomeava João Melchíades Ferreira, nasceu na cidade de Bananeiras, Estado da Paraíba, em 1869 e faleceu em 1933. Filho de pequenos proprietários, aprendeu a ler com um de seus avós, um ex-seminarista que também era professor das crianças da região. Melchíades ingressou no Exército aos dezenove anos de idade, foi combatente da Guerra de Canudos, em 1897. Já aposentado, casou-se com Sinhorinha Melchíades e com ela teve quatro filhos. Para sustentar a si e à família, o poeta contava com o dinheiro da aposentadoria, mas também com a venda de seus folhetos e das cantorias. Segundo informações de Ruth Terra, não se tem notícia de qual teria sido o primeiro poema escrito por Melchíades. Seu poema sobre Canudos é de 1904. Melchíades tinha bons conhecimentos sobre História, Geografia, Mitologia, romances e a Bíblia. Esta exercia grande influência em sua religiosidade e conseqüentemente em sua obra onde se vê um arraigado combate ao protestantismo e uma exaltação à fé cristã. Outros aspectos de seus poemas tratam de temas como a 1ª Guerra Mundial, a Guerra

de Canudos, desabamentos e impostos.⁹⁹

O romancista Ariano Suassuna, aproveita-se desse status, insere-o em **Pedra do Reino** como uma das personagens de valor fundamental no processo de composição do romance, visto que ele é um dos responsáveis pela formação intelectual do narrador.

No plano ficcional, a composição da personagem Melchíades é um misto de dados reais, a exemplo da informação, verídica, de que ele era um militar reformado, ex-combatente da Guerra de Canudos, bem como de dados puramente ficcionais, tais como a informação de que Melchíades, depois de aposentar-se como Cabo voltou à Paraíba, terra sua, e acolheu-se “à proteção do homem poderoso do Cariri(...) Dom Pedro Sebastião,”¹⁰⁰ tio de Quaderna. “Este deu morada ao velho cantador perto da casa da fazenda, onde João Melchíades não tinha obrigações, vivendo do soldo de cabo e renda dos folhetos e cantadas.”¹⁰¹

Outro exemplo de transrealismo, verifica-se através dos nomes dos alunos da escola de cantoria mantida por Melchíades, na fazenda Malhada da Onça. Além de Quaderna, o romancista inclui entre os alunos de poesia, nomes de poetas de cordel reconhecidos, rendendo-lhes homenagem. São

⁹⁹ Cf. TERRA, Ruth B. L. Op. cit. pp. 51-405. **A besta de 7 cabeças ou a Mulher embriagada de sangue humano montada em uma besta de 7 cabeças, segundo a profecia de São João Evangelista aparecia na Guerra Européia, Combate de José Colatino com a carranca do Piauí, A Guerra de Canudos, História do Valente sertanejo Zé Garcia** são alguns títulos do poeta João Melchíades Ferreira.

¹⁰⁰ **Pedra do Reino**, p. 53

¹⁰¹ **Pedra do Reino**, p. 54

exemplos Severino Putrião¹⁰² e Lino Pedra Azul de Lima. No romance o nome deste último sofreu ligeira modificação. Suassuna inclui na narrativa quadernesca uma personagem de nome Lino Pedra Verde. No **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada** encontra-se a informação:

“Lino Pedra Azul de Lima (Alagoa do Monteiro, Paraíba, 1907/Belo Jardim –PE, 1962) cantador de nomeada, em cuja figura e nome Ariano Suassuna se inspirou para criar a personagem Lino Pedra Verde, de **A Pedra do Reino**.”¹⁰³

A personagem Quaderna, tem conhecimentos aprofundados em literatura de cordel, adquiridos com o “professor” Melchiades, ao lado de ilustres colegas. Além disso, o narrador tem formação literária-filosófica “erudita” marcada pela influência de dois intelectuais, um de Esquerda, Clemente, e um outro de Direita, Samuel. No que se refere ao caráter meta-literário do romance suassuniano, no que tange aos folhetos de cordel, essas duas personagens cumprem a função de críticos da produção literária dos poetas nordestinos. Os dois preceptores de Quaderna, orientados pela posição política-ideológica que defendem, têm, cada um a seu modo, uma opinião sobre a literatura de folhetos:

¹⁰² As informações que tivemos sobre esse cantador foram muito limitadas. Afirma-se apenas que ele nasceu na cidade de Livramento, em Pernambuco. Provavelmente Severino Putrião era apenas cantador que decorava e cantava as narrativas de outros poetas, visto que nenhum romance ou folheto nordestino foi atribuído a ele. Cf. ALMEIDA, Átila Augusto F. & ALVES SOBRINHO. Op. cit. p.228

¹⁰³ Idem p. 162

Clemente

Numa conversa entre Quaderna, Clemente e Samuel, este pergunta a Clemente se a Esquerda aceita as "mourarias" de Quaderna. Clemente apressa-se logo a responder: "_ Não! (...) Não por serem mourarias, como você reacionariamente insinua! Mas por não terem conteúdo ideológico e político coerente! (...) a Esquerda não aceita nada disso! Não aceita os cantadores[de folhetos], porque eles deviam colocar a Arte deles a serviço do Povo, desmistificando e denunciando a sociedade feudal do Sertão e a miséria que o povo sofre! No entanto, em vez disso, os cantadores fazem o jogo dos senhores feudais sertanejos, poetizando a vida do Sertão e enchendo nossas estradas e Cantigas de reis, condes e princesas, assim como com milagres, assombrações, coisas mágicas, religiosas e obscurantistas da mais diversa natureza! (...) Outro dia, eu li um desses horríveis folhetos que você e seus irmãos vendem nas feiras. Para lhe ser franco, foi uma das coisas mais reacionárias que eu já vi. Começava o cantador dizendo que 'no Reino do Pajeú,' em Pernambuco, morava 'um honesto fazendeiro'. Chamar fazendeiro de honesto já era ruim! Mas, além disso, 'o honesto fazendeiro' era, ainda, 'pai de uma Princesa, que era alva como os lírios e honesta como a pureza!' Alva é dado como um elogio! E, como se não bastasse, o desgraçado do cantador aceita os padrões morais da classe dominante, e elogia a filha do opressor! (...) Pois bem: com esse enredo armado, o peste do cantador toma partido do fazendeiro e da moça, e volta toda sua antipatia contra o cangaceiro negro, ao lado do qual ele

Samuel

Depois de Samuel escutar uma versão em cordel da **Demanda do Santo Graal** Samuel diz: Ah, meu Deus, essa bárbara *Civilização do couro* estraga tudo! Parece que é a história ibérica e nobre da Demanda do Santo Graal, mas inteiramente deturpada! Os nomes aparecem todos errados, e lá vem a Catinga, e um cavalo chamado Punhal, um cavaleiro vestido de gibão e chapéu de couro, e lá aparece o sertão metido aonde nunca esteve(...) Que mau gosto desgraçado! E falta tudo o que, na história ibérica, existe de mais belo! Falta a roupa do jovem cavaleiro, do casto Galaaz, roupa que deveria constar de loriga(...) De maneira, Lino, que, na sua cantiga, só existem duas coisas que se podem considerar verdadeiramente herdadas da tradição ibérica-brasileira: a presença do cavaleiro maldito e os cento e cinquenta homens que empreendem a demanda.¹⁰⁵

deveria estar, por solidariedade racial e por coerência na luta de classes! »¹⁰⁴

Por esses diálogos constatamos que tanto Clemente como Samuel reprovam a prática e os valores dos poetas de cordel. Clemente observa neles uma arte despolitizada, mistificadora, preconceituosa, enquanto que os poetas, para ele, são idealistas e reacionários por colocarem suas obras a serviço da elite. Neste caso, não é a origem social dos cantadores o alvo da crítica de Clemente. Pelo contrário, o que o deixa indignado é o fato de que esses artistas “populares” usam seu enorme talento para manter inalteradas a estruturas sociais opressoras.

Por sua vez, Samuel, filiado à ideologia de Direita, enxerga a literatura de folhetos de outra forma. O cerne de sua crítica é o caráter essencialmente popular da arte dos folhetos - os poetas, as obras, o público, a imagens distorcidas da nobreza ibérico-brasileira, - de modo que, para ele, as comparações, ou mesmo as transposições operadas pelos poetas são inadmissíveis e mesmo ridículas. Neste ponto Samuel e Clemente convergem na crítica a uma cultura popular. Seja como for, cada qual ao seu modo, Clemente e Samuel representantes da intelectualidade, não reconhecem os folhetos nordestinos como literatura.

¹⁰⁴ **Pedra do Reino**, p.p. 213- 215- 216

¹⁰⁵ *Idem*, p. 598

O parecer desfavorável de Clemente e Samuel aos valores da produção literária dos poetas de bancada nordestinos retratam a crítica dos partidários da Esquerda e da Direita, muito em voga na intelectualidade brasileira. Mas Quaderna não se deixa envolver completamente nem pela ideologia de Clemente nem de Samuel; ao tempo que recebe a influência de ambos os mestres, procura filtrar e sintetizar essas influências por considerar que tanto uma como outra são incompletas.

Quaderna, João Melchíades Ferreira, Samuel e Clemente são personagens fundamentais na vocação meta-literária de **Pedra do Reino**. Eles são elementos que se coadunam e conferem ao romance suassuniano um instrumento de informações didaticamente elaborados sobre o universo dos folhetos nordestinos.

* * *

À guisa de conclusão

Entremeando uma carreira bem sucedida como dramaturgo, o escritor paraibano Ariano Suassuna resolveu incursionar pelas trilhas do romance. Nessa dissertação, conforme exposto na introdução, propusemo-nos a examinar as contribuições trazidas pelos textos históricos relativos aos sucessos de Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos no processo de composição de **Pedra do Reino**. Não nos furtamos também de analisar a apreciação da crítica e da história literária acerca do romance, bem como, demos voz ao autor para que ele próprio revelasse considerações pessoais relativas à obra de sua autoria que ele considera “a mais importante.”

Das análises apresentadas, depreendem-se considerações relevantes que valem ser reafirmadas. **Pedra do Reino** foi bem recebido pela crítica. No entanto, o corpus crítico e teórico acerca do romance está longe do alcance da maioria do público e dos estudiosos, como os acadêmicos de Letras espalhados Brasil a fora. Isto porque tais pareceres foram veiculados em periódicos dos anos 70 e 80. Ter acesso a esse material, hoje, demanda esforço significativo: faz-se necessária uma peregrinação pelos arquivos de periódicos, a exemplo da Biblioteca Nacional e da Fundação Joaquim Nabuco.

Nos anos 90, **Pedra do Reino** ressurgiu na mídia¹. Esse fato não representou novas perspectivas de análise sobre o romance. Na verdade, na história da recepção da obra, esse episódio é marcado por uma orientação

¹ Podemos encontrar matérias e reportagens sobre Ariano Suassuna nas revistas **Casa Cláudia**, **Cláudia**, **Bravo** e **Caminhos da terra**, por exemplo.

visivelmente nova. **Pedra do Reino** reaparece em periódicos na esteira da Cavalgada. Mas, nesse caso, o romance é ofuscado pela atenção dispensada ao autor e à festa da Cavalgada à Pedra do Reino.²

Por outra via, a recepção ao romance nas histórias literárias foi praticamente inexistente, salvo raríssimas e breves exceções. Ao romancista não passou despercebida a “campanha de silêncio” em relação a **Pedra do Reino**. Tal ausência, de fato, é preocupante, visto que é a partir desses compêndios que se estuda a literatura brasileira no ensino médio e na grande maioria dos cursos de Letras. O não comparecimento de **Pedra do Reino** nesses veículos sugere que as novas gerações terão poucas chances de conhecer uma obra de incontestável valor às letras do Brasil.

No tocante à apropriação dos textos históricos, Ariano Suassuna utiliza-se amplamente da obra de Antônio Áttico de Sousa Leite em favor da narração da história de Pedra Bonita. É importante salientar que ao fazê-lo, Suassuna imprime sentido diferente daquele utilizado por Sousa Leite. Entre ambos, historiador e romancista, há visível diferença de objetivo e de ponto de vista ao narrar um mesmo fato.

Para analisar as diferentes versões, uma que se quer histórica e a outra, romanesca, apropriemo-nos aqui do conceito de passeidade, narrativa histórica e discurso literário. São conceitos bem distintos. A primeira, refere-

² No carnaval de 2002, **Pedra do Reino** servirá como enredo da escola de samba carioca Império Serrano. O tema do desfile é “Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra do Reino: Ariano Suassuna” contará na avenida a história de Suassuna e apresentará suas principais obras. Mas, segundo o carnavalesco Ernesto Nascimento, o enfoque principal cairá sobre **Pedra do Reino**. Cf. MOURA, Ivana. “Ariano ganha desfile na Sapucaí.” Em: **Diário de Pernambuco**, Viver, 09/06/2001

se ao “real acontecido,” a exemplo da história da Pedra Bonita. A segunda é o “discurso ou texto elaborado pelo autor sobre aquela passeidade,” caso da obra de Áttico. Por sua vez, o discurso literário “não exige a pesquisa documental, típica da atividade do historiador e que se encontra na base de seu trabalho, mas não dispensa o conhecimento/leitura daquele conjunto de informações que lhe dará suporte para a contextualização da narrativa.”³

De posse dessas informações, não é lícito tomar a história de Áttico como se ela retratasse o “real acontecido” entre os anos 35-38 do século XIX, nas imediações da Pedra Bonita. Trata-se de uma versão, elaborada a partir de pressupostos metodológicos e ideológicos passíveis de contestação. Sendo assim, a história da Pedra Bonita, passados mais de 160 anos, está a espera de historiadores interessados em recontá-la, sob outro prisma. E, nesse caso, o **Romance da Pedra do Reino** pode ser apropriado como um importante documento.

Ao longo do último capítulo apontamos e discutimos como Ariano Suassuna apropria-se da literatura de folhetos nordestina, em favor da composição de **Pedra do Reino**. Isso é real, é até visível. A inserção de trechos de obras da literatura de folhetos; o próprio título do romance e o título de alguns capítulos; a inclusão de “xilografuras,” são apenas alguns exemplos do tributo de **Pedra do Reino** à literatura de cordel nordestina. Se isso é ponto pacífico, não é menos lícito assegurar que no caminho percorrido

³ LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, pp. 10-11

pelos folhetos até chegar o romance, os elementos estruturais daquele sofreram significativas modificações, operadas pelas mãos de Suassuna.

Faz-se necessária uma última consideração acerca dos trechos de literatura de cordel, copiados dos folhetos e incluídos em **Pedra do Reino**. Ao longo da pesquisa, realizamos um minucioso levantamento de todas as obras citadas no romance. No que se refere a obras literárias, além das obras da literatura de cordel evidenciadas ao longo do quarto capítulo, pelo menos vinte e três obras do cânone nacional e universal são citadas por Suassuna. Da literatura brasileira destacamos obras como **Memórias de um sargento de milícias**, **Antologia Nacional**, de Carlos de Laet; **Os Sertões** e três romances de Alencar: **Minas de Prata**, **O Guarani** e **Lucíola**. Da literatura universal, **Ilíada**, **Odisséia**, **Divina Comédia**, **Paraíso Perdido** e **Os Lusíadas**. Não nos alongaremos na discussão dos modos pelos quais tais obras foram apropriadas. Se o fizéssemos, fugiríamos dos objetivos da dissertação.

Mas o olhar para uma evidência se faz necessário. Todas as vezes que Suassuna transcreve ou parafraseia textos da literatura erudita, seja ela da literatura brasileira ou não, há indispensavelmente uma referência ao nome do autor. O mesmo não se repete quando se trata dos folhetos nordestinos. A referência a eles, salvo raras exceções, limita-se ao título da obra.

É bem verdade que a literatura de folhetos tem características predominantemente orais, o que suscita uma discussão acerca da "autoria", vez que alguns textos, antes de conhecerem sua versão escrita, já eram de domínio público; transmitido oralmente. Mas esse não é o caso dos folhetos

apropriados em **Pedra do Reino**. Excetuando-se **Descrição das mulheres conforme seus sinais** e **O assassino da honra ou a Louca do jardim**, os demais folhetos, além de título, têm autores, conforme atestamos especialmente nas notas de rodapé e na bibliografia consultada.

O procedimento relativo às “xilogravuras” é semelhante aos versos citados como se fossem de poetas de cordel, mas que na realidade foram elaborados pelo próprio Suassuna. O romancista apropria-se do traço do desenho, mas, muitas das vezes, distancia-se dos temas comumente utilizados pelos xilógrafos. Para se ter idéia, das vinte e cinco imitações de xilogravuras encontradas no romance, pelo menos onze são de bandeiras, insígnias, brasões, fugindo do temário consagrado.

Um outro elemento que destoa dos valores do cordel nordestino é a composição da personagem Quaderna. O autor, ao longo do romance, insiste em dizer que as principais decisões da vida do narrador Quaderna, pautam-se nos valores do cordel. Pode ser que o narrador queira fazer parecer que as decisões que toma têm a ver com os “valores do cordel,” mas a visão de mundo dos folhetos – maniqueísta; contrária aos ricos; interessada em valorizar o valente; centrada na honra familiar, – não é o elemento norteador da trajetória de Quaderna.

Pode-se concluir que dentre as obras da literatura brasileira o **Romance da Pedra do Reino** é a que mais se vincula ao cordel. Mas, sem dúvidas, é possível afirmar que embora Ariano inclua nome de poetas, títulos, temas e outros elementos do universo do cordel, ele se furta de adotar o ponto de

vista e os valores cultivados nos folhetos. Sendo assim, em certos casos o autor apropria-se dos folhetos como recurso estético para ilustrar o romance.

Isto não desvincula **Pedra do Reino** do cordel. Não há dúvida da função meta-literária do romance. Suassuna, didaticamente, apresenta características sobre o cordel, com vistas à compreensão do público leitor das particularidades dessa literatura. Fica evidente que, embora o romancista tenha declarado, na entrevista que nos concedeu, que escreve para seu próprio deleite, sem se preocupar com o “gosto” dos leitores, o que parece é que o público a quem **Pedra do Reino** se destinava, precisava de informações sobre a poética, temática e ilustração de folhetos de cordel, a fim de compreender o romance. Bem como parecia necessário expressar ao leitor o comportamento da intelectualidade brasileira frente à literatura de cordel, nas décadas de 30 e 40, o que se concretizou por meio das personagens Clemente e Samuel. Em matéria de tributo, a função meta-literária é a mais significativa filiação de **Pedra do Reino** com os folhetos nordestinos.

Bibliografia

1) Obras, artigos e entrevistas de Ariano Suassuna consultados

- SUASSUNA, Ariano Villar. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed., 1972
- _____. Em: **Literatura Popular em verso / Antologia, t. III** - Leandro Gomes de Barros, 2ª. Rio de Janeiro: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 1977
- _____. Em: RIBEIRO, Leda Tâmega. **Mito e Poesia Popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1986
- _____. **A poesia viva de Ariano Suassuna**.
- _____. **Diário de Pernambuco**. Recife, 04/06/1995.
- _____. "Memórias de ficção e de família do Imperador da Pedra do Reino." Entrevista concedida à Débora Cavalcantes de Moura, em 31/05/1998(mimeo), Clemente, em 31/05/1998(mimeo)
- _____. "O movimento armorial". Em: **Correio Brasiliense**. Caderno Cultural. Brasília: 08 de julho de 1972
- _____. "Ariano: memórias dos 70 anos." Em: **Diário de Pernambuco**. Recife, 16/06/1997

2) Livros e teses

- ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel Português/ Folhetos Nordestino : confrontos - Um estudo histórico comparativo**. Tese de Doutorado apresentado à área de Literatura Comparada do Deptº. de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 1993.
- _____. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1999
- ALMEIDA, Átila, ALVES SOBRINHO, José. **Marcos e Vantagens**. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1981
- _____. **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. João Pessoa: Universitária, 1978
- AMORA, Antônio Soares. **História da Literatura Brasileira**. 8ª edição. São Paulo: Saraiva, 1974
- ANDRADE, Mário de. "Romanceiro de Lampião." Em: **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins/ Brasília: INL, 1975

- ARARIPE JÚNIOR, Tristão. **Reino Encantado**. Rio de Janeiro: Typografia da Gazeta de Notícias, 1878
- BATISTA, Sebastião Nunes. **Poética Popular do Nordeste**. Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982
- BARROS, Sousa. **Messianismo e Violência de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986
- BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço**. São Paulo: Melhoramentos. 1930
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994
- BRASIL, Assis. **A nova literatura**. Rio de Janeiro: Americana, 1973
- CAMPOS, Maximiano. Posfácio a **Pedra do Reino**, em : SUASSUNA, Ariano Villar. **Romance da Pedra do Reino e Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed., 1972
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira- Momentos decisivos**. 5ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia. 1975 Vol. I
- _____ **Presença da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968
- CANTEL, Raymond. **La littérature Populaire Brésilienne**. Centre de Recherches Latino-Americaines, Potiers, 1993
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953
- _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1962
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980
- CHARTIER, Roger. "Do livro à leitura". Em: **Práticas de Leitura**. São Paulo : Estação Liberdade, 1996
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3ª ed. , Rio de Janeiro: José Olympio, 1986
- CUNHA; Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 27ª ed. , 1968
- CURRAN, Mark J. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- _____. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 1998
- DAUS. Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste**. Trad. Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1982
- Demanda do Santo Graal**: manuscrito do século XIII/texto sob os cuidados de Heitor Megale. São

- Paulo: Edusp, 1988
- FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco M. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1989.
- FREIRE, Gilberto. "Euclides da Cunha". Em : **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1944
- GARCIA, Isabel Rodriguez. "La figura del bandoleiro en la literatura popular brasileña." Em: **Revista de dialectología y tradiciones populares**. Madri: Talleres, 1983.
- LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 2^a ed., São Paulo: Brasiliense, 1984
- HAMON, Philippe. "Texte Littéraire et Métalangage." **Poétique**: Paris, 1977, n° 31
- HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias**. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999
- HUTCHEON, Linda. **A Theory of Parody**. The Teachings of Twentieth Century Art Form. New York: London: Methuen *Apud* MOSER, Walter. "A paródia: moderno, pós-moderno." Em: **Remate de Males**, n° 13. Campinas, 1993, p. 133-145
- HULET, Claude L. **Suggested methodology for the study of literatura de cordel**. Los Angeles: University of California, 1979(mimeo)
- JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de lingüística**. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1981
- JOBIM, José Luís & SOUZA, Roberto Acízelo. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987
- LEWIN, Linda. **Oral tradition and elite myth: the legend of the 'good' thief Antônio Silvino in brazilian popular culture**. Los Angeles: University of Califónia, 1979.(mimeo)
- LINS, Ulisses. **O sertanejo e o Sertão**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1957
- MACÊDO, Diva C. P. de. **D. Sebastião : a metáfora de uma espera**. Natal: Universitária, 2^a ed, 1980
- MAIA, João Domingos. **Língua, Literatura e Redação**. São Paulo: Ática, 1989, Vol. III.
- MARINHEIRO, Elizabeth. **A Intertextualidade das Formas Simples (Aplicada ao Romance da Pedra do Reino de Ariano Suassuna)**. Rio de Janeiro: Olímpica , 1977
- MATOS, Geraldo. **O texto popular e o palco palimpséstico de Ariano Suassuna**. Tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Juiz de Fora: Esdeva, 1988.
- MATTOS, Geraldo&MEGALI, L. Português 2º Grau: **Literatura, Língua e Redação**. São Paulo: FTD, 1990.

- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife/Zürich: Stähli, 1993
- MERTIN, Ray-Gude. **Ariano Suassuna: Romance da Pedra do Reino**, dissertação de mestrado Universitär Köln, Gênova, 1979.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2ª ed., Vol. III. 1993
 _____ **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- MOTA, Artur. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978
- MUZART, Idellete F. S. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
 _____ **Le Roman de Chevalerie et son interprétation par um écrivain brésilien contemporain: A Pedra do Reino de A. Suassuna**, 1974,
 _____ "Roteiro para leitura do **Romance da Pedra do Reino**, de Ariano Suassuna". Em: **A literatura na Paraíba ontem e hoje**. João Pessoa: Casa de José Américo, 1989
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira das origens aos nossos dias**. SP: Scipione, 1990
- NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brilhante, o cangaceiro romântico**. RJ: Pogenti, 1998
- OLIVIERI, Antônio Carlos. **O cangaço**. São Paulo: Ática, 1995
- ORECCHIONE, Jean. **Cangaço et cangaceiros dans la poésie populaire brésilienne** (Tese de doutoramento na Universidade de Poitiers), França, 1970, Edição do autor, de circulação restrita, 1970.
- PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Folk-Lore pernambucano**. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1974.
- PICCHIO, Luciana S. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- PINHEIRO, Kilma de Barros. **A Pedra do Reino e a tradição literária brasileira**. Dissertação de Mestrado. UNB, 1983
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. D. Sebastião no Brasil. O imaginário nos movimentos messiânicos nacionais, em : **Revista USP**, Dossiê Canudos, N° 20, São Paulo, 1997, p.29-41
 _____ QUEIROZ, Maria Isaura P. **Messianismo no Brasil e no mundo**. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1976
- QUEIROZ, Raquel. Prefácio à **Pedra do Reino**, em : SUASSUNA, Ariano V. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed., 1972
- RÊGO, José Lins do. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro: José Olympio, 7ª ed., 1968

- RIBEIRO, Lêda T. **Mito e Poesia Popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1986
- RÓNAI, Paulo. Introdução à **Pedra Bonita**, em: RÉGO, José Lins do. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro: José Olympio 7ª ed., 1968
- SLATER, Candace. **Ariano Suassuna's A Pedra do Reino: a case study in cultural nationalism**, Universidade de Stanford, 1975
- SOUSA LEITE, Antônio Attico de. Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella - Província de Pernambuco, em: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambuco**, 11 N° 60. Recife, 1903, pp. 219-49
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 9ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995
- TERRA, Ruth B. L. **A literatura de folhetos nos Fundos Villa-Lobos**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1981
- _____. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste-1893-1930**. São Paulo: Global, 1983
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TUFANO, Douglas. **Gramática e Literatura Brasileira: curso completo**. São Paulo: Moderna, 1995.
- VALENTE, Valdemar. **Misticismo e Região**. Recife: Asa de Pernambuco. s.d
- VASSALO, Lígia. **O sertão medieval: origens medievais do teatro de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993
- WEBER, Marx. **Economia e sociedade**. Fondo de Cultura: México, 1944, Vol. 1. *Apud*:
 QUEIROZ, Maria Isaura P. **Messianismo no Brasil e no mundo**. 2ª ed., São Paulo: Alfa Ômega, 1976.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

JORNAIS E REVISTAS

- ABREU, Márcia. “Pobres leitores”. Em: www.unicamp.br/iel/memória/ensaios/marcia, em 21/09/1998
- AGUIAR, Cláudio. “O realismo mágico d’A **Pedra do Reino**”. Em: **Jornal do Comércio**, Recife, 23/01/1972.
- ALENCAR, Edigar. “O Romance do Sertão com toques do Universo”. Em: **Jornal O Dia**. Rio de Janeiro, 02/02/1972.

- ALVES FILHO, Ernesto. **Correio Popular**, 07/08/1971
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11/09/1971
- AZEVEDO, Reinaldo. "As armas dos barões assinalados." Em: **Revista Bravo**, nº 08, 1998, p. 58-75
- BORBA FILHO, Hermilo. **Diário de Pernambuco**, Rio de Janeiro, 30/09/1971
- CAMPONIZZI FILHO. "A Pedra do Reino". Em: **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 09/12/1972
- CAMPOS, Gilse de. "Aventuras de um cavaleiro do sertão". Rio de Janeiro: **Jornal O Dia**, 20/09/1972.
- CAVALCANTI, Valdemar. **O Jornal**, 05/09/1971
- CASTELLO BRANCO, Carlos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25/09/1971
- CORREIA, Marlene Castro. **O saber poético da literatura de cordel**.
- CRISTÓVAM, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão), em : **Revista USP**, Dossiê Canudos, Nº 20, São Paulo: 1997. pp 43-54
- DELGADO, José . **Gazeta de Notícias**. 21/06/1971
- DIDIER, Maria Theresa. "Insignias de um reino desejado." Em: **CLIO- Revista de pesquisa histórica da UFPE**, nº 15, Recife: Universitária, 1994, pp. 113-140.
- FARIA, Álvaro. "Eu sou um hipócrita" Entrevista de Ariano Suassuna a Álvaro Faria. **Folha de São Paulo**, 27/08/1978.
- GUERRA, José Augusto. **O mundo mágico e poético de Ariano Suassuna**. p. 96 a 102
- LIND, Georg R. "Ariano Suassuna romancista". Em: **Colóquio/ Letras**, Lisboa, 1974
- MARTINS, Mário. "Uma Novela Armorial". Em: **Colóquio/Letras**, Nº 32, julho de 1976.
- MARTINS, Wilson. " Romance Pitoresco ? ". Em: **Jornal O Estado de São Paulo**(Suplemento Literário), São Paulo, 09/11/1972
- MONTEIRO, Ângelo. " Roteiro e chaves da Pedra do Reino ". Em **Jornal do Comércio**, Recife, 13- 20 e 27/09/1972 e 04 e 11/10/1972
- MOURA, Débora Cavalcantes de. "Memórias de ficção e de família do Imperador da Pedra do Reino." Entrevista concedida por Ariano Suassuna a Débora C. Moura. São José do Belmonte, 31 de maio de 1998.(mimeo)
- NERY, Lincoln. " A Pedra do Reino". Em: **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro: 28/02/1973
- NUNES, Terezinha. "Ariano Suassuna reexamina posições e escolhe a esquerda." Em: **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24/08/1985

- ? . "Ariano Suassuna e a **Pedra do Reino**: 'a pesquisa de arte popular é condição para se criar um romance latino-americano'" **O Globo**. Rio de Janeiro, 10/09/1971
- PRADO, Marcus Antônio. **Diário de Pernambuco**. Recife, 09/09/1971
- RIBEIRO, Léo Gilson. **Revista Veja**. 29/09/1971
- ROCHE, Jean. "**Pedra do Reino**: um marco da literatura." **Jornal do Comércio**, 30/01/1972
 _____ . "O romance da **Pedra do Reino**." Em: **Suplemento literário de Minas Gerais**.
 Belo Horizonte, 15/01/1972
- ROSAS, Clemente. "A solidão de Ariano Suassuna." Em: **Folhetim**, s.l., 03/01/1982
- SEIXAS, Tomás. **Jornal do Comércio**. Recife, 26/09/1971
- SUASSUNA, Livia. "Ariano Suassuna fala sobre leitura, escrita e ensino". Entrevista de Ariano Suassuna a Livia Suassuna. Em: **Leitura: teoria e prática**, Revista semestral da ALB, ISSN0102 - 387X
- TORRES, João C. Oliveira. "Uma epopéia sertaneja". Em : **O Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 11/05/1972

Documentos

Livro de atas da Câmara Municipal de São José do Belmonte - PE.

Registro de ocorrências da Câmara e Guarda Nacionais, 1838-1849, do Arquivo Público de Pernambuco.

Registro de Ofícios enviados e recebidos pelo Presidente da Província de Pernambuco, 1838-1839, p. 20-21, do Arquivo Público de Pernambuco.

Folhetos

ALMEIDA FILHO, Manoel de. **Os mistérios da princesa dos sete palácios de metais**,

_____. **O pai que quis casar com a filha**. Salvador: Tipografia e Livraria Bahiana, s.d., 16 p

ATHAÍDE, João Martins de. **O prisioneiro do castelo da rocha negra**. São Paulo: Luzeiro, 1989

_____. **Amor de Perdição**. Juazeiro do Norte, s.e., 1951, 32 p.

O assassino da honra ou A louca do jardim. s.a., s.l., s.d., editor proprietário João José da Silva, acróstico CAETANO. 32 p.

BARROS, Leandro Gomes de. **A História da Princesa da Pedra Fina**. São Paulo: Luzeiro, s.d.

_____. **A morte de Alonso e a vingança de Marina**. São Paulo: Luzeiro, s.d.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Quem ama mulher casada, não tem vida segura**. São Paulo: Luzeiro, s.d.,

- CESÁRIO, Severino. **O encontro de Antônio Silvino com o valente Nicácio na vila de Trapiá.** s.l., s.d., p. 01, Acróstico: CESÁRIO, capa: Dila
- Descrição das mulheres conforme os seus sinais.** Juazeiro do Norte, 05/07/1956, s.a., Editor proprietário: José Bernardo da Silva, 8 páginas
- FILGUEIRA, Osvaldo. **A desventura de um corno ganancioso.** s.l., s.d. 8 páginas.
- MELO, Vicente Vitorino. **O exemplo dos quatro conselhos.** s.l., s.d., s.e., 24 p.
- NEVES, Gregório. **O príncipe encantado ou O passarinho verde-linho.** s.l., 1911, 16p.
- OLIVEIRA, Severino G. **A vitória do príncipe Roldão no reino do pensamento.** São Paulo: Luzeiro, 1993
- PONTUAL, José Pedro. **As aventuras de um corno conformado.** Olinda: Casa das crianças de Olinda, s.d. 8 páginas.
- REZENDE, João Camelo de Melo. **Coco verde e Melancia ou Armando e Rosa.** São Paulo: Luzeiro, s.d.
- SANTELMO, Amador. **Vida, Aventuras e Morte de Lampião e Maria Bonita.** Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes LTDA, 1958, 103 p.
- SENA, Joaquim Batista de. **História dos três irmãos lavradores os três cavalos encantados.** Juazeiro do Norte. Editor proprietário: Manoel Caboclo e Silva, 15p.
- _____. **O príncipe João Corajoso e a princesa do reino não-vai-ninguém.** Juazeiro do Norte: Editor proprietário- Manoel Caboclo, 1974, 32 p.
- _____. **A filha noiva do pai ou Amor, culpa e perdão.** Fortaleza: Tipografia Graças-Fátima e Folhetaria São Joaquim, s.d., 32 páginas.
- SILVA, João José da. **O príncipe que trouxe a sina de morrer enforcado.** s.l., s.d., 15 p
- SILVA, João Melchíades F erreira da. **A besta de 7 cabeças ou a Mulher embriagada de sangue humano montada em uma besta de 7 cabeças, segundo a profecia de São João Evangelista aparecia na Guerra Européia,** s.l., s.d., s.e.
- _____. **Combate de José Colatino com a carranca do Piauí.** s.l., s.d., s.e.
- _____. **A Guerra de Canudos,** s.l., s.d., s.e.
- _____. **História do Valente sertanejo Zé Garcia,** s.l., s.d., s.e.
- SILVA, Severino B. **O romance da princesa do reino do mar sem fim.** São Paulo: Luzeiro, 1979,
- SILVA, Minevino F. **João valente e a montanha maldita.** São Paulo: Luzeiro, s.d.
- SILVA, Severino Milanês da. **História do príncipe do barro branco e a princesa do reino do vai não torna.** Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco. Editor proprietário: José Bernardo da Silva, s.d., 16 p.